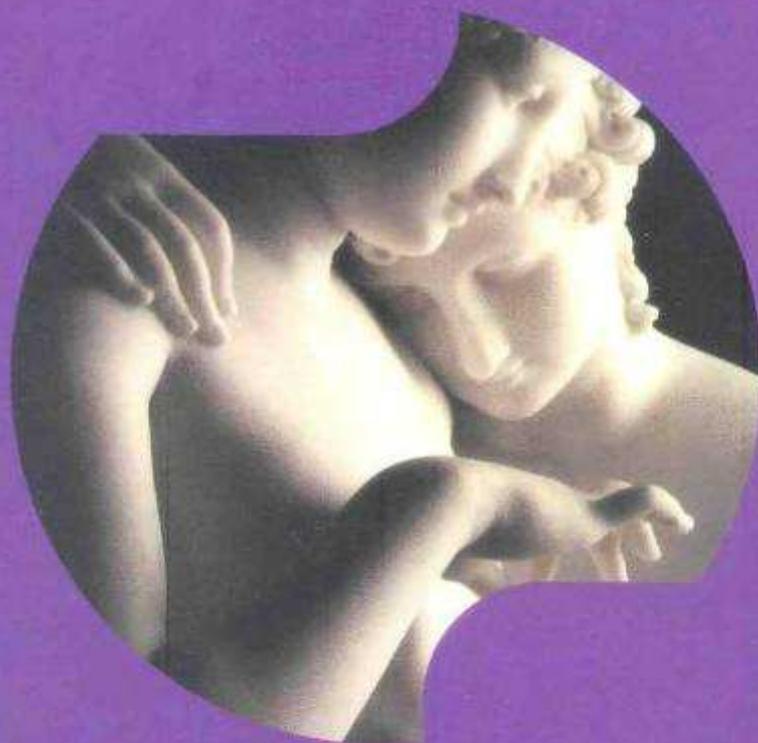


Sem tesão não há solução

Roberto Freire



20ª EDIÇÃO



TRIGRAMA

Roberto Freire

Sem tensão
não há solução



TRIGRAMA

Copyright © Roberto Freire 1990

Editor de texto: Sérgio de Souza
Capa: Máquina Estúdio
Revisão: Mauro Feliciano Alves

Direitos exclusivos para a língua portuguesa no Brasil
TRIGRAMA EDITORA
e-mail: trigrama@bol.com.br
São Paulo

Distribuição: Editora Fundação Peirópolis
Rua Girassol, 128 — Vila Madalena
05433-000 São Paulo — SP
Telefone: (0xx11) 3816-0699 e fax: (0xx11) 3816-6718
e-mail: vendas@editorapeiropolis.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem permissão expressa da Editora.

ISBN: 85-87972-02-2

CONTRA CAPA

Descobri que é chegada a hora de acrescentarmos ao tempo e ao espaço mais uma dimensão fundamental à vida no universo: o tesão.

Porém, não me refiro ao tesão do Aurélio, mas sim ao do Caetano, por exemplo. Para mim esse tesão não habita dicionários oficiais; entretanto, é o que anima e encanta os poetas tropicais.

Tesão sem passado, apenas contemporâneo e vertical, ele é produto semântico e romântico dos que sentem desejo pelo desejo, alegria pela alegria e beleza pela beleza. Mas pode linda tesão de quem sente desejo pela alegria, beleza pelo desejo e alegria pela beleza.

Sem tesão não há solução, além disso, é também um livro confessional. Por meio de entrevistas, confesso-me anarquista graças a Eros, poeta apenas de expressão corporal, romancista das sujeiras humanas cristalinas, terapeuta somente de mutantes e de coiotes, revolucionário por vocação herética, drogado assumido, público e autônomo.

Termino o livro com uma profecia anarcoecológica, em forma de manifesto: Tesudos de todo o mundo, uni-vos.

ROBERTO FREIRE

ORELHAS DO LIVRO

SEM TESÃO NÃO HÁ SOLUÇÃO

A obra de Roberto Freire poderia ser dividida em duas partes: a literária e a científica. Entretanto, como ele faz em sua vida cotidiana, o estudo e a pesquisa científica, hoje dedicados ao desenvolvimento de uma nova técnica terapêutica, misturam-se à

criação literária, sendo amalgamadas as duas dimensões pela ideologia e pela prática anarquistas.

Sim, *Sem Tesão Não Há Solução* está mais próximo de *Utopia e Paixão* (com Fausto Brito) e de *Ame e Dê Vexame*, por terem sido todos escritos sob a forma de ensaios psicossociológicos e políticos.

Entretanto, encontram-se nesses livros o mesmo estilo literário, o caráter confessional e a visão da realidade com que Roberto Freire criou seus romances *Cleo e Daniel*, *Coiote*, *Os Cúmplices*, *Liv e Tatziu* e *O Tesão e o Sonho*. Neles, toda a teoria em que se fundamenta seu pensamento é transformada nos elementos ficcionais mais importantes dos romances. *Sem Tesão Não Há Solução* tem sua maior originalidade na mistura de três tipos de materiais da reflexão do autor nos campos da política e da psicologia: ensaios, entrevistas e um manifesto sobre o que considera o ingrediente indispensável e mais importante para a saúde corporal e social do homem contemporâneo — o tesão.

No primeiro ensaio do livro, Roberto Freire estuda a transformação semântica por que passou essa palavra a partir do início da década de 60, espelhando assim as mutações humanas da juventude brasileira, apesar de toda a repressão e violência de que foi vítima nos últimos vinte anos. Estudar o tesão, hoje, para Roberto Freire, é avaliar os saldos de nossa atual liberdade e de nossa possível esperança.

Na segunda parte da obra, o autor utiliza vários depoimentos seus a jornalistas, sobretudo da imprensa alternativa e nanica. Com eles procura demonstrar a viabilidade das idéias libertárias aplicadas no cotidiano de sua vida. Fala de amor, de ciúmes, de drogas, de Aids e de tudo o que faz parte das novas realidades de vida, de relacionamento, de transformação individual e social da

juventude brasileira.

A última parte do livro é um manifesto sobre tesão, em forma de proposta para a ação política, visando uma sociedade realmente libertária e ecológica. Sentidos em estado de alerta, de prontidão, antenados, numa espécie de ereção vital, somática, geral.

Assim, tesão, muito simples e resumidamente, quer significar hoje o que sentimos sensualizando juntos a beleza e a alegria em cada coisa com a qual entramos em contato e com a qual nos comunicamos. Tesão seria, pois, a palavra que reforçaria e melhor qualificaria o amor nas relações afetivas dos jovens neo-românticos de hoje. O tesão, num sentido tão fisiológico quanto poético, seria a semente do orgasmo e a raiz das paixões.



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

“Nós não lutamos por um mundo no qual a garantia para não se morrer de fome troca-se pelo risco de morrer de tédio.”

Raoul Vaneigem

(Em *Tratado da sabedoria de viver para uso das jovens gerações*)

“Um porto alegre é melhor
que um porto seguro
para a nossa viagem
no escuro.”

Caetano Veloso

(Em *Menino Deus*)

PREFÁCIO PARA A 20ª EDIÇÃO

Esta é uma edição comemorativa, não apenas pelo número expressivo de exemplares vendidos deste livro, próximo dos cem mil. Mas, sobretudo, por sua permanência, com vendagem regular, desde o seu lançamento em 1987. Fato importante, para mim, foi ele ter exercido real influência na introdução e no uso da palavra *tesão*, com seu atual significado, na língua portuguesa falada no Brasil. Aliás, ela não há palavra correspondente em nenhuma outra língua, mesmo na falada em Portugal.

Antes, *tesão* era usada pelos jovens e estudantes, apenas entre eles. Hoje, parece estar bem difundida e usada em faixas etárias mais elevadas e em qualquer camada social, anteriormente considerada como chula.

Tesão é usada hoje nas canções populares, inclusive nas de grandes compositores. Também em jornais e revistas, nas rádios e televisões, bem como na literatura, exatamente com o significado que a juventude brasileira a transformou, semanticamente, acrescentando ao sentido de excitação sexual o de beleza sensual e de alegria erotizante.

Sem Tesão Não Há Solução exprime em forma e em linguagem simples — e que espero seja *tesuda* também — minha visão anarquista e revolucionária, através da ideologia do prazer, como eu a comunico em toda a minha obra literária e científica.

Se esse livro chegou à vigésima edição, provavelmente deve

ser porque ele próprio é também um tesão. O que me alegra muito, pois isso me faz perceber estar participando, de alguma forma, nas possíveis soluções para os nossos problemas existenciais e sociais.

Roberto Freire

Vicinde de Mauá, julho de 2000

Sumário

Introdução

Primeira parte

O tesão é nosso!

Segunda parte

O tesão nosso de cada dia

Terceira parte

O tesão da nossa esperança

Introdução

Como tudo o que escrevo, este livro levou muito tempo para ficar pronto. Tenho sempre mais o que fazer para ficar escrevendo o dia todo, todo dia, ano após ano.

Mas está pronto e sinto que resume boa parte de meu pensamento e de minha experiência como escritor e como somaterapeuta. Acredito que complementa, assim, o *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!* e o *Utopia e paixão* (com o Fausto Brito) e sirva de ponte ideológica para o *Livro da Soma* (uma terapia anarquista), ainda em preparação.

Como o material recolhido é de diferentes épocas e escrito de formas diversas, embora a tese tenha sido sempre a mesma, resolvi dividir o livro em três partes, separando os três tipos de estilos nos quais fui registrando minhas pesquisas e reflexões em Psicologia e em Política.

A primeira parte contém o material mais recente. São ensaios escritos no transcorrer de 1986. A segunda reúne uma seleção de entrevistas para jornais, desde o lançamento de *Cléo e Daniel* na forma de *Jornalivro*, em 1972, até as vésperas da edição de *Coiole*, em 1986. Para o final do livro reservei uma conferência, pronunciada em 1985, na qual sintetizei as idéias que fundamentam e orientam a minha luta e a minha esperança libertária. Essa conferência tem, para mim, o caráter de manifesto e de testamento político.

Roberto Freire

São Paulo, 18 de janeiro de 1987.

Primeira parte

O tesão é nosso!

1

É chegado o momento de acrescentarmos ao tempo e ao espaço mais uma dimensão fundamental à vida no Universo: o tesão.

Fritz Perls, que era alemão e escrevia também em inglês, deu a essa dimensão o nome de *awareness*. Palavra de tradução difícil para o português e, à falta de outra melhor, escolheu-se *conscientização*. Mas, para compreender o que Fritz queria designar por *awareness*, é preciso utilizar vários outros conceitos, além do estado de aptidão mental responsável: o estar física e emocionalmente em prontidão, alertas, atentos, disponíveis, sintonizados, sensibilizados, sensorializados, sensualizados a todos os estímulos internos e externos da vida cotidiana. Coisas que quase significam tesão no português falado no Brasil. Mas apenas quase, porque tesão é mais que isso.

Fritz devia ser um homem muito tesudo, sem dúvida, além de genial. Mas tanto a sua língua materna quanto a adotiva não possuem, talvez por puritanismo hipócrita anglo-saxônico e germânico ancestral, algo equivalente a tesão. Enfim, sentia e vivia uma coisa que lhe pareceu ser uma das dimensões fundamentais da vida no Universo, mas que não possuía nome próprio autorizado. Por isso socorreu-se de *awareness* para sugerir que, graças a essa dimensão, nós sentimos a vida à flor da pele, podemos fazer fluir e tornar disponíveis nossos potenciais

humanos e biológicos. Além disso, nos permite estar prontos para agir e reagir satisfatoriamente aos estímulos naturais e sociais, nos possibilitando também perceber e expressar de modo espontâneo os sentimentos e as emoções. Finalmente, ela nos faz criar, amar, jogar, brincar, lutar pelo simples e encantado prazer de estar vivo. *Awareness*, pois, nessa conceituação ampla de vida pulsando no tempo e no espaço, na duração e no ritmo de cada ser, representaria o que produz no homem o seu desejo-prazer essencial: a liberdade. Assim, por liberdade entenderíamos o tesão do tesão pelo tesão.

Mas a palavra tesão, hoje, no Brasil, tem um significado muito diferente do que consta nos dicionários da língua portuguesa e de como era pronunciada e entendida até a metade da década de 60. Tesão, agora, é muito mais do que tesão, porque de substantivo passou a ser adjetivo e está a pique de virar verbo quase completamente transitivo e pronominal: eu teso, tu tesas, ele tesa, nós tesamos, vós não tesais jamais, eles tesam.

Assim, se estudarmos o universo vocabular da juventude brasileira, encontraremos a palavra tesão como a expressão verbal-chave do seu conteúdo lingüístico atual. Torna-se imperioso, pois, para entender as mutações culturais contemporâneas, que se conheçam, tanto em profundidade quanto em extensão, as mudanças operadas na forma e na qualidade de vida das últimas gerações que as transformações semânticas ocorridas recentemente na palavra tesão estão a indicar. E vice e versa, sobretudo. Pois concordo com o pichador de parede que escreveu esta frase no muro de um cemitério em São Paulo: *Sem tesão não há solução*.

Mas que tesão é esse a que se referem o pichador e eu? É o que pretendo com este livro, o que venho pretendendo com a

Somaterapia e com a minha ideologia e ação anarquista. Mas vamos começar pela palavra em si, quer dizer, vamos começar pelo tesão do Aurélio.

Vejamos o que ele diz na edição que tenho do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de 1975. Para ele o vocábulo tesão vem do latim *tensione*, que pode ser traduzido por *tensão*. Mas significa força, intensidade ou manifestação de força, violência. Popularmente refere-se ao estado ereto do pênis, à potência sexual do desejo carnal, à excitação no sentido de *tesudo*, ao indivíduo que inspira desejos carnavais.

É claro que, em 1975, nas ruas e nas conversas de todos nós, tesão já não era mais apenas isso que o Aurélio registrou. Mas não se pode esquecer que dicionário e enciclopédia são o cúmulo da reserva cultural e histórica de um povo, ou seja, o oposto da dinâmica permanente de sua espontaneidade criativa cotidiana. Não é do tesão do Aurélio, pois, que estamos tratando.

Para melhor explicar isso vou lembrar de algumas frases que ouvi ultimamente, usando a palavra *tesão*. “O jeito de minha mãe comigo está um tesão, depois que ela se casou de novo.” “Pra mim a igreja de São Francisco é o maior tesão de Ouro Preto.” “Atualmente a informática é o meu maior tesão.” “Estava um tesão o frio de Mauá neste fim de semana.” “O meu tesão é maior que eu próprio.” “Tregar não acaba nunca o meu tesão.” “Só o Casa-grande parece jogar com tesão no Corinthians.” “Tá um tesão o meu amor por ela.” “Tenho mais tesão por música que por poesia.” “O Caetano é um tesão em tudo.” “Acho tempestade, muita chuva, muito vento, um tesão.” “Hoje eu estou com tesão sem rumo.” “Maconha só é um tesão partilhada na roda.” “Sinto tesão, fico de pau duro mesmo, assistindo balé.” “O doutor Alceu de Amoroso Lima sempre foi um tesão, mesmo depois de velho, mesmo falando

de Igreja.” “A feijoada da Lana é um tesão.” “Só consigo trabalhar direito no que me dá tesão.” Essas frases, como muitas outras de nosso cotidiano, mostram primeiro que a sensualidade e o prazer passaram a ser a principal referência para indicar a qualidade, a intensidade, a beleza, a originalidade e a importância das coisas e, segundo, como tesão não significa mais algo que tenha a ver apenas com excitação sexual ou genital. Hoje, perder o tesão significa também se desinteressar. Mas trata-se de um desinteresse que não é apenas mental, existencial, mas também corporal e sensorial, mesmo que seja por coisas com as quais não entramos em contato sensual e direto.

No seu uso corrente, a palavra tesão parece ter sensualizado tudo. E isso porque, na época atual, na consciência do homem novo, a sensualidade é a maior sinceridade das coisas, o que realmente interessa. Já foi o tempo do ascetismo, da inocência, do sacrifício, da coerência, da espiritualidade encarnada. Uma vez livre das repressões sociais e políticas através do sexo, os jovens descobrem que a sensualidade é a mais clara e intensa, a mais verdadeira e real sensação de estar vivo.

Em todas as nossas relações com a natureza, com as coisas e conosco mesmo, a cor e o sabor da vida parece mesmo decorrer da sensualidade. Indagando as sensações produzidas nas pessoas ao usarem a palavra tesão, elas afirmaram estar se referindo especificamente a algo que tem beleza, mas sem obedecer aos padrões estéticos convencionais ou da moda. Além disso, percebem nessas coisas um tipo de alegria muito próxima da ludicidade espontânea, como a dos jogos e dos brinquedos que transferimos da infância para o amor e para o lazer adultos. A terceira sensação nítida que se pode ter ao falar de tesão por alguma coisa é a do prazer pressentido, da exacerbação do prazer

corporal, de se estar com os sentidos em estado de alerta, de prontidão, antenados, numa espécie de ereção vital, somática, geral.

Assim, tesão, muito simples e resumidamente, quer significar hoje o que sentimos sensualizando juntos a beleza e a alegria em cada coisa com a qual entramos em contato e com a qual nos comunicamos. Tesão seria, pois, a palavra que reforçaria e melhor qualificaria o amor nas relações afetivas dos jovens neo-românticos de hoje. O tesão, num sentido tão fisiológico quanto poético, seria a semente do orgasmo e a raiz das paixões.

Devo, sem dúvida alguma, a Wilhelm Reich a melhor compreensão dos fenômenos sociais e políticos que levaram à transformação semântica da palavra tesão no Brasil. Porque foi ele que entendeu e difundiu a função do orgasmo, o papel do prazer sexual na liberdade e no cotidiano da vida humana. Com o livro *Eros e Civilização*, Herbert Marcuse mostrou a necessidade da presença do prazer nas lutas políticas contemporâneas. E pode ser encontrada no caráter nitidamente anarquista do movimento estudantil de maio, na França, e, simultaneamente, em todo o mundo, inclusive no Brasil, a presença do tesão comandando as revoltas e as ações políticas de massa contra o autoritarismo. Daniel Cohen-Bendit, o jovem líder do movimento de maio de 1968, assim intitula o livro em que relata esses acontecimentos em Paris e em outras capitais do Ocidente: *A Revolução que Tanto Amávamos*. Lendo-o e lembrando como se fazia revolução naquele tempo, descubro que o amor de que ele fala era exatamente o nosso tesão, como acabo de tentar definir neste capítulo.

2

A vida, para mim, não tem qualquer sentido. Ter nascido, estar vivo, ser eu mesmo o centro do Universo em termos de consciência, tudo isso eu sinto apenas como um fascinante, incompreensível e indesvendável mistério.

Não pedi e não escolhi de quem, por que, onde e quando nascer. Da mesma forma não posso decidir quando, como, onde, de que e por que morrer. Essas coisas me produzem a sensação de um imenso e fatal desamparo, uma insegurança existencial permanente.

O suicídio poderia ser uma contestação ao que estou afirmando, supondo-se que através dele posso decidir se quero ou não viver, que tenho algum poder sobre a vida. Mas quem me garante que o suicídio é realmente um ato voluntário? Acredito que todos os suicidas buscam a morte contra a vontade, violentando-se dominados pelo desejo onipotente de dar um sentido à vida e outro à morte, como se esta fosse um substituto para aquela e não apenas dois degraus da mesma escada em direção ao nada.

Mas como é que eu sei disso? Intuição e experiência, porque convivi com suicidas bem e mal sucedidos e eu mesmo já tentei me matar algumas vezes. Mas apesar disso não posso provar e garantir nada sobre o significado verdadeiro do que quer que seja, dentro ou fora de mim. Procuro apenas ser sincero na

compreensão do que constato no *durante* das coisas. Sinto-me uma honesta e franca testemunha do *enquanto* em meu viver.

Sei que sou como a maioria dos homens, para os quais a filosofia de vida não vai muito além daquilo que ensina a experiência dinâmica do prazer-dor. E sou também como as crianças que não entendem o mundo dos adultos e brincam de ser adultos nos faz-de-contas dos seus jogos infantis. Eu não entendo e nem explico a vida, mas brinco de vivê-la nos faz-de-contas dos meus jogos adultos que não visam decifrar esfinge alguma, mas sim curtir o mais possível com as caras delas.

Vivo emaranhado deliciosamente nas relatividades absolutas, intensas, apaixonadas e vãs de sonhos, delírios, visões, alucinações e deslumbramentos, que confundo com os aspectos surreais, fantásticos, mágicos e encantados da realidade.

De que jeito, pois, é que eu posso saber como e quando as emoções, os sentimentos e os pensamentos se produzem dentro de mim, se me percebo em relação à vida igual a um espelho refletindo e refletido, tanto na condição de objeto quanto na de imagem do que reflete e é refletido num outro espelho maior e paralelo? Sempre senti que era assim e, quisesse eu ou não, tudo continuou assim até agora. E não me espanto e nem me inquieto com isso. Apenas relaxo e aproveito o prazer de relaxar e aproveitar o que acontece entre os espelhos e nos espelhos.

Essa idéia de dois espelhos face a face, para explicar minha real e relativa posição diante do significado da vida, parece ter nascido quando aprendi que poderia ser $-r$ o raio do Universo, segundo a teoria da relatividade. A pessoa que me explicou isso, um amigo politécnico, o fez de um modo muito simples, talvez até traindo a complexa teoria do Einstein, mas serviu como uma luva para as minhas intuições sempre mais poéticas que científicas. A

idéia de $-r$ é oposta à de $+r$, que constitui o raio da esfera. Logo, a forma do Universo seria o inverso total da forma da esfera. Em lugar de possuir um lado de dentro, como a esfera, o Universo só tem o lado de fora, sendo o infinito o seu limite externo. Logo, o corpo do Universo corresponderia a tudo existente, inclusive cada um de nós em conjunto e só cada um de nós em particular. Por isso é que podemos nos sentir o centro do Universo, não importando que todos os outros seres humanos sintam o mesmo e ao mesmo tempo.

É um hábito antigo meu entrevistar permanentemente as pessoas que sabem qualquer coisa mais que eu. Isso significa estar sempre entrevistando todas as pessoas com as quais convivo. E o meu amigo politécnico entendia de relatividade, curti Einstein. Explorei-o ao máximo, mas pouco ou quase nada entendia de suas explicações matemáticas. Estávamos num bar de Saint-Germain-des-Prés, em Paris, nos idos de 1953. Então, certa hora ele falou que o raio do Universo era $-r$. Mas não conseguiu me comunicar o que isso queria dizer através de fórmulas algébricas e desenhos geométricos. De repente, tendo gasto inutilmente seu tempo e vários guardanapos com rabiscos a lápis, tentando me explicar ser $-r$ o raio do Universo, falou assim, dando às duas mãos a forma de concha e encostando o dorso de uma na outra:

— O Universo é assim... ele se abre para fora... não fecha nunca... assim. Agora, quer ver a esfera, com o seu raio r positivo?

Eu quis e ele colocou as duas conchas das mãos com as concavidades uma para a outra e tocou as pontas dos dedos da esquerda com os da direita.

— A esfera é assim... está fechada, cabe tudo dentro, só tem dentro, não tem fora, é uma coisa finita, acabada, entende?

Antes que eu confirmasse meu entendimento emocionado e

perplexo ele fez de novo a forma do Universo, encostando o dorso de uma mão na outra.

— Veja... no Universo não tem dentro, só fora... ou, se quiser, o fora total é que é o dentro. Entendeu?

Se entendi é o que 33 anos depois estou tentando reproduzir aqui. Mas será que foi isso mesmo o que o meu amigo politécnico tentou me explicar naquela longínqua madrugada parisiense, não sei por quê? Mas que foi um tesão, foi. E de tesões em tesões, quero ir relatando neste capítulo, sem aparente conexão lógica e formal, as bases do meu relativismo unicista e anarquista. Assim, somando essas fantasias poéticas e/ou científicas a uma outra que fui buscar nas teorias estruturalistas, acho que posso acrescentar algo mais para esclarecer o conteúdo e a forma do meu viver lúdico e aparentemente irresponsável, impulsionado pelo que chamo de tesão e que, se tiver raio, certamente será também *-r*.

Refiro-me à relação misteriosa e dinâmica entre o todo e as partes, existente na essência e na estrutura das coisas vivas. O seu todo é muito mais e outra coisa que a simples soma e a superposição das suas partes. Cada parte viva, resumida até o limite da unidade, contém em si, de modo sintético, cifrado e em potencial, o que é e significa o todo a que pertence. Da relação dinâmica entre o todo e as partes, surge a energia que sintetiza e cifra o potencial da vida nas partes e que se revela, se expande e se integraliza na organização do todo.

Estou falando, por exemplo, do mistério que produz nas sementes vegetais a presença dos potenciais da árvore adulta e, inclusive, o potencial desta produzir novas sementes da mesma espécie que, quando germinadas, produzirão árvores adultas, mas originais e diversas das que as geraram.

Esse grande e fascinante mistério, que relativiza todo o conhecimento e a experiência da vida, é a única coisa que não consigo relativizar. Mas sinto por ele um imenso e delicioso tesão. Ou é o meu tesão em forma absoluta que relativiza tudo a cada vivência ou experiência, gerando em mim amor e paixão? Esse mistério não se relativizaria também nas formas frustras, acidentais e descartáveis de alegria, prazer, beleza de nossos tesões lúdicos, porém verticais, de cada dia?

Finalmente, quero referir minha adesão às idéias de Carl Jung sobre a existência do inconsciente coletivo, como mais um argumento a favor de que o tesão é mesmo uma das três dimensões fundamentais da vida no Universo. O inconsciente coletivo seria o que conservamos em nós como potencial disponível, mas não consciente, da experiência adquirida pela nossa espécie em seus milênios de existência sobre a terra. Sabe-se que o desenvolvimento individual de uma criança, do nascimento à idade adulta, reproduz todas as etapas do desenvolvimento da espécie humana. Assim, o que se passa com cada criança ao aprender a sentar-se, depois a engatinhar, bem como ficar de pé e conseguir caminhar, seria uma reprodução do que fez o homem em seu desenvolvimento como espécie, evoluindo de macaco a primata e deste à condição de bípede humano, como *Homo sapiens*.

Enfim, o todo da história da humanidade existiria disponível, em potencial e de forma cifrada, em cada pessoa. O acesso ao inconsciente coletivo é feito de forma espontânea, constante e organizada, na vida desperta e na onírica, durante todo o desenvolvimento individual das pessoas, dependendo esse acesso dos estímulos e dos bloqueios culturais e sociais a que estão submetidas. Porém existe outro acesso importante à reserva

antropológica da nossa experiência e cultura ancestral: o ato criador.

Quando alguém cria um poema, uma teoria científica, uma estratégia de ação social, uma escultura, uma programação informática, uma melodia, uma receita culinária, uma fórmula de medicamento, enfim, quando se descobre algo novo para aumentar a sobrevivência física e o prazer de viver das pessoas, para a sua diversão pura e simples, para alegrar e dar mais beleza às coisas do cotidiano, para melhorar e aumentar a produção tecnológica, esse alguém foi buscar sugestões e energia no seu consciente e no seu inconsciente pessoais, mas, também e sobretudo, sondou e solicitou a participação do seu inconsciente coletivo.

As coisas novas, bonitas e úteis podem nascer em nós como fruto de nossa vida e de nossa experiência, mas pode acontecer também que sejamos apenas depositários e portadores de novidades bonitas e úteis que todas as gerações anteriores à nossa foram descobrindo, vivendo, esquecendo, acumulando, e que se transmitiram geneticamente de geração a geração, até que um de nós as revele criativamente, associando-as às que realmente conhecia através de seu consciente e inconsciente pessoais e buscava expressar. O importante, pois, é poder conhecer e traduzir para o consciente a linguagem do inconsciente. Como fazem os poetas e os amantes. Porque eles sabem, de um certo modo, que estaremos todos, sempre, em cada um.

A maioria dos grandes criadores sinceros já sentiu e já comunicou essa sensação de estar sendo uma espécie de tradutor, de comunicador da linguagem do inconsciente coletivo que existe igualmente em todos nós, mas que eles se especializaram em

decifrar e comunicar. A genialidade também tem sido explicada assim: habilidade mágica de revelar individualmente os mistérios do inconsciente coletivo. O valor da criação não seria, pois, poder constituir-se na fonte das águas da originalidade e da beleza, falando comparativamente, mas sim a capacidade ou a possibilidade de lhe dar vazão e de lhe garantir a liberdade para formar rios, bem como a de fazê-los, finalmente, chegar ao mar.

Essa relatividade do poder criativo, na qual a parte (cada criador) é também e sobretudo o escoador da potencialidade do todo (a espécie, a sociedade), pode também ser percebida num jeito inverso. No meu caso, sempre foi muito comum eu sentir a influência do inconsciente coletivo na minha identificação com a obra de alguns poetas. Costumo dizer, com envergonhada honestidade ou com humilde paranóia, que todos os poemas de Fernando Pessoa são meus, como se ele apenas tivesse revelado em seus versos o que já estava pronto poeticamente em mim.

Pela mesma razão não encontro outra explicação fora do inconsciente coletivo para a paixão e identificação geral, irrestrita e universal produzida pela obra de Carlitos e a dos Beatles, por exemplo. Identificação e paixão que é produto do tesão, coisa contrária da identificação e paixão do tipo religioso, por exemplo, como a por Jesus Cristo, ou do tipo político, em escala nacional, como a por um rei, por um herói, por um ídolo, por um governante que, como a religiosa, são produto da necessidade consciente ou inconsciente de poder.

Estamos, assim, concluindo pela existência também de um tesão antropológico e ecológico que mantém a ludicidade impregnada na natureza e na essência do homem. Este tesão o faz ligar-se, forte e apaixonadamente, sem necessitar nenhuma explicação consciente, a tudo o que lhe proporciona beleza, alegria

e prazer. Por isso, os homens livres jogam e brincam com a vida. Por essa razão é que podem não ser “sérios”, não ser “responsáveis” e não ser “coerentes”. É isso também que os leva a não ser, espontaneamente, nem mórbidos e nem pessimistas face às naturais ocorrências trágicas, próprias da fragilidade dos seres vivos.

Na cultura ocidental contemporânea existem duas correntes de pensamento trágico que nós, homens que optamos pela ludicidade de viver, devemos denunciar e combater: o Catolicismo e a Psicanálise. O Catolicismo centra sua ação catequética e sua liturgia na perseguição, tortura, desespero e morte de Jesus Cristo, impondo como simbologia principal o filho de Deus crucificado, assassinado. Nada mais trágico, mais triste, menos belo. Porém, a atração e fascínio que exerce, deve ocorrer por conta de uma forma de prazer sadomasoquista, próprio da fé cristã. Inclusive, a beleza mórbida e repugnante que alguns crucifixos podem possuir, não disfarça sua função mórbida e cruel de fazer os fiéis sentirem, ao contemplá-los, dor, culpa e remorso.

Nascida do pensamento de um homem genial, mas profundamente pessimista, triste, amargo e ressentido, a Psicanálise reflete as características da história da religião e da raça judaica no mundo. Sigmund Freud era um homem que, segundo seu discípulo Wilhelm Reich, permitia-se pouca convivência com o prazer, com a beleza e com a alegria lúdicos da existência comum, o que provam suas obras principais. Afirmar a existência, no homem, de um instinto de morte, é supor ser a morte um mal, algo destrutivo e não simplesmente a ausência, o fim da vida. A sua afirmação de que a morte é uma entidade equivalente à da vida, parece coisa mais de sua formação religiosa que da científica, pois ela sujeita o homem aos poderes políticos

(via religião ou via ciência) para ser exorcizado do mal inerente à sua natureza imperfeita. Isso os torna incompetentes e perigosos para a vida social, sem proteção, tutela e controle permanentes. Enfim, dependência, resultante da suposição de sua incapacidade natural para a autonomia e a autodeterminação.

Vivendo em sistemas políticos autoritários, aos quais tanto religião como ciência estão ligados, associados e dependentes, a visão trágica da existência é um dos suportes ideológicos mais poderosos e úteis para a sua manutenção. Assim, por exemplo, a análise infinita e inútil do complexo de Édipo. Para mim, não passa de um exercício de poder, tentativa de sujeição ao poder do pai, bem como ao do analista. Édipo, personagem da tragédia grega, que arranca os próprios olhos como punição para aliviar o sentimento de culpa por ter transado sexualmente com uma mulher que desconhecia ser sua mãe, mostra claramente como Freud, ao adotá-lo para simbolizar o complexo por ele descoberto, necessitava do sentimento trágico da existência para justificar a crença de que a vida lúdica dos homens estará inexoravelmente sujeita ao controle e punição por parte dos poderes autoritários e deuses antropomórficos, criados e utilizados por seus representantes na Terra.

Estou querendo concluir que a religião judaica e a cristã, bem como tudo aquilo que a elas está ligado, direta ou indiretamente, como a Psicanálise, por exemplo, representam o antitesão. Porque essas coisas existem apenas para combater e impedir o viver natural lúdico, e, sobretudo, o relativismo existencial que chamamos de liberdade. O tesão, assim, tanto o de fundo inconsciente (individual e coletivo na pessoa) quanto o consciente, é a principal arma que dispomos para lutar contra todas as tentativas de nos imporem as dependências, as

limitações e as culpas que impedem as mutações existenciais e culturais, que fazem do homem um ser revolucionário.

3

Venho utilizando a palavra relativismo para marcar meu desinteresse intelectual e ideológico por qualquer absolutismo existencial que não seja o do tempo, do espaço e do tesão. Porém mesmo estes, apenas quando formam um todo, criando a dinâmica da vida no Universo. É que espaço, tempo e tesão também se relativizam ao serem sentidos ou examinados em separado.

Além disso, o relativismo explica também a naturalidade existente na atividade lúdica do homem novo em sua vida cotidiana. O jogar e o brincar adultos traduzem nossa vocação para criar e amar, bem como a de lutar, também ludicamente, para nos garantir a liberdade relativa de amar criativamente e de criar amorosamente.

Logo, o relativismo assim compreendido e assumido afasta qualquer necessidade de poder hierarquizado e autoritário na organização das relações interpessoais, familiares e sociais, sobretudo de poderes que pretendem ser absolutos. Refiro-me a poderes como o de Deus, de Rei, de Estado, de Exército, de Pai e de Patrão. Sim, porque eles representam os referenciais não relativos da sociedade humana atual, além de se constituírem nas diversas formas de autoritarismo assumidas e exercidas de cima para baixo, desejando continuar assim para sempre e sem contestação alguma. Esse tipo de comportamento gera o antitesão,

porque sempre foram inconciliáveis, histórica e antropologicamente, o prazer, a alegria e a beleza com os exercícios de poder arbitrários.

Não resta mais dúvida alguma para mim que a necessidade de poder absoluto corresponde sempre a uma impossibilidade de se viver os prazeres relativos da existência cotidiana. A perda do prazer espontâneo cria nas pessoas, por mecanismos psicopatológicos de compensação perversa, a necessidade compulsiva de poder. Todo tipo de poder: o físico, o psicológico, o afetivo, o sexual, o econômico, o político. A forma de prazer que ainda sobraria nessas pessoas seria o de natureza sadomasoquista e paranóica: necessidade da dor alheia ou própria para se alcançar o prazer, necessidade essa comandada pelo fato de se sentirem pessoas superiores, especiais, e que por isso devem estar em constante estado de defesa e ataque contra inimigos, usando para isso o máximo requinte de crueldade e extrema violência. Assim, o prazer-dor de dominar, de mandar, de se apropriar e de explorar corresponde à dor-prazer de ser dominado, de ser mandado, de ser apropriado e de ser explorado. Verifica-se que o exercício desse tipo de poder substitui parcial e perversamente o prazer. Funciona em forma de cadeia nas organizações sociais autoritárias, fazendo surgir o gosto também patológico de ser dominado pelos mais poderosos. Nesse sentido é sempre elucidativa a leitura do *Discurso sobre a servidão voluntária* de Etienne de la Boétie.

Para ilustrar essas idéias posso citar o que se passa na hierarquia militar dos quartéis. Suponho ser a disciplina em que vivem os soldados algo bastante desprazeroso, mas, à exceção do soldado raso, na vida da corporação é sempre possível uma certa compensação (até meio prazeroso mas certamente perversa) de se

“vingar” nos inferiores o que se sofreu nas mãos dos superiores hierárquicos. Porém, mesmo o soldado raso, desde que fora dos quartéis, pode também realizar essa “vingança” vicária, exercendo sua autoridade e violência, apenas por ser militar, contra cidadãos considerados inimigos sociais e políticos, bem como contra outros soldados considerados inimigos nacionais.

No outro extremo dessa cadeia, os generais são obrigados a se considerar submetidos ao Presidente da República. E este exerceria então o poder máximo sobre todo o escalão militar. Mas sabendo que, em última instância, se houver democracia representativa, seu poder depende do voto popular. É claro que o povo deve achar isso irônico, mas tenta acreditar ser verdadeiro o dito que inventaram para consolá-lo: “A voz do povo é a voz de Deus”. Ele sabe que não é nada disso, está farto de saber que nessa ciranda do poder hierarquizado de forma sadomasoquista e paranóica típica da sociedade burguesa capitalista, fica sempre escondido o poder superior ao de Deus, aquele que comanda tudo, de modo absoluto: o econômico. O poder econômico é o que manda nas eleições, nos votos, nos representantes do povo, nos militares e nas pessoas do próprio povo. Ele é que nos vende a guerra e nos obriga a comprar a paz.

Mas, em verdade, até o poder econômico não consegue exercer sua força total e gozar todo o “prazer” possível e disponível na sociedade capitalista, porque não é único e nem uno. Na luta interna entre as facções que constituem o poder econômico, as jogadas paranóicas e sadomasoquistas chegam ao limite da mais absurda perversidade, quer dizer, para se conquistar o controle máximo e total do Poder, a ameaça chantagista definitiva que se faz é a seguinte: ou tudo para mim ou o apocalipse universal para todos.

Ao analisar dessa forma os perigos e inconveniências do poder para se sentir o tesão de viver, posso estar fazendo supor que a necessidade de poder não seja coisa natural na vida dos homens. Estou me referindo criticamente apenas à necessidade de poder que procura substituir a necessidade e o exercício do prazer. Porque há, na natureza política dos homens, outras razões e outros tesões que o levam a participar em lutas de poder nas quais tentam impedir a organização social que gere poderes autoritários patológicos e genocidas.

Estou de acordo com os antropologistas cujas pesquisas revelam que o ser humano passou a preferir o poder da posse e domínio sobre os outros homens ao prazer de conviver criativa e amorosamente com eles, quando inventou a agricultura (domínio da terra como fonte de riqueza), quando domesticou os animais e, conseqüentemente, quando escravizou também os homens pela força do poder físico, acrescido e reforçado pelo poder tecnológico e econômico.

Suponho ser esta a origem do autoritarismo na vida humana, gerando o poder do macho, o poder da família, o poder do capital e o poder do estado. Concordo pois, com Engels e com todos os outros pensadores e pesquisadores que encontraram dados antropológicos e sociológicos para confirmar essa tese. Assim, a adoção do autoritarismo resulta, para mim, de um trágico desvio do desenvolvimento filogenético e histórico da humanidade. Desvio esse que talvez se constitua na causa principal de sua possível e próxima extinção como espécie.

Embora essas constatações me preocupem como pesquisador e, às vezes, me desesperem como cidadão do mundo, como pessoa eu não consigo sentir ou pensar de modo pessimista e catastrófico em relação à vida e à sobrevivência dos homens na

Terra. Sou pessoa naturalmente lúdica e o meu tesão vital é do tipo adolescente. Se foi fruto de alguma mutação adaptadora o que gerou o autoritarismo humano, acredito que, nos últimos séculos, certamente outras e opostas mutações devem estar ocorrendo em nossos genes para corrigir esse desvio que provou ser contra e não a favor da manutenção da espécie e da vida no planeta. A dor de viver, a inviabilidade do amor, a fome e as guerras devem ter servido à Natureza como os principais fatores para essa nova correção genética.

Assim, acredito realmente, com Thomas Hanna, que após a revolução industrial teve início o surgimento do protomutante cultural, o homem do futuro, que corresponde à correção desse desvio do desenvolvimento antropológico que gerou o autoritarismo. Hanna assim o descreve e explica em seu livro *Corpos em revolta*: “As explosões do último século não foram em vão; de fato, uma das revelações renovadoras do momento é a de que nada do que realizam os humanos pode ser em vão. O que vinha acontecendo até então chega agora ao seu termo, e a longa ansiedade e os pressentimentos já não precisam esperar que o espectro se revele no horizonte. O espectro revelou-se, e, como todos os espectros, parece bastante diferente e menos assustador do que o monstro que imaginávamos de dentro da nossa caverna. O espectro corporificou-se; podemos vê-lo, e, vendo-o, chegamos a compreendê-lo, aceitamos e saudamos a sua inevitabilidade.

“Esse espectro que agora se corporifica não é um monstro. É um ser humano — um mutante e emergente ser humano: tão frágil, tão jovem, tão indecisamente orgulhoso quanto os primeiros elementos da proto-humanidade que abandonaram a proteção das árvores e atingiram a terra assustadora e provocante. O pai desse protomutante emergente foram todas as inteligências teóricas

criadoras que durante os dois últimos milênios tornaram possível a nossa estrutura social. A mãe foram todos os organismos de engenharia e tecnologia que trabalharam para dar à luz uma sociedade tecnológica, uma sociedade pós-industrial, que atinge agora a sua maturidade usando das suas possibilidades tecnológicas para corrigir o descompasso ecológico e a poluição que se originaram das suas bases industriais. A parteira foram todas as inteligências científicas e filosóficas que lutaram para guiar, interpretar e ajudar o que sabiam ser um parto difícil e doloroso. E é para elas — as inteligências prescientes de filósofos e cientistas dos últimos séculos — que devemos olhar, se desejamos compreender, interpretar e, em última análise, participar do nascimento de um novo e muito mais resplandecente ser humano.”

Os protomutantes culturais desprezaram o poder autoritário, passando a proclamar e a viver o tesão como a terceira dimensão fundamental da vida no Universo. E, estou seguro, serão eles os autores da Revolução Ecológica, que virá do futuro para o presente e desprezará totalmente a influência do passado, porque se trata de um fenômeno anti-histórico e antidialético, no sentido marxista clássico dessas duas expressões.

A dinâmica de sua história presente e futura obedecerá a uma dialética nova, pois sejam quais forem as teses e as antíteses, o tesão pela ecologia influenciará sempre as sínteses e representará o fundamento básico da ética ideológica dos protomutantes. Esse novo funcionamento do comportamento humano nunca será rígido, o mesmo e universal. Terá como característica original uma atuação variada em sua dinâmica, sendo sempre diverso, conforme exigir a variedade e a originalidade das situações ecológicas, históricas, sociais e

personais do momento. E dentro da consciência de cada pessoa e a cada instante, a realidade estará sendo vista e percebida através de movimentos contraditórios como na dialética tradicional, mas os protomutantes não vão se satisfazer com os estágios provisórios que forem sendo atingidos. Eles vão querer superá-los sempre: negar ao mesmo tempo o que afirmam e combater o que acabam de provar. Sua consciência será *polar*. Mas polar no sentido de que num extremo está a sua tendência natural social, que impele a pessoa a se integrar no meio ambiente em que vive e que forma a extensão externa mais imediata de seu universo. E, no outro extremo, está a sua outra tendência, também primária e natural, de se afirmar como individualidade, com realidade e identidade próprias. A sua sabedoria não consiste em colocar o barco ideológico e moral no rumo do meio-termo, mas saber quando é a hora de se associar aos outros e quando é o momento de se distanciar, quando é o tempo de pensar em si mesmo e quando é a hora de esquecer de si.

Esse “quando é a hora”, que constitui o núcleo da sabedoria do protomutante, está sempre ligado (no sentido de atento) e atuando de modo permanente. Ele só pode ser explicado como produto do tesão regulando e harmonizando a relação do espaço e do tempo na vida das pessoas livres. Assim, constatando que o protomutante se orienta fundamentalmente por seu tesão, concluímos que terá de ser lúdico o seu viver cotidiano, que vai combater por pura vocação todas as formas de autoritarismo, que seu prazer serve mesmo é para amar e para criar, que sempre vai encontrar um jeito potente e competente para se associar e conviver, para ser amigo, para ser amante e companheiro, para ser cúmplice e solidário com as pessoas que seleciona ao sabor das ondas e marés do seu encantado tesão cotidiano.

A idéia de poder, desligada de sua dependência ao autoritarismo, sugere coisas naturais e espontâneas como talento, vocação, habilidade, destreza, coragem, força moral, intuição, por exemplo. Coisas que, no seu exercício social, podem fazer com que algumas pessoas passem a representar certo papel de liderança sobre as demais que não são tão bem-dotadas deste ou daquele poder inato, desenvolvido e liberado. É de liderança, pois, que consiste o poder natural dos protomutantes.

Como se poderia entender o significado da liderança em associações nas quais não estaria existindo nenhuma forma de autoritarismo? Para isso vamos nos socorrer da genética que explica o conceito protomutante de “diferença”, um dos pilares de sua ideologia anarquista: a natureza necessita que os homens não sejam iguais uns aos outros, a fim de poder ampliar a amostragem e as alternativas na dinâmica da seleção natural. Assim, por exemplo, através de combinações genéticas infinitas, as pessoas são dotadas de potenciais criativos, de inteligência, de sensibilidade e de energia produtiva diferentes e diversos, quantitativa e qualitativamente. Associando essa constatação à melhor definição de inteligência e de criatividade que conheço, acredito ter estabelecido alguma base para falar sobre o papel das lideranças nas organizações sociais protomutantes.

Acredito que inteligência e criatividade possuem algo em comum, mas nenhuma delas é apenas isto: capacidade de solucionar o mais rápida e satisfatoriamente possível problemas novos e inéditos. Quero dizer que cada um de nós, conforme o código genético de nossa diferença biológica e cultural, é mais capaz e útil para resolver determinados tipos de problemas pessoais ou sociais, objetivos ou subjetivos, materiais ou espirituais. Assim, conforme as circunstâncias, vamos emergindo

como líderes no meio social, favorecendo o desenvolvimento dinâmico e a organização de nosso grupo. Porém só emergiremos quando a solução para os problemas surgidos estiver requerendo uma inteligência e uma originalidade criadora como as nossas. Considero, pois, a liderança algo que é, além de emergente, também circunstancial, temporária, descartável e recorrível. Até as lideranças emergentes se tornam autoritárias se se estratificam, se se impõem e se tornam estáveis, estáticas, únicas e permanentes.

Sendo assim, na organização da vida social dos protomutantes até os exercícios do prazer e do poder de liderança se enquadram no relativismo lúdico geral da vida, tornando-se assim um grande tesão ser líder e ser liderado dessa forma. Como os protomutantes só podem se associar de forma anárquica, tanto para conviver quanto para produzir, a sua dinâmica organizativa, além de funcionar através de uma dialética ecológica, irá também descobrir maneiras originais e específicas de funcionamento em autogestão. Isto quer dizer que a sua produção é projetada, organizada, financiada, gerida, controlada e utilizada por quem produz, recaindo seus benefícios e seus lucros de modo proporcional à qualidade e à quantidade de trabalho criativo realizado por cada produtor. A decisão a esse respeito é tomada por todos aqueles que produzem. Suponho que será dessa forma que os protomutantes vão organizar a autogestão no trabalho coletivo. Mas, para que essa organização social vingue de maneira realmente libertária, temos de conhecer como seria a autogestão protomutante também nas relações afetivas e no conviver social comunitário. Só aí, então, vamos entender como o espontaneísmo relativista e anarquista necessita, para ser integralmente vivido, do funcionamento autogestivo em todos os níveis do

relacionamento social dos protomutantes. Eles devem descobrir e inventar, em cada caso, a forma original, nova e adequada para organizar autogestivamente o relacionamento amoroso e sexual a dois, bem como a maneira original, nova e adequada para organizar autogestivamente uma amizade, uma família, uma fábrica, uma fazenda, uma escola, um teatro, uma orquestra, um centro ou uma federação política.

Claro que para os protomutantes conquistarem seu lugar ao sol na sociedade contemporânea, além de enfrentar os conservadores de toda espécie, terão de descobrir qual é a disciplina a adotar para melhor e mais eficiente rendimento amoroso, criativo e produtivo de sua ideologia na ação.

Parece, à primeira vista, sobretudo para os que ainda o tem enrustido e reprimido, não ser fácil disciplinar o tesão. Sem dúvida, mas para entender isso direito faz-se necessário primeiro investigar os conceitos de disciplina, responsabilidade e imaturidade para os protomutantes. Penso que não existe nada tão rigidamente disciplinado quanto as forças da Natureza que produzem o dia e a noite, as marés, as ondas do mar, as chuvas, os ventos, a vida vegetal e animal, as estações. Tudo no Universo obedece a um tipo de disciplina rígida, mas contraditória também. Por exemplo, o inverno ocorre exatamente na mesma época do ano, não falha, mas nunca um inverno é igual ao outro. Isto quer dizer que na Natureza, fazendo uma comparação com a criação musical, a vida se organiza num modelo rítmico mais ou menos rígido de tempo e de espaço, mas é todo livre o seu tesão, que varia segundo as circunstâncias produzidas por variáveis para nós imperceptíveis e que geram sempre novas e originais melodias e harmonias. O sol se põe diariamente, mas nunca o crepúsculo se apresenta igual, no mesmo horário e no mesmo lugar. Nem sua

forma, cores e beleza são as mesmas, variando infinitamente segundo as estações e a cada dia.

Suponho que a disciplina na organização da vida dos protomutantes obedece a um referencial sempre biológico, quer dizer, a algo que se impõe de dentro para fora, da espécie para o indivíduo. Essa disciplina vital e social que o tesão produz, organiza e hierarquiza, constitui-se, simultaneamente, na sua fonte energética e na que produz a auto-regulação espontânea em suas vidas.

A atitude relativista — a busca do tesão e o comportamento lúdico dos protomutantes em seu cotidiano libertário — pode ser encarada como imaturidade e irresponsabilidade pelos tradicionalistas. As pessoas sérias e que vivem sob e no controle de valores absolutos, colocam o dever antes do prazer ou o dever em lugar do prazer. Talvez o único prazer possível para eles seja a sensação aliviada e orgulhosa do dever cumprido a qualquer custo. Essa atitude perante a vida convencionou-se chamar de comportamento responsável, que é exatamente o contrário, na teoria e na prática, do comportamento tesudo.

Entretanto, quando se trata de fazer uma avaliação do comportamento social das pessoas, esbarramos sempre com as dificuldades criadas pelas alterações semânticas ocorridas nas palavras que designam e qualificam esses comportamentos. Mas é preciso entender que tanto as palavras como a linguagem não se transformam por elas mesmas. As palavras deveriam designar apenas os fatos, mas acontece que, embora os fatos se transformem, as palavras continuam as mesmas, ou, o que é ainda mais freqüente, as palavras que designavam uma coisa em sua origem passam a designar outra mais tarde, através de uma espécie de decreto lingüístico que sempre deriva de decretos

anteriores e correspondentes de natureza política. Aqueles que lideram e determinam a organização do poder social podem também modificar o significado e o valor das palavras que comunicam e expressam mecanismos desse poder. Além disso, o que mais impressiona na análise do comportamento das pessoas submetidas a poderes autoritários é como elas acreditam que as palavras são as coisas e não que apenas as representam simbolicamente.

Tudo isso foi dito para afirmar que o uso da palavra responsabilidade é algo indevido e impróprio, porque ela não significa qualquer ato moral, atestando sua capacidade de cumprir obrigações e deveres, como também não designa pessoa confiável e disciplinada. A origem latina da palavra responsabilidade significa apenas a capacidade de dar resposta e, supõe-se, capacidade de dar respostas adequadas, próprias, originais e satisfatórias a estímulos que se recebe. Claro que cada resposta reproduz nossa ética, nossa ideologia, nossa psicologia. Em síntese, quero dizer que ser mais ou menos responsável corresponde à relação dialética entre o nosso medo e o nosso tesão no viver cotidiano.

Assim, quando se diz que alguém é responsável, logo me pergunto se ele está sendo saudável e, portanto, capaz de responder satisfatoriamente aos estímulos que recebe. Quero saber se, fundamentalmente, ele tem a sua originalidade como referencial para a qualidade e a sinceridade dessas respostas. Enfim, estou investigando se sua responsabilidade é auto ou heterorregulada. Isso porque, dentro do significado atual e deturpado da palavra responsável, percebe-se nitidamente a influência de heterorregulações.

Sendo desse jeito, quando me acusam de irresponsabilidade

e percebo que a palavra foi usada no contexto da deformação semântica de seu significado original, então eu aceito a acusação que passa a ter, para mim, sabor de elogio. Porque é papel dos protomutantes atuarem irresponsavelmente na sociedade capitalista autoritária. Por exemplo, eles devem se comportar de modo irritante e irresponsável no combate ao desenvolvimento tecnológico que fere e envenena o meio ambiente. Eles devem amar e gozar irresponsavelmente e, irresponsavelmente, viver segundo o seu tesão e a sua ludicidade.

Disse também que a acusação de imaturidade vem sempre junto com a de irresponsabilidade para qualificar o modo de viver dos protomutantes. Para os adultos sérios, as crianças devem ser ensinadas a viver como adultos, e as que se tornam adultos sem um bom aproveitamento de seus ensinamentos nesse sentido são consideradas pessoas imaturas, portanto neuróticas e incompetentes socialmente. Observa-se que, nesse caso, usou-se a palavra imaturo para designar outras coisas, como subversivo, resistente, inadaptado. Porém o que mais freqüentemente justifica essa qualificação de imaturidade para aqueles que não se submetem à pedagogia autoritária é o seu hábito escandaloso, indecente mesmo, de brincar e jogar com a vida, coisa que os reduz inevitavelmente ao comportamento infantil, imaturo e irresponsável.

Quero concluir este capítulo afirmando que sem tesão é impossível e inútil querer nos disciplinar, ser responsável e amadurecer. Sem tesão não se faz revolução.

4

Algumas das principais características da alma burguesa no regime capitalista são seus desejos, seus sonhos e suas promessas de felicidade. Eu disse alma referindo-me ao espírito religioso das pessoas, especialmente aquelas de parâmetros católicos e judaicos, que fazem e dominam a cultura ocidental.

Mas sei que em todos os sistemas políticos autoritários sempre se foi buscar a promessa de felicidade como algo a compensar aqueles que, pelas injustiças e violências desses próprios regimes, são obrigados a viver na miséria, na fome, no sofrimento físico e moral.

As religiões de toda natureza e de todos os tempos, desde que ligadas ao poder político, encarregaram-se de construir o sonho e a promessa de felicidade através do poder da fé. Porém o seu cinismo, a sua grande chantagem foi o oferecimento da felicidade apenas para depois da morte. Inclusive, essa felicidade celestial seria tanto maior quanto maior também tivesse sido a capacidade individual de suportar todo tipo de sofrimentos dos quais foram vítimas.

O poder da fé, pois, visa uma inversão da natureza animal do homem, que reage por meio de mecanismos biológicos defensivos a tudo o que ameaça e fere a sua integridade vital. Nos fazer suportar a própria desintegração física e desejar a morte é algo que nega o sentido e o valor da vida. Nenhuma outra espécie

animal suportaria isso sem a sua conseqüente extinção. Quando a minoria poderosa dos homens consegue da maioria escravizada que despreze a vida e deseje a morte, ela está consumando o assassinio filogenético da espécie. Mas tal fato não os comove, porque acreditam não ser em sua geração que isso vai acontecer. E nada os convencerá, porque procuram não se dar conta de que a sua espécie faz parte de um sistema ecológico natural que necessita, para manter todo o conjunto em equilíbrio vital, que a maioria de seus elementos esteja em estado satisfatório de saúde individual, bem como em boa integração com o seu grupo social e com o meio ambiental.

Logo, é óbvio não ser o tesão aquilo que pode levar as pessoas à felicidade no Brasil, por exemplo, enquanto continuarmos submetidos ao capitalismo burguês. Somos o maior país católico do mundo, porém aqui morre uma criança a cada dois minutos, outro recorde nosso, de fome, de doença e desamparo. Mas isso não é muito grave, pois estão todas elas destinadas à felicidade eterna no céu. E nós, seus pais, se conseguirmos suportar sem indignação e revolta a morte prematura, injusta, criminosa de nossos filhos, também teremos esse destino venturoso. Não, evidentemente o tesão não tem nada a ver com esse tipo de felicidade!

Estudando o poder da fé religiosa do ponto de vista psicopatológico, como já fizemos no capítulo anterior, não tenho mais a menor dúvida de que a proposta de felicidade oferecida pelos regimes autoritários, ligados e avalizados moralmente pelo catolicismo e pelo judaísmo, é uma inequívoca chantagem, procurando levar as pessoas que as praticam e que a elas se submetem ao comportamento conhecido em Psiquiatria como sadomasoquista. Para maior clareza do leitor não especializado e

procurando ser o mais contundente possível, devido à importância do assunto, vou definir outra vez o comportamento sadomasoquista. Ele se caracteriza pela existência de um bloqueio à vivência direta e natural do prazer biológico (em todos os planos e, inclusive, no sexual) e conseqüente desenvolvimento da necessidade de um prazer perverso e destrutivo produzido pela dor que se pode sentir ou que se pode fazer os outros sentirem.

Não pretendo demorar-me aqui na demonstração de como o catolicismo sempre pretendeu, através da felicidade no paraíso, levar o homem comum ao abandono da busca permanente do seu prazer, além de fazê-lo conformar-se com o uso e abuso de sua pessoa. Essa forma de viver sadomasoquista dos católicos torna-se óbvia para os que dela já se libertaram, e os demais, por a estarem praticando cegamente, não têm condição alguma de percebê-la. De qualquer modo, a ciência vem se ocupando cada vez mais do assunto, procurando demonstrar seu conteúdo patológico. A antipsiquiatria, inclusive, já provou como, através das doenças mentais fabricadas, consegue-se eliminar das pessoas seu potencial biológico e ideológico de contestação às formas religiosas e/ou políticas de dominação autoritária. Já não tenho mais dúvida alguma, hoje, de que reacionarismo político e fé religiosa fazem parte do que produz a sintomatologia da doença mental.

Quero me deter agora sobre outros caminhos usados freqüentemente para se chegar à felicidade, nos quais se pratica outro tipo de comércio. Vou começar por aquele em que as pessoas acreditam poder comprar, apropriar-se e expropriar a felicidade para si por meio de um outro capitalismo, porém este de características só terrenas e, sobretudo, pagãs. Não seria pelo poder da fé, do sacrifício, da submissão e da autopunição que se

chegaria à felicidade. E, como se verá, não será também, claro, pelo tesão.

Quem não é e nunca foi católico, protestante ou judeu sabe perfeitamente não ser bom negócio tornar-se vítima, sofrer qualquer tipo de humilhação ou sofrimento para alcançar a bem-aventurança. Aliás, é bom não esquecer que a maioria dos católicos, protestantes e judeus ambiciosos de poder prefere para si este caminho, reservando o outro, o do tipo religioso, penitente, para as demais pessoas de suas crenças. Claro, eles sabem que a forma de felicidade que sonham pode ser obtida direta e eficazmente pelo poder político e/ou pelo poder econômico. Mas, em todos os casos, em nossa forma de organização política, fica para mim evidente que a felicidade pessoal é produto direto e inevitável da infelicidade social. E mais: parafraseando Proudhon, estou seguro de que assim como a propriedade, toda felicidade pessoal é também um roubo.

Logo, como o tesão não se consegue obter por meio da fé, não se pode comprar, nem alugar, nem emprestar e, sobretudo, como o tesão é impossível de roubar, fica evidente que ele não é fruto e nem pode produzir a felicidade dos capitalistas, dos burgueses e dos religiosos.

Dizer que o dinheiro não compra a felicidade é, realmente, um equívoco. Existem pessoas cujo desejo de ser feliz as torna insensíveis e indiferentes à infelicidade geral que o acúmulo excessivo de dinheiro nas suas mãos está produzindo. Assim, sentem a sua forma própria de ser felizes, comprando com dinheiro o que lhes dá prazer usufruir sempre à custa da dor e da infelicidade dos outros.

Outro caminho, aliás o mais popular, com o qual se busca a felicidade, é o do amor. De uma certa forma, assemelha-se ao da

religiosidade, sobretudo quanto à sua ingenuidade de um lado e o fanatismo de outro. O mais curioso a seu respeito, é que o amor tem se demonstrado, através dos séculos e em todos os regimes políticos autoritários, tão impotente quanto incompetente para realizar os sonhos de felicidade da maioria das pessoas. Entretanto, isso não lhe tira nem o prestígio nem a popularidade junto aos jovens amantes românticos de todos os tempos. Não é de estranhar, pois, que seja aprovado e estimulado pelo poder político, além de abençoado pelo poder da fé.

Para se entender essa contradição é necessário nos reportarmos a outra contradição, esta ainda mais profunda e mais complexa: o homem tenta sobreviver a qualquer custo, mesmo que não haja mais qualidade alguma e sentido nenhum em sua vida. Julgo que isso só possa ser explicado pela louca e vã esperança que o ser humano alimenta em relação ao poder do amor.

Já se viu alguma forma de vida e de trabalho escravo à qual o homem foi submetido, na qual lhe tenha sido negado o direito a uma companhia para o afeto e para o sexo? Um mínimo de afeto, qualquer possibilidade de satisfação sexual, além de procriação garantida, mesmo nas condições mais miseráveis e sórdidas, parecem suficientes para garantir a circulação da energia vital necessária no corpo das pessoas e para alimentar a sua ilusão de felicidade. Ilusão que justificaria o fato do homem se submeter à escravidão. Essa capacidade de resistir vivo, mesmo como escravo, não pode ser explicada sem se recorrer ao poder da fé, do qual o poder do amor seria apenas uma subsidiária ou uma eventual encarnação.

Já afirmamos e reafirmamos inúmeras vezes que o prazer obtido pelos poderosos tem caráter sadomasoquista. Mas, como é sentido e vivido, esse tipo de prazer pode ser realmente

considerado felicidade? Refiro-me à felicidade fruto da compra pura e simples, da apropriação indébita e da expropriação autorizada e impune, como aquela do ladrão que rouba de ladrão.

Para que o homem se permita substituir o prazer de viver pelo poder de ter, algo aconteceu antes em sua fisiologia e em sua psicologia naturais e espontâneas. Sinto que o poder do amor (o homem, infelizmente, vai descobrir isso sempre tarde demais) não é um poder em si mesmo e não serve para qualquer outra coisa a não ser para as pessoas se atraírem, se satisfazerem e se reproduzirem, realizando impulsos biológicos e não políticos.

Se não se trata de um poder, mas sim de um impulso fisiológico, o amor só serve mesmo, sem perder suas reais características e finalidades, para se amar. E o que significa amar, além daquilo que explicam a fisiologia e a biologia? Não sei, não sei mesmo. Eu sinto, eu conheço, eu preciso, eu me delicio, eu me acabo por ele e com ele, mas não sei o que ele é. Porém, quando eu o uso como poder, contrariando sua natureza, sei perfeitamente no que ele se transforma: a maior e mais perigosa arma de chantagem autoritária que existe, através da qual se invalida o impulso da liberdade das pessoas, sobretudo enquanto amadas e amantes. A realidade, pois, é esta: pela chantagem amorosa, quando usamos o amor na forma de poder, podemos seduzir, dominar, nos apropriar, comandar, reprimir, castrar e até matar as pessoas, apenas com ameaças de retirada, com a própria retirada e com a perversão do nosso amor. Mas para que isso aconteça, para que possamos manipular a vida das pessoas que nos amam e que dependem de nós, elas necessitam supor que somos o melhor, o maior, o único amante possível em suas vidas. Essa será a tarefa básica da sedução como instrumento de poder no amor.

Mas será sempre catastrófico o resultado da utilização do amor a serviço do poder político autoritário, porque manipulado dessa forma vai ocorrer, infalivelmente, a destruição do próprio amor. Vai morrer aquilo que nas relações afetivas e sexuais fruímos como prazer natural: o tesão e o orgasmo, frutos da liberdade e da autonomia de amar.

A grande decepção dos amantes que buscam a felicidade (estado de prazer permanente, institucionalizado) através do amor é produzida pela sua incapacidade em aceitar que, como todas as coisas vivas, o amor também tem um começo, um meio e um fim. Nem seu tempo, nem seu espaço e nem o seu tesão podem ser determinados e controlados por razão da vontade e pela força de poder. Assim, às vezes somos obrigados a perder um amor precocemente, ou a ter de suportá-lo desnaturado, moribundo ou mesmo morto. Só a liberdade e a autonomia nos ensinam a aceitar biológica e humanamente o tempo, o espaço e o tesão das coisas vivas.

Creio já ter conseguido expor todas as razões que me levam a concluir ser a felicidade algo impossível de se atingir sem a deformação biológica e psicológica do ser humano e, mesmo quando isso é realizado, não se trata de prazer saudável e libertário o que se conseguiu, mas, exatamente, a sua contrafação: o poder autoritário e patológico. Logo, definitivamente, a felicidade é uma coisa impossível de ser alcançada. Em verdade, acho que ela não existe e nem é, sequer, necessária. Penso mesmo que sua ideologia deve ser fortemente combatida tanto como estratégia política ou como delírio religioso e patológico, produzidos ora pela fome e ora pelo desespero, tanto pela miséria quanto pela carência amorosa, mas sempre, em quaisquer situações, manipulados pela paranóia autoritária do poder.

Afirmo que o sonho capitalista burguês de felicidade deve ser combatido de forma constante e efetiva, seja no plano político ou no plano psicológico, porque a sua ideologia nasce de pessoas incapacitadas para qualquer tipo de opção livre e que já se submeteram, voluntária ou involuntariamente, a uma vida de incompetência e de impotência orgástica vital. Assim, a esperança de vir um dia a ser feliz transforma-se, para eles, numa espécie de droga que os torna dependentes. Essa dependência, pelo menos, os mantém aparentemente vivos, embora sem tesão algum e anorgásticos, quer dizer, mortos, mas ainda insepultos. Por essas razões admito que foi incompleta a frase famosa de Marx, quando disse ser a religião o ópio do povo, pois me parece que também o são o amor e o poder político, inclusive o marxista que promete o paraíso comunista aos soviéticos há quase um século.

Esses fatos podem nos levar à afirmação de que na sociedade burguesa os mortos comandam os vivos, num processo de desvivência progressiva, contra o qual, nós, os que optamos pela ideologia do tesão, temos de nos insurgir de forma radical e violenta. Eu, por exemplo, com este livro, estou berrando que morro, mas não desvivo!

Claro que o inimigo do tesão universal está muito bem armado e treinado para as batalhas cotidianas. Além das bombas nucleares, dos mísseis, da informática a serviço dos doutores fantásticos civis e militares, da mentalidade moralista duplovinculadora (digo, chantagista) da família burguesa, do consumismo capitalista estupefaciente, da burocracia autoritária socialista, da antiecológica poluidora e predatória, eles podem ainda contar com os poderes adaptadores da Psicologia Analítica e da Comportamentalista, com os policiais de branco da Psiquiatria tradicional e com as armas químicas da Indústria Farmacêutica

dos psicotr3picos e dos psicoanal3pticos.

Mas, felizmente, apesar de tudo, estamos com a vida do nosso lado e eles, os profetas da Felicidade, algum dia tamb3m compreender3o que sem tes3o n3o h3 mesmo solu33o. Mas, ainda alucinados e insaci3veis, est3o muito longe de se convencer, como n3s, modesta e espertamente, que em lugar de qualquer tipo de felicidade aqui e no al3m, buscamos simples e naturalmente a alegria. Alegria, coisa t3o incerta como o vento, que tem dia que vem, dia que n3o vem, que 3s vezes 3 t3o forte que vira tuf3o, outras parece apenas brisa suave, que pode vir do sul ou do norte, do leste ou do oeste, mas que vem, queiramos ou n3o, na hora ou no jeito que bem entender.

Est3 claro que alegria subentende prazer, mas um tipo de prazer do qual se origina toda a teoria do tes3o. Enunci3-la de modo simples e direto facilitar3 a compreens3o das conclus3es que me conduzem 3 aboli33o da palavra felicidade do meu vocabul3rio, e, inclusive, a elimina33o de seu conte3do em minhas utopias e paix3es libert3rias no cotidiano.

Suponho a vida uma pulsa33o, com a qual o ser vivo expressa sua exist3ncia atrav3s de s3stoles e di3stoles (contra33o e expans3o) alternadas. Acredito ser o metabolismo animal sua dial3tica elementar e fundamental. Por metabolismo entendo o mecanismo biol3gico autom3tico do ser vivo, atrav3s do qual faz troca de coisas essenciais 3 sua vida com o meio ambiente, possibilitando sua alimenta33o, crescimento e reprodu33o. Assim, n3o se pode fugir 3 constata33o de que o ser vivo n3o disp3e de outro referencial para dar sentido, dire33o e significado 3 sua vida que n3o seja o prazer de realizar livremente pulsa33es e metabolismo. A palavra prazer, aqui, tem um significado prim3rio, mas essencial: satisfa33o pelo exerc3cio puro e direto da vida em si

mesma. Face a isto, somos levados, imediatamente, também a acreditar que a dor ou ausência de prazer sejam os indicativos naturais a respeito daquilo que não dá sentido, nem direção, nem significado, nem possibilidade à vida. Podemos, pois, concluir ser, biologicamente falando, através do prazer e da dor que o ser humano, como qualquer ser vivo, exerce, orienta e expande seu potencial energético.

Proponho, agora que já expus minhas observações e reflexões básicas, que é a alegria o estado de saúde animal que deveríamos buscar e com o qual teríamos que nos satisfazer em lugar da felicidade. Falo de alegria entendida como a expressão gostosa, saborosa, orgástica e encantada do funcionamento satisfatório e equilibrado de nossa energia vital no plano físico, emocional, psicológico, afetivo, sensual, ético, ideológico e espiritual. Tudo isso significa também metabolismo, num sentido amplo. David Cooper já escreveu sobre essas coisas. Com ele me tornei antipsiquiatra e foi também com ele que aprendi a aceitar ser infeliz ou afeliz, embora levando uma vida bastante alegre, porque às vezes gostosa, saborosa, orgástica e encantada.

O que torna possível e real a alegria parece-me ser o fato dela não se produzir a toda hora, sempre da mesma forma e em intensidades semelhantes. Isso porque a alegria não é um estado como se supõe ser a felicidade, mas sim uma sensação. Como tal deve ser, por natureza, sempre lábil, instável e furtiva, como acontece com as coisas que não existem por si próprias. Sua presença e significado existencial dependem da relação permanente que mantém com o seu oponente, que é o outro lado da mesma coisa, a outra face da mesma moeda, como se costuma dizer, referindo-se às duas partes de uma unidade dinâmica. Refiro-me, é óbvio, à dor, como o complemento dinâmico e

dialético da unidade biológica e bioenergética que conhecemos por sensibilidade animal. Unidade que é composta pelas duas percepções e sensações básicas do ser vivo em relação ao seu meio ambiente: o prazer e a dor, expressando o sim e o não primários à vida e à não-vida.

Portanto, quando satisfazemos nossas pulsões e impulsos biológicos, em qualquer instância de nossa vida animal e humana, bem como realizamos com liberdade todos os tipos de metabolismos de que somos feitos funcionalmente, sentimos simultaneamente a maior presença do prazer e a menor presença da dor. Numa situação oposta, sentimos a maior presença da dor e a menor presença do prazer. Entretanto, em nenhuma hipótese vital haverá a ausência completa tanto da dor quanto do prazer, seja no que se passa numa só instância de nossa vida, como na afetiva, por exemplo, ou seja no que estará ocorrendo simultaneamente nas outras instâncias, nas quais o equilíbrio da relação prazer/dor será sempre diferente em cada pessoa e a cada momento, na dependência das circunstâncias variáveis e imprevisíveis da vida pessoal e social.

Enfim, estamos falando de uma alegria cuja localização no espaço e duração no tempo dependem exclusivamente de como vamos fruindo o nosso tesão de estar vivo. E vice-versa, pois é preciso não esquecer também que o tesão de viver só é possível ser alcançado se a vivência biológica e espiritual da pessoa pende mais, proporcionalmente, para o lado do prazer. Mas ninguém pode estar sentindo prazer por qualquer coisa se não sentir também, e ao mesmo tempo, alguma dor no contato ou vivência com o oposto do que nos causa prazer. Portanto, colocar o prato da balança com mais peso no sentido do prazer nos obriga a fazer uma opção ideológica e, em seguida, uma ação política que nos

leve à rejeição do que nos causa qualquer forma de dor e, simultaneamente, a opção pela vivência mais plena do que nos provoca prazer. Estou querendo dizer que o gosto do prazer só é identificável (e isso é exclusivamente individual) se já sentimos o gosto da dor, que corresponde à vivência da experiência oposta do que nos provocou prazer. O contrário também é verdade. Exemplo: se eu não odiar as pessoas, não poderei amar ninguém; se eu não for odiado por algumas pessoas, não poderei ser amado por ninguém. Ou ainda, em outra instância: se eu não trabalhei, sofrendo e me frustrando em coisas contrárias à minha vocação, não poderei avaliar a totalidade do prazer que significa poder criar e produzir de acordo com meus potenciais humanos originais. Claro, embora sejam muito raras, existem algumas pessoas sortudas, aquelas que só conheceram o mel e o sal da existência, não tendo tido nunca necessidade de fazer o que não gosta e conviver com quem não ama. Sim, acredito que eles nos servem de prova existencial da possibilidade, reconhecida pela teoria anarquista, de ser espontânea e auto-regulada a convivência da pessoa com sua originalidade única. O que prova também, na prática cotidiana, a alegria ser fruto de uma vida realmente libertária.

Nessas reflexões, partimos do plano biológico para chegar ao humano, indo do elementar ao complexo. Porém, o princípio funcional básico e que rege as diferentes formas de vida, claro, é o mesmo. Para mim, o mais difícil de compreender com a inteligência é aquilo que eu mesmo compliquei e deformei em minha natureza, inclusive e especialmente o próprio funcionamento analítico da minha inteligência. Quero dizer que sempre senti grande dificuldade para compreender a neurose das pessoas através das deformações neuróticas produzidas em minha

mente e em minha vida pela neurose social que atua sobre todos nós. Mas, graças a alguns furos que consegui produzir em minha couraça neurótica, quando substituí a compreensão do comportamento humano através da Psicologia analítica ou behaviorista por uma investigação política, de caráter revolucionário, dos mecanismos de poder que procuram bloquear o tesão de viver das pessoas, descobri que a Psicologia não tem condições para entender e resolver problemas psicológicos, emocionais e comportamentais. A principal e mais grave neurose que existe é a própria Psicologia. Então, realizando um combate sistemático a tudo o que tenta impedir o prazer de viver em minha natureza animal e, sobretudo, em minha naturalidade e cultura propriamente humanas, começo a ver alguma luz no fim do túnel escuro da Psicologia e da Psiquiatria. Refiro-me às pesquisas que me levaram à criação da *Soma*, uma terapia ou pedagogia anarquista.

Descubro hoje, através do trabalho com a *Soma*, que a compreensão de como se passa, em verdade, a vivência da relação das pessoas umas com as outras, e delas com as estruturas sociais e com o meio ambiente, só foi possível graças à visão anarquista dos fenômenos humanos e sociais. Para exemplificar o conteúdo radical dessa afirmação, vou me deter em dois de seus princípios básicos: a necessidade de busca simultânea da liberdade individual e coletiva e o resgate da originalidade única das pessoas.

Se o tesão depende da alegria e não há o que fazer na vida cotidiana com a nossa alegria se não pudermos reparti-la, o tesão fica assim como algo essencial que nos liga, identifica e comunica com os outros. Pelo tesão ficamos assim como que imantados, atraindo e desejando uns aos outros. A alegria, portanto, é uma

sensação de natureza individual, que os outros podem despertar ou potencializar em nós, adquirindo assim também uma função social. Mas não podemos nos iludir com isso, pois ninguém poderá fazer nascer alegria nos outros como não poderemos jamais sentir tesão por alguém que não seja capaz de produzir sua própria alegria. Entretanto, existem pessoas que nos ensinam e nos ajudam a despertar, liberar e desenvolver a nossa alegria através do tesão que sentem pela nossa pessoa.

Uma das melhores provas que disponho de que fora do tesão não há solução alguma para a manutenção de um relacionamento social que permita o pleno desenvolvimento da individualidade, é o quanto se tornam irritantes e desagradáveis para os outros as pessoas realmente alegres. Irritação e desagrado, frutos da inveja que se pode sentir face à dificuldade em desbloquear e liberar a própria alegria. Isso revela também como é difícil e perigoso viver da alegria alheia, embora muitas pessoas o tentem através de um parasitismo que pouco alimenta o parasita e que termina por asfixiar e envenenar a alegria do parasitado.

Outro aspecto fundamental do pensamento anarquista e que explica o modo pelo qual só a liberdade individual, garantida por uma sociedade livre, pode satisfazer a necessidade biológica que temos da alegria, é a revelação e o exercício da nossa originalidade única. Os povos de língua inglesa possuem uma palavra bonita para expressá-la de modo sintético e preciso: *uniqueness*, ou seja, a capacidade de viver apenas daquilo que a natureza, através de especiais e inúmeras combinações genéticas, nos fez ser um tipo de pessoa inédita tanto no passado quanto no presente e no futuro dos homens.

Viver nossa originalidade única deve ser, pois, a realização do tesão mais importante, aquilo que vai nos garantir o máximo de

prazer, alegria e beleza, em qualquer instância ou circunstância vital. É ela também o que impediria a presença e a permanência em nós da dor provocada por coisas externas e contrárias à nossa natureza e vontade. A realização da originalidade única representaria, assim, a garantia para a vivência plena tanto do nosso tesão quanto do nosso orgasmo genéticos fundamentais.

5

Cada pessoa tem um referencial predileto para perceber o sentido da vida, orientar o seu modo de viver, cuidar do seu amor, escolher o que e como criar, para saber pelo que e como lutar. O meu referencial predileto sempre foi a beleza. Além de ponto de referência preferencial, a percepção e a sensação estéticas servem-me como critério de avaliação para saber se uma coisa que sinto ou observo está viva no limite máximo possível de seus potenciais, se ela aplica a totalidade da energia vital disponível naquilo que sabe ser sua originalidade única. Enfim, quero dizer que o meu tesão é a beleza que sinto nas coisas, que sinto pelas coisas e que quero sentir, podendo, pelas minhas coisas.

Mas também sei ser a beleza, junto com a alegria, as fontes de prazer em minha vida e que produzem o meu tesão de estar, de ser e do fazer pessoal e social. É necessário que exponha logo o que significa beleza para mim e o que representa, na realidade, uma pessoa como eu possuir o senso estético como uma espécie de regulador e aferidor da adequação entre o meu tesão físico e o meu tesão ideológico.

Para mim, a beleza não possui realidade e valor em si mesma. Ela se enquadra perfeitamente dentro do pensamento relativista e unicista, como produto de um processo de desenvolvimento dinâmico, dialético e ecológico no qual a forma e o conteúdo das coisas, vivendo ou sendo vividas, procuram

sempre novos equilíbrios que resultam numa maior ou menor sensação de alegria interior de caráter instável e provisório.

O equilíbrio dinâmico de que falo ocorre entre as percepções básicas da existência: o prazer e a dor. O que me emociona e interessa mais (coisas mais prazerosas que dolorosas) acaba por me proporcionar maior alegria e vai, por isso, adquirir o caráter de beleza em sua forma, em seu conteúdo ou na relação entre sua forma e seu conteúdo. As coisas que não me emocionam e interessam muito, produzindo sensações mais dolorosas que prazerosas, vão adquirir o caráter de menor beleza ou de feiúra na sua forma, conteúdo ou na relação entre ambas.

Assim, pois, beleza seria a expressão e a comunicação do estado atual do equilíbrio entre as sensações de dor e de prazer que se vai vivendo na forma e no conteúdo de maior ou menor vivência da alegria. Então, a coisa mais bela seria sempre e inevitavelmente mais alegre? E, conseqüentemente, não poderia existir a beleza triste, dolorosa, dramática, trágica? A arte parece indicar que isso não é verdade. Mas, pelo menos nesse ponto, tirando por mim, parece que a vida não imita a arte.

A certeza que tenho a esse respeito deriva da minha visão lúdica da existência cotidiana. Se ludicidade significa brincar e jogar, se quem faz isso procura divertir-se, manter-se alegre na vivência livre do prazer inesperado e gratuito do dia-a-dia, então o que o ser humano deseja, fundamentalmente, é estar alegre. E exprime isso através do prazer em formas e conteúdos de beleza que vai descobrindo e revelando em si mesmo, que descobre e revela nas coisas à sua volta, que descobre e revela em suas criações e em suas paixões.

Mas é preciso repetir que prazer e dor não existem puros e independentes um do outro. Então, como tudo que é vivo, em

permanente interação com seu oposto, o prazer e a dor vão provocando equilíbrios e desequilíbrios sucessivos. Assim como não existe prazer puro e independente e dor pura e independente, não poderia existir alegria ou tristeza puras e independentes, bem como belezas e feiúras puras e independentes.

Portanto, o conceito de comédia, drama e tragédia humanas, como são apresentados na visão teatral, necessita ser revisto e melhor compreendido. O conceito absoluto de comédia (situação de pura alegria e puro humor), bem como o de tragédia (de pura dor e pura desgraça), são irreais e apenas existem como parte do ilusionismo e do faz-de-conta da arte teatral. No cotidiano de nossas vidas, o cômico e o trágico ocorrem como os dois pólos dinâmicos da experiência, sintetizados no drama que pode ser mais ou menos belo, conforme o tesão de viver das pessoas nele em conflito.

Não existe possibilidade alguma de contradição entre o meu conceito de beleza (como produto da alegria) e o drama da existência, se afastarmos definitiva e completamente a felicidade ou qualquer outro valor absoluto regendo nossas realidades humanas contingentes.

A beleza das tragédias gregas, por exemplo, não decorre realmente das próprias tragédias que descrevem, mas da linguagem e da imagética dos poetas que as escreveram. Esse poder poético é o que nos faz emocionar e encantar até hoje nas tragédias de Ésquilo e de Sófocles, e não o jogo medíocre, preconceituoso e autoritário de suas tramas aristocráticas, criadas mais para amedrontar e disciplinar os cidadãos gregos com direito a freqüentar os teatros do que para agradá-los ou encantá-los com sua eventual beleza humana, heróica e histórica.

Se o conceito de beleza não estiver forte e diretamente ligado

à necessidade biológica e ecológica do homem para viver a sua originalidade única, corre-se sempre o risco de a beleza passar a ser um valor produzido por um processo de massificação autoritária sobre o que deva ser a alegria humana. A busca da satisfação do prazer pode ocorrer por comando externo, com eliminação da nossa espontaneidade e naturalidade.

É possível também confundir e substituir o prazer com necessidade de poder. E, como já disse no capítulo anterior, um mecanismo patológico induzido acaba pervertendo o sentido e o significado do prazer, tornando-o algo sadomasoquista. Isso é possível, sobretudo, se nos fizerem perder o prazer pela autonomia e pela autogestão de nossos desejos e vontades. Assim, posso me submeter facilmente a aceitar conceitos de beleza que não são os meus e estarei, conseqüentemente, achando belo o que for moda e o que a maioria adota, o que os poderosos determinam como sendo os valores estéticos desejáveis para se consumir e conservar.

Chegamos a um ponto importante e que me parece ser o coração do problema que estamos discutindo: a beleza não existe para ser consumida e nem para ser eternizada. A beleza que se pode viver no cotidiano é apenas uma centelha da harmonia universal, algo tão frustrado como intenso, tão lábil como imenso, tão provisório como essencial. Enfim, a beleza não pode ser aprisionada, domesticada, reproduzida. Portanto, a beleza das coisas é impossível de ser consumida, massificada e mumificada como as próprias coisas.

A arte burguesa, no mundo capitalista, vem tentando consumir essa absurda e inútil façanha: caçar, escravizar e explorar os criadores e suas criações, atribuindo-lhes um valor estético decorrente do seu valor econômico e nunca o contrário,

como pretendem fazer supor os críticos e os comerciantes das artes, aliás, os contumazes caçadores e domadores de artistas. Para mim, um museu de artes plásticas ou uma academia de letras assemelham-se, em certo sentido, a um zoológico de animais vivos enjaulados ou de animais mortos empalhados e mumificados. Não sinto que o disco de um concerto sinfônico seja o concerto sinfônico que foi gravado, assim como a foto de um entardecer não me parece o entardecer que foi fotografado. Essa beleza que podemos buscar através da eternização do instante criador e da interrupção tecnológica do processo natural que se faz belo, não é a beleza de que falo. Estou tratando da estética em seu estado primário, espontâneo, primitivo e natural, que está em toda a natureza, inclusive no homem, e que ele pode exprimir através de sua arte verdadeiramente criativa, amorosa e apaixonada. Em duas só palavras: arte viva e tesuda.

Assim, a gravação do concerto é que é bela, não o concerto; a fotografia é que é bela, não o pôr-do-sol. A música do concerto e o pôr-do-sol só foram realmente belos quando aconteceram, ao vivo, naquele instante e sem qualquer instrumento de reprodução intermediário. Assim é que o cinema jamais poderá substituir o teatro, se apenas filmar o espetáculo teatral. Não substitui apenas porque cinema e teatro são técnicas e artes diferentes mas, sobretudo, porque o que torna o teatro apaixonante e insubstituível é a presença viva, frente a frente, olho no olho, do ator e do espectador, fazendo surgir a beleza teatral na comunicação instantânea, frustra e provisória, nas circunstâncias pessoais e sociais entre o que está se passando com as pessoas no palco e o que se passa também com as pessoas na platéia, naquele momento específico. Momento que jamais poderá ser repetido tal qual, apesar do texto, da direção, da cenografia e da

representação dos atores poderem ser os mesmos. Sempre os mesmos mas nunca iguais.

Uma vez perguntaram a Pablo Picasso se ele primeiro concebia todo o quadro em seu pensamento e sensibilidade para depois pintá-lo. Ele respondeu que não, pois se esse quadro já estivesse concebido em sua fantasia e em sua sensibilidade, ele o consideraria pronto, dava-se por satisfeito e trataria de começar a criar outro. A vantagem de levar para a tela o quadro pronto depois de pensado e sentido, segundo ele, era de duas naturezas secundárias, porém úteis socialmente: comunicar aos outros a sua criação e ganhar dinheiro com ela no comércio das artes.

Qualquer criador honesto e saudável dirá sempre que o seu maior tesão é o ato de criação em si mesmo, e, secundariamente, o ato de comunicá-la. Comercializá-lo significa, para a maioria deles, coisa muito próxima da prostituição. Mas isso só ocorre porque está vivendo numa sociedade capitalista na qual a beleza possui também um valor financeiro e o produtor de beleza é também um comerciante interessado no consumo das obras de arte. No capitalismo atual os jovens pintores ainda morrem de fome, porém algumas obras de certos pintores, realizadas antes de morrerem de fome no passado, se constituem hoje em ainda melhor aplicação de capital que a compra de ouro. Quer dizer que, no capitalismo, a beleza pode se tornar importante instrumento de poder.

O prazer de comunicar a obra criada, para alguns, é coisa tão importante como criá-la, ainda que se trate de algo de que o artista deve desconfiar sempre, especialmente se não pretende que ela seja consumida. Eu amo a escultura e, especialmente, aquela do David de Michelangelo. Por mais que eu a tenha contemplado, nas várias vezes que a fui visitar no Museu da Academia em

Florença, na Itália, nunca me ocorreu que o que estava fazendo e sentindo ali examinando-a em todos os ângulos possíveis e sob a luz do dia que se filtra através da imensa cúpula de vidro, que toda a emoção e o prazer, que todo aquele tesão, não passasse de puro consumismo de minha parte. Sei que não é consumismo, mesmo porque eu tenho referências de sobra da minha infância e de seus saldos lúdicos em minha pessoa ainda hoje, para saber que o que estou vivendo diante daquela obra de arte é uma encantada e deliciosa brincadeira, uma espécie de jogo de “pegador” entre a vida e sua beleza na estátua, entre o meu eu e a beleza que existe em mim e, sobretudo, na alegre e emocionada relação que se estabelece sempre entre nós.

Falando do David, lembro-me de uma vez que os dois filhos de um turista cego o ergueram nos ombros para que ele tocasse a estátua. Esticado, ele apalpava a barriga da perna do David e retirava as mãos rapidamente de sobre o mármore, voltando, em seguida, a tocá-la sempre desse modo ansioso. E ficava dando risada. Centenas de pessoas, de todas as nacionalidades, que estavam ali a contemplar a estátua, acompanhavam atentas aqueles movimentos e puseram-se a rir também. Então ele se agarrou à perna do David e passou a chorar. Por fim despencou sobre os ombros dos filhos que o abraçaram muito comovidos.

Segundo me disse depois um dos filhos, o pai nunca vira nada na vida, mas explodia assim quando tocava algo que fosse realmente belo. A beleza que ele percebia não estava, pois, apenas na estátua visível do David, mas também no que resultava do jeito como foi criada e para quem Michelangelo a criou. Isto deve ter produzido no homem cego a ludicidade vivida naquele instante, embora ele não possa saber jamais como é a beleza aparente daquela obra. Entretanto, o tesão do rapaz florentino que serviu

de modelo e o tesão de Michelangelo por ele, o tesão do artista pela beleza do corpo humano, tudo isso eu tenho certeza de que o cego sentiu tocando a escultura, tanto quanto todos nós que podíamos vê-la.

Claro que nunca me ocorreu e certamente também não àquele cego norte-americano, o desejo de comprar o David, levá-lo para casa, para que apenas nós pudéssemos admirá-lo e curtir-lo. Logo, a beleza não precisa necessariamente ter um valor comercial se não queremos consumi-la e, muito menos, nos apropriarmos dela com exclusividade. Numa sociedade não capitalista e na qual não exista a propriedade privada, todas as obras de arte serão propriedade coletiva, não terão preço, e seus criadores as doariam aos museus públicos porque sua sustentação pessoal viria de uma fonte pública também. Mas isso aconteceria desde o começo de sua vida criadora e não apenas porque passou a criar obras de arte excepcionais. Seu sustento estaria garantido por ser um trabalhador competente como qualquer outro trabalhador competente nos diversos campos da produção social.

Na realidade, o tesão entre as pessoas é algo que atrai, aproxima, constata e explora, para depois o orgasmo realizar, na forma de beleza, tudo que o tesão motivou, condensou e potencializou de prazer e de alegria em seus sentimentos, em suas paixões, em suas criações, em suas lutas para manter vivo e potente o seu tesão. Assim, na forma de uma corrente ininterrupta e infinita, se pudermos ou quisermos, a beleza produzirá sempre mais tesão em nós e este tesão acumulado por sua vez acaba despertando mais beleza orgástica na gente que, novamente, nos deixa mais tesudos...

Eis aí o que penso sobre o mecanismo do funcionamento do tesão, passando pela beleza. Porém eu acho também que as coisas

só acontecem assim se formos livres, se para viver a nossa liberdade necessitarmos tesudamente da liberdade dos outros. Como consequência desta reflexão, descubro um elemento essencial ao meu conceito de beleza: já ser beleza a liberdade de escolha, de opção e de decisão sobre o que é belo para cada um de nós, a cada momento de nossa vida. Pessoalmente, para isso, consulto apenas o que me diz a cada instante e em cada situação a minha originalidade única, a minha espontaneidade, na busca e realizações tanto biológicas quanto culturais do prazer, na naturalidade com que expresso a minha alegria e, finalmente, como todas essas coisas se harmonizam dentro de mim em sensações de belezas múltiplas e inéditas, sem qualquer interferência externa.

Eu já disse que a maior parte das obras de arte guardadas nos museus estão mortas. O que confere aos museus, para mim, caráter de cemitérios especiais para os necrófilos das artes. Muitas pessoas, entretanto, sentem exatamente o contrário, pois acham que essas são as obras que lhes parecem mais vivas, porque, apesar de mortas, ou por isso mesmo, são eternas. Assim, é necessário questionar quem deve decidir o que vai ser guardado como obra-prima num museu, se são muito distintos os conceitos de beleza no tempo, no espaço e no tesão. Por essa razão, não amo a arte por necrofilia, não visito museus de forma contemplativa e decido apenas por mim mesmo o valor das obras ali expostas. Atravesso suas salas olhando e sentindo as peças de modo vago e distraído. Só paro quando entro em ereção estética, sentindo claro tesão produzido por alguma obra. A partir daí entramos em profunda comunicação, eu e o seu autor.

Uma das artes em que esse problema parece ser menor, pelo menos em alguns aspectos, é a literatura. Primeiro, porque não

têm valor especial — a não ser para colecionadores bibliófilos — os originais de romances ou poemas, por exemplo. Do ponto de vista apenas literário, o original vale tanto quanto a cópia que possuo da *Divina comédia* de Dante Alighieri. Por outro lado, o livro que acho mais belo, o *Dom Quixote* de Cervantes, dependendo apenas do número de páginas, pode valer financeiramente para o leitor tanto quanto outro livro qualquer e de valor literário muito inferior.

Se estou refletindo sobre as obras e veículos de arte quando o assunto é beleza, o faço com a intenção de facilitar a compreensão do problema que, realmente, me interessa: a beleza como fonte do tesão, justamente com as suas outras duas fontes irmãs, a alegria e o prazer. Por isso, seria bom retornar a um outro ponto de reflexão que deixei provisoriamente interrompido.

Trata-se de tentar responder à seguinte pergunta: é real, é natural, é ecológica a necessidade que temos de comunicar a beleza descoberta ou produzida, embora não seja necessário, como pretendemos ter demonstrado, o seu consumo e a sua eternização? Claro, consumo é coisa própria do capitalismo e, para nós, o capitalismo se constitui no sistema antinatural e antiecológico por excelência. Fora do capitalismo ou dentro de um socialismo libertário, a beleza seria apenas uma fonte de estímulo para o tesão do nosso relacionamento natural com as coisas, sem nenhuma necessidade do consumo parasita do tipo complementar, mas sim o que estimularia as trocas suplementares da experiência social em todas as suas formas. Precisamos não esquecer que a troca suplementar, sem dúvida alguma, é a forma legítima e a mais necessária, pois amplia a relação de prazer e alegria das pessoas que curtem a beleza produzida um no outro, numa forma de tesões tão recíprocos que

acabam parecendo um só. Logo, podemos afirmar que a comunicação da beleza é tão primária, tão ecológica e tão natural como o prazer e a alegria de que é feito o tesão de viver. Comunicar para satisfazer e produzir mais tesão, jamais para ser consumido ou para se perpetuar, eis como entendo a questão.

Parece-me chegado o momento de falar sobre a possibilidade de eternização da arte e sobre o hábito de se imortalizar, de algum modo, o artista que a criou.

Acredito que um criador não passa a ser eterno só porque suas obras permanecem admiradas depois de sua morte. Nem suas obras seriam eternas ou deveriam ter esse destino só porque resultaram em coisas belas. Digo isso porque não consigo sentir como igualmente bela qualquer coisa com a qual convivo e me correspondo constantemente.

Não que elas deixem de ser belas em si mesmas e para todas as outras pessoas, mas simplesmente porque o aspecto dinâmico e dialético dessa beleza em relação à que possuo em mim, também mutante, faz surgirem novas sensações que se tornaram críticas, menos prazerosas e menos alegres, às vezes. Essas sensações me levam a superar as emoções mais agradáveis que me provocavam antes. A natureza do amor que sinto pelas coisas belas faz com que necessite de emoções sempre diferentes, novas e até mesmo opostas, para poder conservar dentro de mim o mesmo e necessário nível de prazer e de alegria que, com a beleza, formam o meu apaixonado porém instável e mutante tesão em relação a tudo. Sinto como Vinícius de Moraes, o poeta dos amantes verticais, que definiu assim a beleza do amor: “que não seja eterno posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”. O durar da beleza, para mim, pode ser também aquele das fagulhas e das centelhas. Além disso, freqüentemente descubro novas e

insuspeitadas belezas, como brasas ressuscitadas, entre as cinzas dos meus amores mortos.

Voltando ao David. Essa é, sem dúvida, a obra de arte guardada em museu que me dá mais tesão, ou seja, a que sinto estar menos morta. Mas esse tesão não me pede que a peça de mármore retirada das montanhas de Carrara seja eterna, só porque Michelangelo Buonarroti transformou-a naquela figura bíblica. Se querem saber, tenho profunda antipatia por esse personagem da religião judaica. Na verdade, hoje sou muito mais Golias, que me lembra um grandalhão mas pobre palestino. Aliás, todo o orgulho de quem se sente raça superior, toda a ambição de poder disfarçada em povo escolhido por Deus e toda a crueldade atual de suas guerras justificadas pelos holocaustos de sua história, todas essas características dos israelenses contemporâneos da militar e imperialista Israel, vivendo como potência capitalista subsidiária dos Estados Unidos no Oriente Médio, eu encontro naquela postura e naquele olhar da estátua, nos quais a aparente piedade esconde o ódio, bem como a violência contida disfarça o crime premeditado. Tudo isso Michelangelo pareceu-me ter evidenciado dando a David mãos gigantescas (talvez maiores e mais poderosas que as do Golias) em contraste com o corpo esbelto, tenro e adolescente.

Não sei se o escultor pensou essas coisas enquanto transferia para o mármore sua paixão pelo corpo do homem e a necessidade que tinha de viver o seu tesão homossexual com as próprias obras masculinas, embora feitas de pedra as suas carnes. Por razões irreveladas pelos biógrafos, porém insinuadas por eles, o artista não se sentia livre para exercê-la na carne viva e mortal daqueles que as inspiravam ou para elas serviam de modelo. Essa pulsação de amor que dá vida ao mármore, essa

transferência e sublimação que em Michelangelo chegam a ser verdadeiros milagres de encarnação, revelam a genialidade especial (no lidar com a beleza) desse encantado pigmalião renascentista. Tudo isso é o que me faz reverenciar, que me leva a ficar deslumbrado contemplando o David: beleza gerando tesão gerando beleza gerando tesão, sem parar, para sempre.

Assim, se um dia essa estátua for destruída, se a simbologia mística e política do David tiver fim, se os judeus finalmente aceitarem ser homens comuns e iguais a todos os outros, tudo bem. Claro que Michelangelo não foi o único e nem será o último artista a fazer o tesão pulsar nas pedras tocadas pelos homens apaixonados pela beleza de ser homem, de amar a beleza humana e de estar vivo. Depois dele veio o escultor francês Auguste Rodin, cujo tesão pelo corpo da mulher lhe servia de cinzel e de martelo. Mas existem outros, muitos outros Michelangelos e Rodins no mundo. Suas obras e testemunhos de vida tesudos, em qualquer forma de busca e de encontro com a beleza, vão garantir que os mortos não governarão mais os vivos. A sociedade que sonho, e pela qual luto, será aquela em que o corpo humano esculpido em pedra pelo artista não valerá mais, nem em beleza, nem em nada, que a carne fátua e perecível de qualquer ser humano.

Quanto à idéia da imortalidade do artista determinada pelos seus pares, transformando-os em acadêmicos, como os das letras, por exemplo, acho a coisa por demais ridícula, medíocre, indecente mesmo, para me ocupar dela neste livro.

O importante, pois, em relação à beleza, sobretudo nas artes, é não permitir que ela seja um obstáculo a si mesma. Refiro-me à idéia de que a perfeição signifique a antibeza, que a perfeição represente a forma estática ou final da beleza, quer dizer, a sua morte. A arte, para mim, só pode ser entendida como

um processo eminentemente revolucionário ou, em outras palavras, sinto que o objetivo da arte seria a destruição constante das etapas anteriores do seu próprio desenvolvimento. Assim, será sempre ela mesma, mas em permanente transformação evolutiva. O artista que se negar a isso será rapidamente consumido na etapa em que estacionou. Seus potenciais criativos secam e ele apenas sobrevive na prostituição de sua arte. A arte e o artista podem ser prostituídos, mas a beleza não.

Acredito ainda que a beleza (inclusive a das artes) possua uma função importante no equilíbrio das relações do homem com a sua própria natureza e com aquela que o rodeia, inclusive com a dos outros homens. Na falta de palavra melhor, diria que a beleza exerce uma função terapêutica espontânea na busca do reequilíbrio de nossa saúde emocional e psicológica, toda vez que a experiência social nos desequilibra. Talvez a estruturação e a permanência institucional das artes na sociedade humana explique esse seu papel regenerador e terapêutico em nossa vida pessoal e social.

A arte está presente de forma importante e decisiva na vida de todas as organizações sociais conhecidas. Verificamos a presença e a necessidade de valorização e culto da beleza nas mais primitivas, bem como nas mais modernas sociedades humanas. Ela tem servido como parâmetro básico para o estudo e para a compreensão do passado remoto, do clássico e do contemporâneo de nossa civilização. Pesquisas arqueológicas, étnicas e antropológicas indicam como as artes sempre influíram e como foram influenciadas pelas diferentes experiências culturais. Dado importante também é a constatação da sua quase inexistência em agrupamentos sociais escravizados, inclusive o seu pouco valor e significado nas sociedades mais autoritárias

atuais. Como exemplo, basta citar a Alemanha nazista, a Itália mussolínica e a Rússia soviética. Tudo isso mostra e prova como a arte desempenha esse papel regenerador ou terapêutico na vida humana. Assim, a beleza pode ser considerada tão essencial à manutenção da vida humana como o prazer, a alegria, a liberdade, a autonomia, o oxigênio, as proteínas, os lipídios, os glicídios, as vitaminas e os sais minerais. Por isso, as terapias contemporâneas, como a Somaterapia, buscam na forma estética de seus exercícios regeneradores um dos elementos básicos para a eficácia diagnóstica e terapêutica. Eficácia diagnóstica também, porque nada é mais indicativo do bloqueio à originalidade única da pessoa que a sua falta ou dificuldade de convivência com a beleza das coisas naturais, da que existe em si própria ou nos outros. Para nós, somaterapeutas, os primeiros indícios de uma recuperação em terapia, mesmo antes do desaparecimento dos sintomas de incompetência e impotência vitais dos clientes, é o seu despertar para a beleza das coisas do cotidiano.

A Somaterapia foi desenvolvida a partir do teatro, mas não usamos a técnica teatral assim como faz o Psicodrama, por exemplo. Buscamos no teatro os exercícios que servem para os ensaios e laboratórios de preparação dos atores para o espetáculo. Além disso, nos aproveitamos do jeito como no teatro se utiliza a estética emocional, sensual e afetiva na expressão facial, nas expressões dos gestos, dos movimentos e dos atos humanos. No teatro, é a estética que facilita e aprofunda a comunicação dos sentimentos, paixões e conflitos humanos que procura reproduzir e comunicar. Na Somaterapia, usamos a estética teatral para melhor limpar, clarear e tornar transparentes os conflitos das pessoas vivendo em sociedade.

Saúde, para mim, é harmonia. Harmonia produz beleza que,

por sua vez, criaria a necessidade do retorno da pessoa à harmonização de sua vida física, psicológica e emocional. Claro, não é só com a beleza que funciona a Somaterapia, mas sem ela a Somaterapia não teria sentido. Daí ser impossível a formação de um somaterapeuta sem que seja liberada sua vocação artística, além da científica e da política. Será sempre liberando o fascínio tesudo pela beleza que, entre outras liberações, podemos libertar as pessoas da neurose.

Mas, afinal, na sociedade capitalista e burguesa, quem é o que decide sobre o que é belo para efeito de consumo e de registro histórico? Ou ainda, quem é o que determina o sucesso daqueles que procuram ser e fazer o belo, buscando comunicar a beleza? Em última análise, o que, realmente, nas sociedades autoritárias, consumistas e competitivas, produz e realiza o sucesso? Para responder a isso necessitamos não esquecer que o sucesso é a coisa mais ambicionada e pela qual as pessoas mais lutam. Pelo sucesso na sociedade capitalista a maioria se prostitui, mente, trai, rouba, é capaz até de matar, se for o caso. Para atingir o sucesso, não importam os meios, pois todos sabem que uma vez o sucesso alcançado, a pessoa adquire ou lhe conferem todas as justificativas morais e legais para todo tipo de reparação possível e necessária. Quem não sabe que ética e sucesso capitalista são incompatíveis, mas, ao mesmo tempo, perfeitamente conciliáveis graças ao seu principal produto: o dinheiro? Mas, quem ou o que decide quais são as coisas e quais são as pessoas que vão fazer sucesso, as que são mais belas, as que são e produzem belezas mais poderosas e mais necessárias naquele instante? As mídias nos informam cotidianamente sobre isso, refletindo claramente na sua informação aquilo que a determina ideológica e financeiramente. Pois é, aí estão os jornais, as revistas, as rádios,

as televisões valorizando e promovendo a beleza proposta por alguns criadores em obras que se adaptam aos conceitos de beleza de seus críticos de arte. Estes, na verdade (não importando quais sejam suas opções estéticas pessoais e íntimas), para não entrarem em choque com seus chefes de redação, com os proprietários da empresa jornalística em que trabalham, jamais estarão se comportando como verdadeiros críticos, científica, estética e ideologicamente independentes. Além de todos esses seus superiores, existe ainda um outro, o superior dos superiores, aquele em relação ao qual todos os jornalistas, do proprietário ao *office boy*, passando pelo crítico de arte, todos devem estar alinhados, sujeitados e obedientes: o anunciante, geralmente multinacionais e poderes públicos de governos autoritários. Ambos fazem censura ideológica chantagista através da liberação ou não de verbas publicitárias para os órgãos de comunicação. Renato Aragão, com sua humorística honestidade alienada, nos *Trapalhões*, quando chega a hora da entrada dos comerciais em seu programa, diz: “Voltaremos depois do Patrão!”

Estes comentários a respeito daqueles que procuram formar a opinião pública a respeito da criação artística no Brasil não se referem a cinco críticos profissionais cuja obra conheço, acompanho e admiro. São os críticos de teatro Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi e Bárbara Heliodora que inclusive me ensinaram, com suas críticas às minhas peças, não ser através do teatro que poderia comunicar meus conteúdos humanos, estéticos e ideológicos. Sua autoridade e independência sempre os mantiveram muito distantes e inacessíveis aos poderes econômicos autoritários a que me referi e que atuam no meio jornalístico. Alguns deles, inclusive, já abandonaram essa profissão. Os outros dois são críticos literários: Wilson Martins e

Léo Gilson Ribeiro, cujo trabalho admiro e respeito. Nenhum dos dois jamais escreveu a respeito dos meus romances.

Mas, de qualquer maneira, quero assumir como meu este recado do músico Erik Satie ao público de seu tempo e que agora dirijo aos “críticos” do meu tempo: “Os que não me compreendem são solicitados, por mim, a observar o mais respeitoso silêncio e a demonstrar uma atitude de inteira submissão, de total inferioridade.”

6

O psicólogo que não estiver a serviço do sistema político autoritário no qual vive e trabalha deve ser, antes de tudo, um *herético*. No fundo, suas teorias e, de fato, suas práticas terapêuticas, se funcionam é porque são *heréticas*. Afinal, só a atitude *herética* posta em prática pela ciência revolucionária marginal pode “curar” a “doença” autoritária institucional e oficializada.

É bom, pois, que nos entendamos logo a respeito da palavra heresia. “O termo *heresia* deriva do grego *heresis*, que originalmente significou *escolha*... Por extensão foi aplicado em seguida ao conjunto das teorias de um filósofo e à escola que as ensinava. O termo permaneceu neutro até que a *Igreja Católica* lhe conferiu um sentido desfavorável. De fato, a Igreja acreditava ser o único depositário da *Verdade Revelada*, reservando para si o direito de a fazer conhecer... Desde então qualquer outra interpretação diferente da versão autorizada tornava-se, pois, *herética* no sentido novo e pejorativo do termo.” (*Enciclopédia britânica*, 1973.)

Meu pensamento filosófico e minha ideologia política anarquista, bem como meu instrumento de ação social, a Somaterapia, resultam de uma *escolha* e pretendem constituir-se numa *escola*. Portanto, trata-se de uma *heresia*, no sentido grego e original do termo. Por outro lado, tanto o Anarquismo quanto a

Somaterapia podem ser também considerados *heresias* no sentido novo e pejorativo do termo pois são, ambos, contra a versão autorizada pela *Igreja Católica* sobre a *Verdade Revelada*.

Em princípio, não acredito que a verdade se revele em termos absolutos, muito menos com exclusividade, para quem quer que seja ou para o que quer que seja. As revelações que se supõem verdades absolutas não passam de delírios, alucinações e fantasias produzidas pelo medo, pela dor, pela fome e pela ignorância de um lado; e, de outro, pela ambição de poder político, pelo sentimento de onipotência autoritária dos que realizam a manipulação das consciências alienadas pelo medo, pela dor, pela fome e pela ignorância.

Assumindo pois, publicamente, ser um herege, quero enumerar pelo menos algumas das verdades reveladas e/ou assumidas pelos poderes de meu tempo e contra as quais me insurjo. Mesmo que seja em termos bem teóricos e gerais, o leitor já percebeu que, no Brasil, em certos ambientes intelectuais é extrema e imperdoavelmente herético negar-se qualquer valor e condenar igualmente, ao mesmo tempo, tanto o Marxismo quanto a Psicanálise. Sobre isso já falamos bastante neste e em outros livros, quer dizer, a esse respeito já fomos heréticos o suficiente.

Outra atitude considerada herética que venho praticando é ridicularizar e condenar a Democracia, como a prostituta respeitosa que herdamos dos gregos, mas que já recebemos contaminada por sua vocação aristocrática e por seu autoritarismo imperialista.

O exercício, na prática, dessa heresia antidemocrática resulta mais freqüentemente do fato de eu ser contra o voto universal, contra as eleições, contra o poder da maioria sobre a minoria, contra os partidos políticos, mesmo os que se dizem

socialistas ou dos trabalhadores. No meio intelectual brasileiro era muito herético, no tempo da minha juventude, não ser comunista do PCB. Hoje é muito herético não ser comunista do PT. No fundo, a heresia que estou praticando nesse campo é não avalizar, de nenhuma forma, as instituições que sustentam e mantêm o capitalismo burguês.

Denunciar e combater a Sexologia e o sexologismo, derivados tanto de Freud quanto de Reich, não importa, é heresia da grossa entre os psicólogos burgueses e seu clientes. Quero demorar-me um pouco nessa heresia antes de passar para a última de que pretendo tratar, ou seja, a minha posição radical, aberta e pública a favor do uso das drogas.

Não conheço nenhum problema sexual que não possa ser diagnosticado e tratado pelos urologistas, ginecologistas e neurologistas. Ou seja, considero orgânicas e funcionais as possíveis dificuldades sexuais que homens e mulheres costumam apresentar. Todos os aspectos psicológicos, emocionais e comportamentais que as pessoas venham a apresentar relacionados à função sexual, trazendo, inclusive, freqüentes distúrbios na ereção do homem, no orgasmo em homens e mulheres, mudança de polaridade (homossexualismo) em ambos também, além de outras dificuldades menos freqüentes, para mim são causados por um bloqueio à liberdade pessoal e social das pessoas. Esse bloqueio é sempre de natureza sócio-política, geralmente estabelecida pela família, através de uma educação autoritária, machista e religiosa. Assim, se para mim o diagnóstico já está feito, a terapia se impõe: desbloquear a liberdade pessoal e social da pessoa em todos os campos de sua existência, de modo que, natural e automaticamente, sua sexualidade se normalize, seja lá qual for a dificuldade que estiver apresentando. Daí a

minha conclusão radical e herética: a Sexologia não é necessária e nem funciona. Logo, o sexólogo é um impostor.

A Somaterapia tem provas de que a ejaculação precoce e a impotência no homem, bem como o vaginismo (dor à penetração), a dificuldade ou ausência do orgasmo na mulher, são indicações positivas e não negativas sobre a saúde da pessoa em questão, pois esses sintomas alarmantes estão apenas avisando seu portador de que necessita tomar providências urgentes quanto às suas opções básicas de vida. Essas pessoas vão reclamar ao psicólogo ou ao médico dificuldades para realizar o prazer sexual, mas nada lhe dizem (e parecem conformadas) sobre a falta de interesse, de amor e de tesão por seus companheiros de cama; ou ocultam sua falta de interesse, de vocação e de tesão pelo trabalho que realizam; ou nada relatam sobre a violência (pela dor física e pelo medo) de que foram vítimas na infância e adolescência, quando sexo e moral eram o alvo, mas no fundo, o que se visava com esse tipo de pedagogia era domar, limitar e controlar a sua liberdade, ou seja, a sua independência, a sua autonomia e a sua espontaneidade. Mesmo que tudo isso tenha sido referido, discutido e analisado, o cliente espera que o sexólogo consiga eliminar a sintomatologia sexual sem, entretanto, ser convencido a lutar por sua liberdade social e política.

Não é uma incoerência estúpida reclamar e um cinismo irresponsável ouvir reclamações sobre a falta de prazer sexual num corpo e numa pessoa para a qual tudo o mais na vida funciona sem nenhum prazer? Costumo dizer que, a esse respeito, paus e xoxotas apresentam mais sabedoria, mais honestidade e coragem que corações e mentes. Nossos corpos sabem que o tesão de trepar é apenas uma parte dependente do tesão de viver.

Temos observado na Somaterapia que, mesmo sem prestar

atenção às queixas sobre os sintomas sexuais que nossos clientes apresentam logo na primeira consulta, assistimos depois, durante todo o processo terapêutico, as pessoas referirem-se a um aumento progressivo de seu tesão de viver, de criar, de produzir, de conviver, de lutar e de amar sendo acompanhado por surtos súbitos e fantásticos de interesse e prazer sexuais. Ao fim da terapia, aqueles que conseguiram, realmente, tornar-se livres (aqueles que passaram a viver o mais possível em função de sua originalidade única) contam com surpresa que sua sexualidade mudou (até de polaridade, quando o problema era esse), ocorrendo o funcionamento sexual e a realização de seu prazer orgástico de forma sempre mais intensa, mais bela, mais livre e, às vezes, dizem, de forma completa. Cobrar de si mesmo e dos parceiros uma sexualidade feliz e completa, significa estar cometendo uma heresia insuportável: ou liberdade ou nada. Mas quem pratica essa heresia são nossos corpos, por nós.

Para documentar minha opinião sobre o tesão que as drogas produzem nos jovens ou sobre o tesão que é os jovens usarem drogas, enfim, para tratar desse assunto que considero um dos aspectos mais heréticos do comportamento da juventude no mundo de hoje, acredito ter encontrado numa reportagem da revista *Afinal*, n.º 73, depoimentos despreconceituosos, corajosos e competentes que me ajudarão a introduzir cientificamente o assunto. Meu depoimento, como pessoa e como somaterapeuta, também faz parte desse trabalho jornalístico do repórter Sérgio Pinto de Almeida. Com sua autorização, vou reproduzir parte da reportagem para, depois, completar o meu depoimento que, na entrevista, ficou incompleto.

“Cada vez se consome mais drogas no Brasil. Segundo a Polícia Federal em São Paulo, da maconha à heroína (a droga mais pesada já apreendida no Brasil), passando pelos estimulantes e relaxantes vendidos em qualquer farmácia, até a simples cola usada pelos sapateiros e os aparentemente inofensivos xaropes, chegou-se a um aumento de 300% no seu consumo em São Paulo, no período de 1984 a 1985, sendo a maioria de seus consumidores jovens de 17 a 30 anos.

A doutora Jandira Masur, psicofarmacologista, chefe do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e que há 18 anos se dedica a esses estudos, respondeu assim ao porquê desse aumento recente no consumo de drogas em São Paulo: — Querer responder a essa pergunta de uma maneira clara e precisa, como imaginam determinados setores da sociedade, é um absurdo. Porque não existe uma resposta ou a resposta. Existem milhares de fatos que levam ao consumo da droga e não apenas o desajuste familiar ou o sentimento de rejeição em relação à sociedade. Conheço gente que não tem esses problemas, é totalmente sadia e no entanto consome droga. Não existe um motivo único que leve à droga, e sim um conjunto de fatores, ligados sempre à condição cultural de cada um e da sociedade. Em algumas situações, e em determinados lugares, se o jovem, por exemplo, não fumar maconha, ele pode sentir-se mal, pode ser gozado ou até mesmo marginalizado. E acaba fumando, não porque tivesse um problema, e sim porque a situação criada o levou a isso. A mesma coisa acontece em relação a algumas profissões. Assim, o problema não é a droga. É o uso que se faz dela. O jovem consome droga porque está ansioso, despreparado, angustiado, ou porque quer pertencer a um grupo, ou por curiosidade, ou até para dormir ou fazer amor, ou ainda

simplesmente para, como eles mesmos definem, ficar numa boa. São milhares de fatores e não se deve perguntar por que o jovem consome droga. Isso é errado. E o pior é que há quem pretenda responder com convicção a essa pergunta.

“O professor Elisaldo Luís Araújo Carlini, professor titular do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, que pesquisa o assunto há 30 anos, afirma: — Antes de se discutir a questão das drogas, é preciso deixar de lado certos preconceitos e idéias sem nenhum fundamento científico. A começar pela imagem criada pelos meios mais conservadores da sociedade, que afirmam que a droga é fruto de determinada ideologia. Como exemplo disso veja a recente utilização que partidários da candidatura Jânio Quadros à Prefeitura de São Paulo fizeram da declaração de seu adversário, o senador Fernando Henrique Cardoso, de que já experimentara maconha. Isso é bobagem. Droga não tem nada a ver com ideologia. Os Panteras Negras, por exemplo, um grupo contestador de negros norte-americanos, diziam que a droga era prejudicial, fazia mal aos reflexos. Por outro lado, existem documentos que provam que no final do século passado, e começo deste, a conservadora Inglaterra vendeu drogas à China e à Índia. E logo após a Revolução dos Cravos, em Portugal, caiu sensivelmente o uso de drogas. E a revolução era de esquerda. Quer dizer: querer ligar droga a ideologia é errado.

“O brasileiro é muito mal informado a respeito do assunto. E mal informado dos dois lados, pelos que defendem e pelos que atacam o uso das drogas. Fala-se muito que a maconha seria a porta para as outras drogas. Essa relação absolutamente não existe, pelo menos não temos provas científicas. Assim como não está provado que a maconha degenera o cérebro ou causa alguma doença mental. O que existem são casos de doença mental em que

a maconha entra como mais um detalhe, e não como fator responsável.

“Um aspecto pouco observado é que os estimulantes e a cocaína, por exemplo, são drogas que, quando usadas por pessoas que precisam desempenhar determinada tarefa em pouco tempo, muitas vezes acabam se transformando em aliadas indiretas de quem detém o poder econômico. Como a cocaína faz o indivíduo trabalhar muito mais em muito menos tempo, é evidente que acaba favorecendo o empregador e não o empregado. Pilotos de guerra do Japão e da Alemanha, durante a II Guerra Mundial, usavam anfetaminas para poder ficar mais tempo em ação, e há relatos comprovados de que os espanhóis, na época do descobrimento da América, davam folhas de coca aos índios. E o contrário também aconteceu: Gilberto Freyre conta em seus livros que os senhores de engenho davam maconha para os negros fumarem quando não havia trabalho durante a entressafra, para que os negros ficassem relaxados e a possibilidade de revolta fosse menor. Certos sociólogos consideram que as drogas são um fator prejudicial à transformação da sociedade, no sentido de que os contingentes que se dedicam a elas deixam de se dedicar, por exemplo, a uma atividade política. Por esse prisma, a droga seria mais um componente em defesa do *status quo* vigente, e não o contrário.

“A descriminalização do uso da maconha é abertamente defendida também pelo professor Carlini, posição que assume particular importância no momento em que o Ministério da Justiça, através do Conselho de Entorpecentes (Confen), prepara uma revisão da lei de entorpecentes que pode levar a uma posição bem mais branda da legislação nesse aspecto. Recentemente, aliás, o Tribunal de Justiça de São Paulo, a mais alta corte do

Estado, absolveu um estudante que foi preso portando uma quantidade equivalente a um grama de maconha, suficiente para um único cigarro, incapaz portanto de causar qualquer tipo de dependência.

“Para o professor Carlini, o importante é que, com a descriminalização da maconha, se deixe de lado o aspecto policial da questão, que leva um jovem a ser fichado e enquadrado, muitas vezes, pelo porte de um cigarro de maconha: — Isso é uma grande injustiça, porque o jovem, nessas ocasiões, muitas vezes comenta: Eu fui preso porque fumo maconha e meu pai pode ficar livre porque bebe álcool. E tem absoluta razão ao dizer isso.”

A estes depoimentos, que me servem de argumentos científicos respeitáveis para a tese que estou desenvolvendo neste livro, faço seguir o meu que, infelizmente, não foi muito feliz e nem completo. Creio conhecer um pouco mais o problema do que consegui dizer ao repórter. Porém agora, com este capítulo e aproveitando boa parte da matéria publicada pela revista, acredito poder contribuir de modo mais eficaz e claro para a discussão do problema.

De fato, como está no meu depoimento, tinha caído muito, da década de 60 para a de 80, o número de jovens que procuravam terapia levados pelos pais, namorados, esposas ou mesmo que se apresentavam sozinhos e por iniciativa própria. As drogas que realmente levavam esses jovens à dependência e, conseqüentemente à terapia, eram o Mandrix (soporífero), o LSD (alucinógeno) e a cocaína (excitante cerebral e euforizante). Meus clientes, cerca de 50% deles, sempre usaram e continuam a usar maconha, associada ou não a outra droga, como, aliás, suponho

fazer a porcentagem dos jovens que a fumam hoje no mundo e que não apresentam problemas psicológicos graves.

Essa diminuição do número de clientes que procuram ou são levados a procurar a terapia pelo consumo dessas drogas, acredito dever-se à constatação, por parte dos jovens e de pessoas a eles ligadas, de que não existe psicoterapia antidroga que realmente funcione. Por outro lado, penso que um terapeuta honesto não vai tentar eliminar a dependência dos jovens a qualquer tipo de droga, sem questionar antes a origem sócio-política da sua neurose, cujos sintomas (ansiedade, angústia, depressão, fobias) eles próprios tentaram combater com as drogas em voga e que estivessem disponíveis e ao seu alcance. Assim, retirar a droga da pessoa dependente, sem eliminar a causa que produz os sintomas neuróticos, é uma coisa que me parece tão cruel e absurda como realizar atos cirúrgicos sem qualquer anestesia dispondo-se dos recursos necessários para aplicá-la.

Portanto, a minha conclusão a esse respeito é a seguinte: o consumo excessivo, impróprio e dependente de drogas por parte dos jovens é um dos pesados e dramáticos ônus, entre muitos outros, que as sociedades autoritárias terão de pagar por crimes que praticam impunemente contra a liberdade geral do ser humano. Elas poderão dominá-los, escravizá-los e castrá-los, mas os terão cada vez mais fracos, doentes, dependentes, incompetentes, impotentes e alienados para servi-las. Suportar o autoritarismo do capitalismo burguês, só mesmo drogado.

Admiro e respeito muito as pessoas que ainda contestam, que se insurgem, seja de que modo for, contra as restrições ao seu tesão de viver. Refiro-me aos drogados, aos marginais, aos loucos, aos suicidas, aos ladrões, aos criminosos, enfim, a todas essas pessoas subversivas que buscam nessas formas de rebeldia

existenciais e desesperadas o caminho para o seu protesto, a sua dissidência, a sua contestação aos sistemas sociais genocidas.

Confesso que eu também nunca me entreguei passivamente a toda a violência estúpida de que fomos vítimas durante os vinte anos de ditadura militar e fascista no Brasil. Dissidente, indignado, subvertido, colérico e desesperado, lutei de todas as formas que pude contra a ditadura. Fui perseguido, preso, torturado, seqüestrado, vi amigos sumirem, serem torturados e assassinados. Muita gente agüentou passar por tudo isso sem droga, sem sintomas neuróticos, sem medo da morte iminente e da dor insuportável, mas eu não. Foram inúmeras as prisões, as torturas não tinham fim. Eu me droguei com todas as drogas que encontrei, tornando-me, nos períodos mais difíceis, um alcoólatra dependente. Graças ao álcool, entretanto, não enlouqueci, não cometi suicídio, não roubei, não matei.

Duras e penosas terapias durante os últimos dez anos ajudaram-me a substituir o álcool por uma ideologia mais embriagante, sem ser anestésica. Elas me ensinaram também a poupar e potencializar energias vitais, amorosas e criativas através da ação revolucionária, como sendo a minha autoterapia permanente. Sobretudo esses trabalhos que culminaram na Somaterapia me restituíram o necessário tesão para levar adiante e com armas novas, mais eficientes, a luta contra o autoritarismo reativo que a violência do fascismo deixou infiltrado em mim. Esses vinte anos sob o regime ditatorial não me atingiram virgem, claro, quanto à liberdade de viver sob o comando de minha originalidade única. À repressão familiar burguesa na infância, seguiu-se a ditadura de Getúlio Vargas na adolescência e mocidade.

Mas vamos voltar a falar um pouco mais dos conceitos, dos

preconceitos e das heresias. Para mim, as palavras “droga” e “tóxico” têm um conteúdo e significado diversos dos oficiais. Tudo o que ingerimos se torna “droga” ou “tóxico” se o fizermos de modo excessivo, inadequado e impróprio. Estou com Yoko Ono que, numa entrevista à revista *Rolling Stone*, afirmou: “Tóxico é o segundo copo d’água quando o primeiro me matou a sede.” Mas essa é uma opinião *herética*, porque pressupõe autonomia pessoal na decisão do que é tóxico ou droga. São oficialmente consideradas drogas tóxicas certas substâncias que só os médicos autorizados pelo Estado podem aplicar em seus clientes.

A diferença entre os dois conceitos, um de *autonomia* e outro de *heteronomia* é, de um lado, o respeito à capacidade individual em se auto-regular quanto às necessidades do organismo de substâncias químicas naturais e, de outro, a suposição de que, individualmente, ninguém é capaz disso, só os médicos, ou seja, o Estado, quando se sabe que o médico está sujeito ao controle do Estado.

Todo uso individual de drogas inadequado, impróprio e excessivo sob a forma de compulsividade e dependência, resulta, como já dissemos, de profundo desequilíbrio no ato de viver, de criar e de amar dessas pessoas. As drogas que aliviam os sintomas dessas perturbações, como a ansiedade, a depressão, a angústia e a fobia são tão necessárias a essas pessoas como os antibióticos para os que são portadores de infecções bacterianas, por exemplo. Sua dor é insuportável, seu medo da morte ou o da ausência de vida os levarão fatalmente à loucura e ao suicídio, sem a droga. Portanto, enquanto não for eliminada a causa de seu sofrimento, essas pessoas deveriam ter direito natural, além de legal nesse sentido, ao uso de drogas, como de qualquer outro medicamento.

Estão sujeitos à mesma repressão (a institucional, legal, policial) os usuários ocasionais das drogas que as tomam como meios de amplificação e diversificação dos prazeres que a vida pode proporcionar. Se a sociedade autoritária não os desequilibrou emocionalmente, se conseguem, apesar de tudo, criar, amar e lutar, as drogas jamais se tornarão necessárias a eles por compulsão ou dependência. Então, nesse caso, diríamos como as autoridades do Estado ao justificar a fabricação e venda livre de armas para a população: como não é o revólver o culpado dos crimes que se cometem passional ou politicamente com ele, não são também as drogas que viciam e criam dependência, mas sim o uso inadequado, impróprio e excessivo delas. Logo, o certo seria condenar as “doenças” e não os “doentes” e combater a causa e não o efeito das mesmas. Claro, mas isso é *heresia*. O que se faz é punir e confinar os “doentes” como se faz também com os subversivos, os *heréticos* e os dissidentes de todas as formas e de todos os tempos.

Assim, sou a favor do uso das drogas, especialmente da *marijuana*, que devia ser liberada como o tabaco e o álcool, inclusive por me parecer (por experiência própria e profissional) um hábito de mais fácil controle (autocontrole) da dependência e ser uma substância com menos riscos tóxicos ao organismo do que as outras duas citadas e de consumo livre. Esta tese, *herética*, é compartilhada pela maioria dos cientistas do mundo que trabalham no assunto.

Outro lado histórico, antropológico, mas também *herético*, é a constatação da existência, em todas as culturas humanas conhecidas, do uso de substâncias que aumentam a percepção, produzem o prazer e aliviam as tensões. Os diferentes tipos de álcool, os fumos das mais diversas folhagens são acrescidos, na

atual fase tecnológica da civilização, de substâncias químicas de poder semelhante. A busca de fontes externas, na natureza, para ampliar o prazer de viver ou diminuir a dor de não poder viver, faz parte da vida humana, talvez tenha algo a ver com a sobrevivência do homem na Terra.

Maior heresia ainda é condenar a autorização oficial para a produção de drogas químicas, que os médicos manipulam com exclusividade científica, legal e criminosa, no combate aos sintomas que demonstram e escandalizam nossa insatisfação em viver sem liberdade.

A juventude é a grande vítima da repressão à busca do prazer, tanto na liberação fisiológica do amor e do sexo, quanto no uso de substâncias que ajudem a suportar os efeitos nocivos da repressão à liberdade e ao amor. E é em nome da juventude, para salvar a juventude, que as instituições oficiais combatem severa e violentamente o consumo da *maconha* pelos jovens. Entretanto, são essas mesmas instituições que fabricam armas e munições, que as vendem livre e indiscriminadamente, armando os jovens para se matarem nas guerras de forma genocida e estúpida.

Escrever essas coisas amedronta muito. Por isso ser *herético* é difícil. Mas, por isso, ser *herético* é também algo indispensável para quem pretende participar das transformações na qualidade da vida no mundo. Sei que a maioria dos psicólogos progressistas contemporâneos pensa de forma semelhante à minha, em relação ao uso das drogas pelos jovens. Mas poucos são os que exercem publicamente essa convicção *herética*. Thomaz Szasz, um profeta *herético* da antipsiquiatria norte-americana, explica isso: “Se alguém quiser difamá-lo, dizendo que você toma esta ou aquela droga, sobretudo não tente defender-se negando a coisa; ele fará você passar por mentiroso, além de drogado. Não lhe explique

também que o que você toma é sem perigo... ele lhe fará passar por um drogado e além disso por um corruptor da juventude. Mas o pior de tudo, sem dúvida, será você lhe dizer que cuide de seus próprios negócios... Dessa vez você passará não apenas por um drogado, mas por uma ameaça a todo o mundo civilizado.” A defesa dos direitos individuais à vida e ao prazer é considerada crime maior ainda do que curtir um *baseado*.

Por isso facilito o trabalho dos inquisidores oficiais sobre as *heresias* deste livro, repetindo: eu me drogo, gosto de me drogar, sei me drogar convenientemente sempre que possível, de álcool e de *marijuana*. Primeiro porque não quero perder todos os outros prazeres que a vida pode me dar, além dos fisiológicos, culturais e ideológicos; segundo, porque também estou “doente” da miséria humana a que a juventude do mundo vem sendo submetida pelo autoritarismo fascista de nosso tempo.

Segunda parte

O tesão nosso de cada dia

7

Se possuo algo para me orgulhar do que fiz na vida, ter participado da criação e da realização do *Jornalivro*, sem dúvida alguma, me orgulha e me envaidece mesmo.

Com a equipe de *Arte & Comunicação*, provamos que o livro em forma de jornal democratiza o leitor, a cultura se populariza. Na forma de jornal, o livro fica pelo menos dez vezes mais barato do que na forma tradicional, suas edições podem ser bem maiores e, vendido em banca, fica ao alcance do leitor que não tem recursos financeiros para entrar em livrarias e comprar livros.

Mas tudo isso tem um preço: o livro perde seu valor como objeto de arte, como símbolo cultural, enfim, perde sua nobreza. Sim, porque o *Jornalivro* é descartável, embora possa ser encadernado, se desejarmos. Por essa razão o *Jornalivro* ainda não vingou, porque ainda não vingaram no país as idéias democráticas e populares, bem como continua vingando a cultura como propriedade da nobreza, agora elite capitalista.

Raros foram os autores contemporâneos que se interessaram em nos entregar suas obras originais para edição em *Jornalivros*. As editoras não cederam seus autores estrangeiros para co-edição. Restavam-nos os escritores cujas obras já tinham caído em domínio público. E foi o que fizemos: Eça de Queirós, Dostoiévski, Machado de Assis, etc. A família de alguns escritores contemporâneos nos apoiaram: a de Mario de Andrade, a de

Graciliano Ramos, por exemplo.

Convenci meu editor e lançamos *Cléo e Daniel* em Jornalivro. Meu filho mais velho, Pedro, com 17 anos, ilustrou a edição e Sérgio de Souza me entrevistou, para incluir a entrevista no corpo da edição, juntamente com bibliografia e autobiografia do autor. Foram tirados 30.000 exemplares a 2 cruzeiros o exemplar, vendidos nas bancas em menos de 15 dias.

Estes são trechos da entrevista mais antiga que tenho, 1972, publicada no Jornalivro n.º 14. Ali já se esboçava o que se tornou minha vida, meu tesão, meu pensamento e meu trabalho de hoje. Era um momento de ruptura, o começo do começo de um novo tesão pela vida. Amo essa entrevista porque foi feita por Sérgio de Souza, porque é sobre *Cléo e Daniel*, porque foi publicada no Jornalivro. Um momento de total tesão.

P. — *Como surgiu em você o escritor, o romancista e Cleo e Daniel?*

RF. — Sempre tive vontade de escrever, mas nunca tive coragem. Escrevia coisas soltas e guardava. Contos, poesia, que eu nem sabia que era poesia. Nunca tive coragem também de procurar um editor, embora várias peças minhas de teatro já tivessem sido montadas. Em 1963, meio confuso, larguei a medicina para fazer jornalismo. Foi a época do *Brasil, urgente*, uma experiência que durou um ano. A vontade de escrever era permanente, mas eu não tinha tempo: redação, discussões, leitura, não havia tempo. Mas eu lia muito. Sempre li romance, e nessa época, especialmente, li muito romance, principalmente os americanos. A geração de 54, a *beat generation*, mais Henry Miller e James Baldwin. Mas, sobretudo um escritor de língua inglesa,

nascido na Índia, me impressionou profundamente: Lawrence Durrell, com o *Quarteto de Alexandria*. Era o livro que eu queria ter feito na vida. Em 1964 tive de fugir da polícia, mas não arranjava lugar para ficar. Não queria, por um certo pudor, complicar a vida dos parentes e dos amigos, mas na rua encontrei Míriam Muniz e Sílvio Zilber. Eles moravam na rua das Palmeiras. Me deixaram no apartamento deles e foram pra uma pensão. O pai de Míriam tinha um restaurante, de onde ela me levava a comida. Nesses dias, li o *Quarteto* e, sem ter o que fazer, comecei a escrever coisas isoladas que eu achava que podiam servir pra um livro. Um monte de visões, de situações, de pessoas. Até que, me achando fora de perigo, fui pra casa; no dia seguinte de manhã me encanaram. E na cadeia continuei a escrever coisas esparsas que tinha certeza juntaria depois num livro. Após cadeia, desemprego total, tempo livríssimo.

Já fazia muito tempo que eu colecionava publicações antigas de *Daphnis et Chloe*, romance pastoral grego do século VII, história de dois pastores, um menino e uma menina, numa primavera estoura a adolescência dos dois. Poético, mas realista. Desde garoto eu vinha com isso na cabeça, desde a fase da curiosidade literária adolescente, quando lia tudo. Romeu e Julieta, Paulo e Virgínia, Peleas e Melissande, Tristão e Isolda, Peri e Ceci. Essas histórias clássicas de amor se repetiam, eram todas iguais, varando espaço e tempo, mas no fundo a necessidade do amor e a tragédia. Li muito Jung depois, que falava bastante dos arquétipos. Li, li, li, fui pra França, li *Daphnis et Chloe* em francês, todas as edições que juntei são em francês, a mais velha é de 1764.

Perto de onde eu morava em Paris, no Hotel de L'Avenir, rue Madame, ficava o Jardim du Luxembourg. Lá dentro, cercada por

pequeno bosque de plátanos, existe uma fonte, a Fontaine Médicis, que tem uma estátua em mármore dos dois adolescentes gregos se amando nus. Era um de meus lugares prediletos em Paris. Ali compus a maioria de minhas apaixonadas cartas de amor, hoje todas destruídas, também por amor. Quando escrevi a última palavra do romance *Cléo e Daniel*, que era “mortos”, imaginei-os caídos assim, nus e se amando para sempre, em mármore, na minha Fontaine Médicis.

Então, com aquele tempo vazio todo, me mandei pra São Sebastião e fiz uma catarse. Escrevia das seis da tarde até as seis da manhã, sem parar. Tudo que me viesse à cabeça, sem nenhuma ordem. Como estivesse vivendo um tremendo trauma político, queria que aquilo que estivesse escrevendo não se relacionasse com a política da hora. E eu não gosto mesmo de escrever sobre política, embora goste de agir e participar. Queria escrever aquilo que gera a política. Senti a necessidade... na mocidade vivi a ditadura violenta de Getúlio, participei, levei porrada, aquela coisa toda de Faculdade. Depois, quando volto a participar, nova paulada. Essas duas coisas me podaram de uma participação política direta, embora tivesse chegado lá perto como presidente do Serviço Nacional do Teatro, com todos aqueles planos culturais. Então caiu tudo. Resolvi que esse livro seria uma espécie assim de testemunho de tudo aquilo que tinha sentido da vida até aquela época, 1964, quando comecei a escrever.

Terminada a catarse, fui ler e fiquei horrorizado — enorme, um monstro. Comecei a limpeza, mas querendo uma estrutura desestruturada, queria um livro epilético. No fundo, quando acabei de ler tudo aquilo, vi que tinha feito um livro de memórias sublimadas ou racionalizadas, mas o que eu queria era mostrar a impossibilidade da existência do amor na sociedade burguesa.

Então, em lugar do conflito Montecchio-Capuleto, eu colocava a própria estrutura social como a coisa que impede a realização do amor total. Aí eu punha minha própria relação afetiva, a de meus amigos e toda ela no plano social, político, etc., através de arquétipos. Minha esperança era que o leitor entendesse isso, tanto que no livro não há a menor referência à política, enquanto na ocasião eu estava muito atingido e preocupado com isso. Tem uma outra coisa. Eu estava também numa fase de desrepressão.

Sempre fui muito auto-reprimido, superbem-educado, preocupado com a sensibilidade dos outros, tendo uma certa dependência familiar. Vinha de uma família burguesa, e no livro resolvi me libertar de tudo aquilo publicamente. Aquela imagem de bonzinho, do médico, do bem-educado, do conselheiro, resolvi avacalhar com tudo isso através do Rudolf Flügél, que é RF, e tudo o que ele, Rudolf, diz do Roberto Freire, são trechos de críticas às minhas peças de teatro e de quem escreveu contra e a favor de mim desde muito tempo, em jornais, e opiniões de pessoas que me criticavam de longe. O vomitório de Rudolf é o que as pessoas pensavam de mim, pessoas mais abertas, mais corajosas e ele, Rudolf, era mais ou menos o que eu queria ser na sociedade burguesa — aquele cara mesmo, um filho da puta. A experiência de Daniel também era a que eu queria ter vivido, rompendo tudo até a loucura, até o amor total, que é a mesma coisa. Queria também ter sido o Benjamim, o símbolo fálico todo-poderoso, que transa com as religiões, se sente um deus, um deus meio decadente, mas deus. Ele diz isso no livro. Olhando qualquer dos três se vê que são amorais. Com conflitos de consciência, mas a opção é amoral,

E coincide ainda nessa época a minha ruptura com a religião, o abandono da fé, que posso confessar, acho que nunca

tive. O que não quer dizer que eu tenha perdido as influências do pensamento cristão que recebi, principalmente dos padres dominicanos, com os quais trabalhei em *Brasil, urgente*. Me marcava muito mais nesse tempo o humanismo cristão, não a religião. Dela o que usei foram os símbolos, os ritos e a liturgia. Acho maravilhosas certas coisas da liturgia cristã. Tanto que quando morre o filho de Rudolf, aquele sangue todo, ele pega a criança, joga-a ao pé do altar e vai embora. Mais tarde, para se amar, Cléo e Daniel escolhem como local o palácio episcopal, e fazem amor trocando hóstias.

P. — *Como foi a recepção ao livro?*

RF. — Coincide uma moralidade amoral. Resultou um livro considerado pornográfico e delinqüente para a época, que fazia mal aos jovens, as famílias ficaram horrorizadas, houve várias reações contrárias. Hoje não causaria mais tanto espanto. Acontece que eu mesmo fazia muito esforço para me libertar do moralismo. Acho que o momento mais claro do livro é o pavor que os eletrochoques causam em Daniel. Tinha feito umas cinco laudas em que ele precisava mostrar uma resposta à violência que lhe impõem através dos eletrochoques, deve arrebentar o teto da classe média, e destelha a casa dos pais — mas não era isso, era outra coisa, então uma hora venci minhas resistências e escrevi filho da puta de médico, de pai, de mãe, de sociedade, de Deus, de mundo. Só isso era mesmo o que eu sentia. Muito mais claro.

Bom, terminado, o livro tinha ficado com 450 páginas datilografadas. Eu aí já estava fazendo crônicas para a *Ultima Hora* e trabalhava com o Inácio de Loyola Brandão, que também tinha acabado de escrever um livro, *Depois do sol*, de contos, eu inventei o título pra ele. Era a única pessoa com quem eu falava

de literatura e pedi que me ajudasse a fazer cortes. Sempre tive horror de livro grande, sempre isso me corta a onda quando me disponho a ler um; acabo lendo, mas no começo resisto. O Loyola fez cortes que aproveitei e outros que não. Trabalhei mais de um ano nisso. E ele discutia muito comigo sobre a estrutura. Achava até que eram dois livros — a parte dos Elefantes, Rudolf e Benjamim; e a parte de Cléo e Daniel. Eu acho que está certo como está, sempre achei e acho. Pelo próprio Loyola, o Caio Gracco, da Brasiliense, que ia editar o *Depois do sol*, ficou sabendo que eu tinha feito o *Cléo e Daniel*. Foi um dia em casa, pegou os originais e levou pra ler. E achou, como Loyola, que deviam ser duas coisas diferentes, mas acabou aceitando a minha opção quando resolveu editar o livro em 1966, mesma época em que eu montava *Morte e vida Severina* no TUCA.

Por razões óbvias dediquei o livro a Míriam Muniz e Sílvio Zilber, e o título surgiu só na revisão final, quando encontrei Daphnis e Chloe lá dentro. Aí botei o Benjamim adaptando e traduzindo a história para o português, isso antes do Caio levar.

P. — *Mas, de onde vem essa vontade ou necessidade de ser escritor?*

RF. — Desde menino achei que ia escrever, por causa de um amigo. Ele era filho de Francisco Pati, um escritor e jornalista que era diretor do Departamento de Cultura, e a casa deles era freqüentada por todos os intelectuais de São Paulo, e o Zé Luís, esse amigo meu, estava muito à frente da turma da sua idade, tinha aprendido línguas muito cedo, tratava familiarmente Mallarmé, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, lia e recitava Garcia Lorca em espanhol. Fazia poesia, além do francês lia italiano no original, inclusive a tradução que seu pai fazia do Inferno, da

Divina comédia de Dante. Eu tinha uma ligação profunda com o Zé Luís, achava que ele iria ser o maior escritor brasileiro. E eu era assim uma espécie de segundo dele. Eu queria ser ele — bonito, falante, adorável. Eu era todo espinhento, gago, complicado, só conseguia me comunicar direito com ele. Eram noites e noites em bar, falando, conversando da vida, do amor, etc. Aí ele teve uma cirrose hepática, ia sofrer durante dez anos, se casou, teve dois filhos e morreu com 30 anos. Acompanhei a doença dele o tempo todo. Dez anos de sofrimento. E a morte dele ia ser a minha primeira grande porrada. Aí, uma coisa espantosa pra mim, acho que realizei e estou realizando aquilo que ele faria, como se ainda estivesse atrás dele. A sensação é de que parte de minha personalidade é aquilo que ele queria fazer — a melhor parte de mim, aliás, a criativa, humanista, política. Nossa ligação era tão grande que o pai dele, quando ele morreu, passou a me chamar pelo próprio apelido do Zé Luís — Deda, e eu, em pânico, fugi de lá.

P. — *O tema do amor percorre todo o livro. Cléo e Daniel pode ser considerado um romance de amor apenas?*

RF. — Pra mim só existe um tema — o amor. Se não se modificar a sociedade, vamos continuar tendo um arremedo de amor, tão insatisfatório que... bem, veja, o trecho do beijo de Cléo e Daniel na praça da República é pra mostrar isso, um beijo de quatro horas que o povo não agüenta, quer desfazer o amor perfeito, uma imagem insuportável. E os dois sempre serão impedidos, e ficam rodando a cidade inteira, até que resolvem se suicidar. Nunca houve uma sociedade que deixasse o homem se realizar integralmente, onde ele fruisse totalmente o amor. Segundo o Benjamim, Zeus (que não era besta) cortou o andrógino

no meio porque a felicidade que significava o andrógino criava um poder incrível que ameaçava o Olimpo; cortando o andrógino ao meio, Zeus criou o homem e a mulher, que na busca de um pelo outro deixam os Zeuses tomarem conta de tudo. O conteúdo do livro quis que fosse identificado e discutido através das dificuldades para o amor na sociedade burguesa.

P. — *O que você acha que deve significar hoje, sete anos depois de lançado, Cléo e Daniel para os jovens?*

RF. — Hoje, 1972, a proposta de *Cléo e Daniel* continua sendo igual para os jovens, não mudou nada, é a mesma. Em síntese, é o seguinte: pros jovens terem o amor de que necessitam pra amar e criar, têm de enfrentar toda a estrutura em que vivem, a familiar, a social, os preconceitos e tradições, etc. Por exemplo: se um cara quer ter uma mulher, gosta de uma mulher, tem de ir pra cama na hora, sem querer saber de mais nada em termos de espaço e tempo. As colocações tradicionais do tipo amor-pra-sempre, até-que-a-morte-nos-separe, etc., são as grandes fórmulas de escravização de uma pessoa às outras. Pra ter grana de sustentação, o casal tem de fazer tudo o que a estrutura quer. Acho que temos de educar os filhos e alunos a não aceitar nenhuma dessas regras. Romper com as coisas significa fazer o que se tem necessidade e não o que é imposto. Deixar o cabelo crescer, deixar a escola se ela for quadrada. Devemos chuchar a leitura neles, para se complementarem. Não se pode forçá-los a nada. Deve-se dizer a eles que rompam com o que não estiver dando. Não está dando? Deixe de lado a amizade, o trabalho, a mulher, a família. Não fique com nada que não esteja dando, pois senão você se estrepa. Sinto na pele como, pra nossa geração, isso é difícil. Meu filho mais velho se libertou de mim e da mãe dele.

Não concordo com muitas das coisas que ele faz, mas não tenho o direito de intervir. Se descobriu as coisas dele, tem de fazer o que quer, eu só devo dar condições pra ele desenvolver o talento que possui.

Eu gosto muito da geração *hippie*, e sei distinguir o joio do trigo. Sei onde está a neurose e a sacanagem do *hippie*, e a verdade dele. Pra mim o *hippie* certo é o sujeito que se nega a participar da sociedade de consumo, sem deixar com isso de participar da história da humanidade. Conheço vários *hippies*, em todos os campos: letras, ciências, artes, filosofia, etc., que se negam a participar da sociedade de consumo mas não param de criar, de lutar. O que não faz nada, só está na dele, esse é o sacana, porque termina sendo um parasita dos consumistas.

P. — *E Cléo e Daniel, hoje, se estivessem ainda vivos, como terminariam?*

RF. — Se os dois recuperassem a posse deles, os dois se casavam e iam ficar na mesma merda em que estamos. Se eu tivesse essa visão de hoje na época, os faria fugir e virarem *hippies*. Mas não tinha, então achei que a morte era a única opção. Ao colocar o problema da morte, coloquei as cápsulas. E, quando os dois resolvem se matar, se libertam de tudo — pai, mãe, sociedade, ficam completamente livres, o amor volta, mas já tinham tomado as cápsulas. Com a sensação de amarem de novo, saem então pedindo socorro de porta em porta, nus de amor como estavam, e em vez de dizer a palavra morte, diziam a palavra amor. As pessoas, vendo aquilo, em vez de chamar uma ambulância, chamaram a polícia. E os dois morrem sem nada de suicídio. Me acusaram disso, do suicídio, mas não, eles foram assassinados. Se o amor dos dois fosse aprovado, sem a

preocupação com o nu deles, eles não teriam morrido. Hoje, seria fácil um *happy end*, de *hippie*, virando o mundo. Ou então os dois montando uma barraca à margem do rio Tietê, ele fazendo ciência e ela arte, educando os filhos independentes, etc. Mas já tenho o projeto de um livro assim...

P. — *Como você viveu a repercussão do livro?*

RF. — O que aconteceu com o livro foi uma surpresa. Pensei que fosse algo muito do meu íntimo e foi o contrário. O sucesso evidentemente deve corresponder a um anseio qualquer dessa juventude — desde 1966 sai quase uma edição por ano, que se esgota. E nas conferências a que sou convidado a dar, a platéia está sempre dividida em dois grupos. De um lado, os velhos de cuca junto com os marxistas contra o livro; os velhos de cuca porque dizem que estou destruindo a família, que é amoral, pornográfico, etc., enquanto os marxistas dizem que fiz um livro poético, de amor, quando devia ser de luta, político, que Cléo e Daniel deviam lutar e em lugar disso se matam, etc. Do outro lado a garotada que ama o livro discute paca, quer saber milhões de coisas, mas entende o que o livro diz.

Do ponto de vista literário, sou uma cópia imperfeita do Zé Luís, que seria um tremendo literato. Eu não sou, não tenho nada que ver com estilo, forma. Sou desleixado com a forma. Tenho cuidado com o conteúdo, mas a minha forma é muito suja e não me incomoda que assim seja. Então fui muito mal recebido do ponto de vista literário. Podia ser bom se fosse bem escrito, mas não sei escrever bem. Me enche o saco estudar gramática, estilo, forma. Quero ter sempre um copidesque. Ter as idéias e ter um cara que adora a forma, ótimo. É só um não encher o saco do outro, pronto. O Cortázar, por exemplo, leio com admiração mas

não com prazer. Quando venço a resistência contra Guimarães Rosa, amo tudo aquilo. *Grande sertão: veredas* me empolgou profundamente, mas depois da página 100. Minha forma tem de ser epilética, não sou organizado, não faço projeto, não faço esquema, só tenho assunto, idéias, personagens na cabeça, e vou criando na hora. Toda hora você está criando coisas pro seu livro. Se eu sentar agora, tenho material paca. Milhões de coisas. Não tenho nenhuma comparação pra esse meu jeito de escrever, essa vontade de transmitir o que penso. Além disso, eu sou preguiçoso. Não consigo corrigir direito um texto. É um defeito, mas confesso que hoje não me preocupo nem um pouco com isso. Tem gente que lê meus livros e gosta, então eu não ligo mesmo. É uma sujeira porque a vida é suja também e eu não sou filtro da vida. E outra coisa: odeio a matemática, a lógica, o jogo. Odeio, não sou capaz de me interessar por ciências exatas. O pensamento lógico, para mim, é sempre óbvio e estúpido, acaciano. A vida e o homem não são lógicos, tudo é ilógico, então não aceito essa linguagem do lógico. Jogo de palavras, fórmulas, não consigo jogar xadrez, nem dama, nem baralho, compor, fazer efeitos, tirar efeitos, fazer *suspense*, não sei, não consigo.

P. — *E agora?*

RF. — Agora? O jeito é trazer toda essa utopia mais pra perto de mim. Como? Sinto até uma certa vergonha de dizer o que estou sentindo... Mas acho que o meu jeito de puxar a utopia pra perto de mim é escrevendo, é brigando, é bebendo, é me apaixonando, é me perdendo e me encontrando... é me sujando e vendo a beleza da vida cada vez melhor através da transparência cristalina da sujeira humana.

8

Já contei no prefácio de *Utopia e paixão* que o livro resultou da conversa com um amigo, o Fausto Brito, enquanto aguardava o resultado da cirurgia feita em meus olhos, cujas duas retinas, de forma inexplicável, tinham descolado simultaneamente.

Nossas conversas partiam da seguinte pergunta: com o desaparecimento dos partidos clandestinos em que militávamos, nós que nunca militamos e militaremos em partidos regulares, institucionais, que tipo de militância poderíamos ter agora?

Sobre isso falamos, gravando, e depois editamos em livro. Mas, subjacente a esses pensamentos políticos, eu vivia uma crise existencial sem tamanho em minha vida: a possibilidade de ficar cego para sempre.

Uma vez, há alguns anos, meu coração pifou com um enfarte. Mas eu, não. A morte passou por perto, deixou uma dor física infernal, mas foi ligeira, não conseguiu completar seu trabalho sei lá por quê. E tudo o que tinha sido aberto em mim fechou-se, cicatrizou, inclusive as lembranças.

Mas com o deslocamento das minhas retinas foi bem diferente. Os meses que fiquei sem ver mostraram-me uma realidade apavorante: tudo o que fazia na vida, meu cotidiano, estava na dependência da visão. Tanto era assim que, além de cego fiquei “paralítico” durante esses meses. Paralítico no sentido de que minha motricidade dependia quase que exclusivamente do

que eu via. E tudo o que eu sentia, vindo de todas as outras percepções sensitivas, afetivas, emocionais e sensuais necessitavam ser confirmadas, avalizadas pela visão.

Nesse período pude constatar a extensão, a profundidade e a gravidade do meu voyeurismo. E tem ainda o mais grave, que tenho até vergonha de confessar: fiquei burro e quase sem tesão, só porque estava cego. E odiava conversa. Passei a detestar qualquer tipo de música.

Mergulhado assim na escuridão e na solidão, refletia sobre como tinha sido construída a minha personalidade e a minha relação com o mundo. A primeira descoberta a que essas reflexões me levaram foi que a beleza é o meu primeiro e fundamental referencial de valor, interesse e prazer, como já relatei e estudei em capítulo anterior. Não que a beleza valesse por ela mesma, que fosse algo suficiente para me satisfazer. Não, até me lembro de duas reações adolescentes que tive quando a beleza me atingiu por ela mesma de forma intensa demais. Tive vontade de sentir na boca o sabor de frutas, de manga especialmente, quando contemplei, pela primeira vez, reproduções de quadros de Gauguin e de Van Gogh. Depois, vendo uma exposição de plumagens de pássaros em adereços indígenas, no Museu do Ipiranga, fui assaltado, junto com o êxtase estético, de um tesão tão desesperador, que a única solução foi me masturbar no banheiro do museu, sem nenhuma fantasia erótica além das cores e das formas daquelas plumagens tropicais.

O meu cotidiano é quase só ver: livros, teatro, cinema, televisão, quadros, esculturas, poesias (que não tolero recitadas), gente, bichos, plantas, pedras, paisagens, arquitetura, vidros, fogo, água... enfim, tudo. Mas não como amador, não, eu olho essas coisas como profissional, com responsabilidade, mas sempre

como se fosse pela primeira e pela última vez. Tendo sempre de formar uma opinião sobre tudo o que vejo e sentindo-me obrigado a expressá-la.

Claro que a Somaterapia me ensinou a tocar, a cheirar, a lamber e a me envolver corporal, emocional e sensualmente com tudo o que me interessa, depois que vejo — melhor, depois que espio devidamente as coisas.

Espiar é mais que ver, sim. Ver a gente vê até involuntariamente, basta estar de olhos abertos. Espiar já é uma escolha, um enfoque, é um ver separado, sempre tem uma intenção outra além do simplesmente ver.

Assim, a escuridão foi tão generosa comigo como a morte. Demorou um pouco, mas foi embora, deixando um bom estrago, porém sobrou-me o suficiente, não digo para ver bem, mas o bastante para espionar tesudamente tudo que quero. Salvou-se, pois, o *voyeur* que sou. E valeu o susto para eu aproveitar, daquela época em diante, ainda mais e melhor a beleza das coisas.

Mas estou contando tudo isso para introduzir a entrevista que dei às vésperas do lançamento de *Utopia e paixão*, no Rio de Janeiro. Gostei do trabalho do repórter Marcus Barros Pinto, que conseguiu, com sua inteligência jovem e cúmplice, sintetizar o mundo de coisas confusas, misturadas e caóticas que lhe disse em meu apartamento no Jardim Botânico. É que havia algo no Marcus, algo que ele parecia estar vivendo naqueles dias, algo de seu cotidiano amoroso que a leitura do livro tenha talvez acirrado ou aprofundado, algo que me levava a lhe fazer mais confidências íntimas que declarações à imprensa, algo que só agora, relendo a matéria para publicá-la no livro, descobri o que era, o que ainda é.

É que eu sempre tive muita vontade, mas muito pudor também, de falar sobre a crise existencial que vivia desde que

comecei a gravar as coisas para o livro. Honestamente, sempre tive mais vontade de falar sobre essa crise do que do livro e do seu conteúdo psicológico e político. E com o Marcus, como já disse, por causa de um negócio que vinha dele, eu misturava as duas experiências e acho que não sobrou coisa nenhuma publicável. Mas ele, bom e esperto jornalista, aproveitou na entrevista mais o que leu no livro e o que pensou sobre ele. E salvou minha cara. A entrevista, muito lida, acabou por vender muitos livros. Mas eu continuei entupido.

Agora desentupi um pouco, mas a desentupição toda está mesmo no *Coiote*. Naquele tempo eu disfarçava, com meus discursos políticos, qual era minha essencial e real utopia e paixão: um amor tardio, completo e, sobretudo, muito belo que me surgia aos 57 anos como um perfeito canto do cisne. O *Canto do cisne* que tentei contar para um milhão de telespectadores e que a Censura Federal, que não é boba nem nada, não deixou ir para o ar.

P. — *Como surgiu a idéia e de que trata seu livro Utopia e paixão?*

RF. — Surgiu da convivência com jovens em meu consultório, com meus filhos e amigos jovens. Surgiu de conversas sobre liberdade, amor, família, revolução, justiça. Todas estas coisas afetaram todas as épocas da minha vida, mas vejo que hoje elas estão sendo levantadas de forma diferente. Sinto que esses grandes temas se desgastaram. Precisam ser repensados sob uma nova ótica.

Nas últimas décadas acho que tivemos um profundo esvaziamento do sentido que essas coisas tiveram para outras

gerações de épocas anteriores. Nessa convivência com meus clientes, meus filhos e meus amigos jovens, sinto que eles estão querendo outras coisas. Um novo conceito de esquerda, de socialismo, com mais criatividade e paixão. Sinto que estamos vivendo isso de modo diferente, mas usando as mesmas palavras, definindo verbalmente como era antigamente, e não como é hoje.

P. — *E qual é a sua postura diante desse quadro?*

RF. — Meu grande interesse hoje é muito mais a política do cotidiano do que a política partidária, institucional. Estou mais interessado em como a gente se relaciona com a família, em como se organiza uma nova família, uma coisa diferente da família burguesa. Enfim, mais as relações de poder no cotidiano do que nos processos políticos macro.

Aliás, li recentemente um poema de um jovem anarquista, o Julinho, onde ele diz que está “sendo possuído por algo que o atíça. Seria uma mistura de rebeldia e preguiça”. Entendo nisso duas grandes propostas da juventude de hoje: a nova forma de rebeldia menos institucional e mais existencial e a busca permanente do prazer como instrumento de aferição de valor usado no comportamento, no sentido da vida, com uma preguiça macunaímica.

P. — *No livro, você diferencia amor, paixão e sedução, temas hoje muito debatidos e discutidos. Diz-se que paixão está na moda. Que momento apaixonado é esse?*

RF. — Me sinto uma pessoa absolutamente apaixonada e utópica. O Fausto Brito também. Quando escrevemos, falamos de coisas muito nossas, cotidianas, mas é claro que essas paixões e utopias foram muito arrefecidas, muito controladas nesse período

de repressão que nós vivemos. Acho que a abertura que está havendo na vida política não é uma abertura que venha do sistema, dos militares. Esse tipo de abertura para mim não tem nenhum sentido e não vale coisa alguma.

Sinto outra forma de abertura, que é uma forma de ruptura. Parece que aquilo que existia dentro de nós, mais ou menos nos tapando, foi rompido. Acho que houve uma ruptura interna que está sendo feita por uma paixão. Nos, brasileiros, sempre tivemos esse tipo de paixão pela vida, pelas coisas. Mas ela havia sido engastada, presa. Agora está saindo como um terremoto, uma erupção. Uma coisa meio descontrolada, que foi contida por muito tempo, e agora voltou.

Vejo que é uma paixão muito mais visceral que intelectual. Hoje buscam a paixão em tudo e em todos, e sabem que o prazer pode se dar nas mais diversas manifestações. Acabaram com aquela coisa antiga do romantismo para descobrir que ter paixão é ser livre, revolucionário e alegre.

P. — *Dentro disso, como você encara o amor?*

RF. — Penso que o amor é um fator biológico, inerente a todas as pessoas. Algumas deixam ele vir à tona, outras não. E a vida é um eterno processo de sedução e paixão. Por que devemos nos apaixonar por uma só pessoa? Isso é uma imposição moral da sociedade em que vivemos. Ora, se temos amor dentro de nós, devemos distribuí-lo a tudo e a todos. Paixão não é restrita a uma só pessoa, mas a tudo. Você pode se apaixonar pelo papo de um amigo, pela beleza de uma paisagem e pelas diversas formas de amor que uma pessoa pode te oferecer. Assim, a questão principal não é defender ou acusar a monogamia ou poligamia, mas não restringir a possibilidade de amar.

P. — *Nesse aspecto, como você coloca a questão da família? Em seu livro há inclusive uma frase onde você diz que o “venerado amor de mãe burguesa é mais perigoso para a humanidade que todo o arsenal de armas atômicas”.*

RF. — Esta é uma frase de efeito, uma forma que uso para atingir as pessoas. Digo isso porque todo o arsenal de armas tem uma função específica de morte. E as pessoas sabem combater, criticar e manipular com isso. Já o amor de mãe burguesa é sutil. Todas as atitudes das mães burguesas, as duplas linguagens, são todas justificadas como amor, quando na verdade são castradoras e repressoras. Conheço casos de pais que batiam nos filhos dizendo que faziam isso para evitar que os filhos apanhassem da polícia. Então a família, como a vejo atualmente, nada mais faz que formar pessoas para um mundo autoritário, onde o poder se apresenta das mais variadas formas dentro das mais diversas instituições.

P. — *Pessoalmente, como é que se deu esse processo?*

RF. — Houve um momento em que senti uma imensa vontade de explodir minha família. Estava apaixonado por meus filhos e por minha mulher, mas senti que, para que sobrevivesse o amor, era necessária esta explosão. A partir daí dei mais liberdade a meus filhos para que fizessem o que quisessem, e hoje os três são músicos. Quando vão estar com a mãe, eles têm lá um modelo de família. Comigo têm outro. Hoje vivo sozinho, e todas as minhas relações com amigos ou relacionamentos afetivos se dão com muito mais liberdade e intensidade.

P. — *E o ciúme, como entra nisso?*

RF. — Se um cara começa a dar em cima da mulher que está comigo, num certo momento posso reagir dando um murro na cara dele ou seduzindo essa mulher para que fique comigo. Acho a segunda opção mais forte e realista. Vivemos um eterno jogo de sedução, onde sempre vence o melhor. A sedução nos move, nos alimenta.

P. — *Você extrapola esse processo não só para a juventude, para uma geração, mas para uma época. Que momento histórico seria esse?*

RF. — Nos anos 60 houve o movimento *hippie*, as manifestações de 68 na França, mas todas as questões colocadas na época foram absorvidas pelo consumo. Houve então uma grande frustração. Não vejo hoje um processo que determine que devemos mudar nossa maneira de vestir, nossos cabelos, pois isso é muito superficial. Mesmo com nossas calças *jeans*, dentro desse sistema, podemos ser revolucionários.

Outro fator foram as falências, tanto dos modelos capitalistas quanto dos socialistas autoritários. Nenhum deles ousou romper com a estrutura da família, conservando-a como célula autoritária, o que permitiu a manutenção de governos autoritários. Bakunin, um anarquista, foi exilado logo após a Revolução Russa. Mesmo os revolucionários temiam a visão anarquista. Conheci nos tempos da luta armada diversos companheiros que davam a vida pelo socialismo na luta, mas eram tiranos com suas mulheres e seus filhos. Se tomassem o poder, que sociedade iriam propor? Hoje a juventude tem consciência da falência dessas soluções.

P. — *Um dado importante que se nota nesse processo da*

juventude dos 80 é o comportamento diante dos ídolos ou mitos. Como você encara esse dado?

RF. — Isso é bem verdade. Volta e meia me perguntam onde estão os Chico Buarques ou os Caetanos. Acho que hoje a juventude não quer mais gozar com a pica alheia. Cada um se sente com vontade e possibilidade suficiente para ter sua própria realização, viver sua própria vida e não a do outro. Eles perceberam que você delegar a alguém o prazer, o sucesso ou o fracasso, é uma forma de realimentar o autoritarismo, nos omitindo pela representatividade, pela idolatria. Amo a obra do Chico e do Caetano, mas elas não me representam em nada. Nós não precisamos mais de Chico e Caetano, precisamos agora é ser todos os nossos próprios Chicos e Caetanos.

P. — *E quanto aos comícios pelas diretas?*

RF. — Também se incluem nesse processo. Vi a França de 68 e fui ao comício da Candelária, agora. Senti nos dois a mesma coisa. As pessoas faziam questão de estar ali, mas não estavam preocupadas em ouvir discursos, e sim em conversar, falar de si, de seus problemas, de seus prazeres. Acho até que foi melhor não terem passado as diretas, pois nos arriscaríamos a eleger um político desses que não transformaria em nada o sistema.

P. — *O livro, embora levante inúmeras questões, não dá qualquer resposta definitiva ou caminho determinado. Por quê?*

RF. — Porque estamos vivendo um período de adolescência histórica. Uma fase de descobertas, tentativas, onde não há modelos definitivos e inquestionáveis. Os jovens sabem perfeitamente o que não querem, e estão construindo o que querem. Num processo onde o que há de mais bonito é a

intensidade da vida. Sinto um enorme tesão em viver. Sinto-me eternamente sedutor, seduzido e apaixonado. Enfim, em trânsito livre pela vida, neste momento.

9

É o amor, não a vida, o contrário da morte. Essa frase resume todo o romance *Cléo e Daniel*. Está no livro porque, naquela época, *Cléo e Daniel* sintetizava a minha maneira de viver, quer dizer, de amar.

Depois, eu morri. Mas, parafraseando Belchior, agora eu não morro mais. Quer dizer, deixei de ser bobo e parei de viver, só para amar. No começo de 1983, um jornalista meio duende, o Bernardo Pellegrine, gravou três horas seguidas de um delírio meu sobre o amor que não teria destino jornalístico imediato.

Quando estive em sua cidade, Londrina, dois anos depois, no começo de 1985, ele me preparou uma surpresa: em página inteira, na *Folha de Londrina*, escreveu e diagramou uma matéria com material colhido daquele delírio, entrecortado com trechos de *Utopia e paixão*, escolhidos por ele. “O amor de Roberto Freire”, era o título da matéria. Vou reproduzi-la aqui integralmente, no conteúdo, na forma e no meu tesão delirante. Fiz apenas alguns acréscimos para melhorar o texto, pois não falo tão claramente como escrevo, assim como não vivo tão satisfatoriamente como amo.

“Estamos hoje certos de que o amor não foi feito para ser compreendido, mas apenas vivido. Essa é a nossa experiência. Por

isso afirmamos: do amor só se pode fazer a necrópsia, jamais a biópsia.” (*Utopia e paixão.*)

Eu, quando estou amando, não penso sobre o amor, eu busco saber quais são as melhores condições para que o amor se realize. Eu acho que o amor é uma coisa que se produz no ser humano como manifestação fundamental do fato de ele estar vivo. Mas independe de outras pessoas. O amor é produto de minha vida. Ele é um pedaço do meu ser. E tem mais: ninguém produz em mim o amor. O máximo que pode acontecer é a pessoa se habituar a esse amor, aceitar uma troca entre os vários amores.

Mas não acredito que alguém possa ser o responsável pelo nascimento e desenvolvimento do amor em outra pessoa; o amor se desenvolve do jeito que a vida quer que ele se desenvolva. Eu acho a visão do amor produzida por outra pessoa uma coisa bastante idealizada. Quando eu perco uma pessoa que amo, sofro a perda da companhia, mas o amor permanece intacto. O que vale é a companhia, a cumplicidade, as coisas que a gente vive junto quando estamos unidos.

“Para nós, o conceito de amor se identifica com o de vida. É pulsação. Pulsação que só se justifica na consciência lúcida e livre do homem se visa à realização do prazer. De todos os prazeres possíveis no ato de viver, a sedução amorosa e a paixão (que leva o prazer e a dor às últimas conseqüências) são, a meu ver, as únicas razões para o homem querer, por opção, continuar vivo.” (*Utopia e paixão.*)

Se não houvesse a ideologia do amor, não haveria a ideologia da vida. O ser vivo quer viver, se desenvolver, desenvolver o seu

potencial de vida, se ele tem o potencial do amor. A vida em si, o estar vivo, é muito pouco: o que faz o ser vivo querer a vida, querer criar, se desenvolver, é ele sentir alguma coisa indefinida, porém extraordinária, que é o amor. O amor é alguma coisa que existe na vida não como produto da vida, mas alguma coisa que faz e justifica a vida.

Quando fico sozinho, sem o meu amor, sem ter com quem brincar, acho a vida alguma coisa absolutamente insuportável. Então começo a conviver com meu próprio amor, meu ato de intensificação da possibilidade amorosa, minha alegria. O que é visível no amor, além dos gestos do amor? O que é visível é a alegria que o amor produz ou que produz o amor.

“A instituição do casamento pressupõe uma certa estabilidade, uma rotina no desempenho dos papéis convencionais de marido e mulher, ou pai e mãe, esvaziando afetivamente as relações dentro dela. Na maioria das vezes, as pessoas envolvidas, em lugar de reagir a isso, acabam encontrando na reprodução da “família tradicional” um recanto para sua inércia ou parasitismo afetivo.” (*Utopia e paixão.*)

Dentro da minha visão, acho o casamento um absurdo. Eu gostaria de falar sobre o acasalamento, porque quanto ao casamento eu só quero que acabe, que não exista mais, porque o casamento é uma das grandes fontes de destruição do amor. Mas o acasalamento é indispensável. Acho que as novas formas de acasalamento que hoje estão sendo pesquisadas pela juventude no mundo são a medida das transformações atuais na história do homem. Porque não acredito que haverá modificação alguma nesta fase da história do homem se não se modificarem as regras

de funcionamento e os objetivos da família.

Para mim, a unidade do ser humano não é um ser humano, são dois, e, na verdade, você vai ver e podem não ser apenas dois, podem ser três ou mais. A relação, para ser completa, para formar a unidade, precisa ter passado, presente e futuro, precisa ter multiplicidade de naturezas e de experiências humanas formando a unidade. O que quero dizer é que somente quando você está amando alguém, você está inteiro. E não estará menos inteiro se amar mais de uma pessoa ou for amado por mais de uma também. Só quando projeta o futuro nessa relação ou relações, você atinge sua temporalidade. Então, acho impossível imaginar o ser humano, jovem principalmente, sem um projeto de relacionamento amoroso em andamento, ou, pelo menos, em esperança. Agora, quanto às maneiras de as pessoas se relacionarem, estou observando as experiências mais incríveis. Não só no Brasil, porque esse é um processo mundial. Observo as relações monogâmicas por tesão não de posse e de exclusividade, mas porque o casal deseja explorar o seu potencial amoroso sem diversificação e dificuldades de concentração, de criação, que a competição e a concorrência possam produzir. Mas eles sabem que a relação tempo, espaço e tesão não será determinada por suas vontades e sim pelo potencial de amor que possuem para aquela relação específica. Podem viver juntos na mesma casa ou cada um na sua. A coabitação não faz parte do amor e nem determina a qualidade, a durabilidade e a intensidade do amor. Viver junto nem sempre corresponde a amar junto.

Observo também as diferentes formas de relação aberta, mas só me interessam aquelas cuja ética é a da sinceridade, tanto na formulação do trato quanto na sua aplicação. São casais que estabelecem viver seu amor em liberdade, mas sem precisar

contar ao companheiro essas experiências paralelas, só o fazendo, entretanto, quando uma dessas outras experiências assume proporções que, inevitavelmente, provocarão concorrência e competição. Outros preferem o oposto: jogo totalmente aberto, os parceiros comunicando todas as experiências paralelas.

Outras variações possíveis dentro dessas mesmas experiências seriam: 1) o casal viveria na mesma casa; 2) cada um viveria na sua casa; 3) a pessoa ou pessoas que fazem parte das relações paralelas (dele e/ou dela) moram na mesma casa; 4) cada um em sua casa mesmo nas relações com paralelismo.

O problema maior que sempre necessitamos enfrentar nessas experiências é o ciúme. Costumo dizer que toda vez que vamos viver um triângulo amoroso, esse triângulo acaba nunca sendo equilátero e azar de quem fica com o ângulo menor, pois vai morrer de ciúmes, atrapalhando a dinâmica da triangulação. No *Utopia e paixão* nós refletimos sobre o significado do ciúme, suas formas e a maneira como o encaramos, numa tentativa de facilitar a gente no processo de libertação dos saldos de autoritarismo que ainda nos conduzem, apesar de tudo, devido à nossa formação burguesa. Mas, em última análise, diria que não há amor sem ciúme e nem todo ciúme é necessariamente fruto do autoritarismo e da possessividade. Logo, o amor livre pode ser difícil, mas não impossível.

“Pessoalmente estou convencido de que a maneira mais fácil e rápida de destruir uma relação afetiva é torná-la exclusiva, isolada e fechada. O namoro permanente, inespecífico e poliforme serve justamente para impedir isso. Além de ser muito mais gostoso viver desse jeito.” (*Utopia e paixão.*)

As relações que mais me fascinam hoje são as relações abertas, sem sentimento de propriedade. Quando duas pessoas se juntam e trocam apenas amor nas relações delas, a experiência ficará mais bonita, mais interessante e, talvez, sejam as que possam durar mais e melhor. Por exemplo: duas pessoas têm suas casas, seus locais de trabalho e se encontram num só lugar apenas para amar. Essa idéia de se criar espaços próprios e exclusivos para o amor me fascina terrivelmente. Seria lindo a gente poder dizer assim: minha casa tem quarto, sala, cozinha, banheiro e trepador...

Quando falo amor sexual não é apenas da relação sexual que estou falando. Para mim a relação sexual só é plena quando começa imediatamente após o orgasmo; o que acontece entre duas pessoas quando termina o orgasmo delas, o que elas vão viver deste momento até o próximo orgasmo, isso para mim é que é o novo amor, quer dizer, a vivência de uma parte dele que nós não aproveitamos ainda. Eu chamo isso de amor na intercama. Exige muita criatividade e nenhum machismo, masculino e feminino. É um amor tão gostoso que o orgasmo até atrapalha.

Então as pessoas vivem afastadas com naturalidade, de repente elas dizem “vamos nos encontrar” e se dedicam inteiramente uma à outra, exploram no máximo as relações entre elas, num lugar apropriado, criado especialmente para o seu amor. Aí se separam, vai cada um viver suas coisas e os encontros ocorrem numa espécie de amor mais vertical que horizontal: duram pouco, mas vão longe, alto e fundo.

O que acho mais bonito e vejo no amor dos casais revolucionários é como eles o vivem de forma lúdica, brincando e jogando sempre. A ludicidade é a mãe do tesão e, ao mesmo tempo, o pai da criatividade. É o processo de criação, no amor,

que garante a sua sobrevivência.

Acho interessantes as relações de suplementação entre os casais porque nós estamos acostumados a buscar no outro algo que nos complete. Isso para mim é um grande erro, porque a grande novidade que eu estou vendo é as pessoas não precisarem nada uma das outras para que o amor seja realmente uma troca de emoções, de delícias, de encantamentos e não apenas um quebra-galho onde um dá força para a fraqueza do outro. As pessoas se encontram para brincar, para ler juntas, para fazer experiências novas, para trepar e para inventar trepadas que não estão no gibi.

“A família existe não só para garantir a reprodução da sociedade burguesa através da difusão do autoritarismo, mas também para manter funcionando — e como correia de transmissão e de suporte do capitalismo — a propriedade privada. O papel da família é tão forte neste sentido que seus membros acabam por se julgar proprietários uns dos outros. Adquire-se o mesmo medo compulsivo de perder o outro, menos pela necessidade do amor e mais pela ‘tranqüilidade psicológica’ que ser proprietário (ou propriedade) nos dá.” (*Utopia e paixão.*)

Eu tenho tido sorte porque não sou procurado no trabalho por pessoas doentes, por neuróticos que querem uma ajuda terapêutica do tipo babá-de-doido. As pessoas que procuram a Somaterapia estão em busca de apoio, de força, de cumplicidade, de técnicas disponíveis para poder viver novas experiências, viver sua originalidade, para explorar sua potencialidade. E elas sentem que só poderão encontrar soluções reais se encontrarem fórmulas originais de se relacionar. E a gente fica pesquisando e inventando

junto, porque os terapeutas são pessoas muito carentes e, quase sempre, solitárias.

Na década de 60, as comunidades jovens surgiam em função do pensamento *hippie*; então, as pessoas tinham um padrão típico de vivência coletiva. Hoje a coisa é explodida, sem padrão algum, mas o desejo é o mesmo. As pessoas moram juntas porque é mais barato, mas principalmente porque não agüentam mais viver nem solitárias e nem como família tradicional. O fato de fracassar a maior parte dessas experiências comunitárias não invalida sua necessidade real, apenas reflete a grande dificuldade em se realizar experiências isoladas de caráter socialista dentro do sistema capitalista. Não é só o sistema que se torna capitalista, o nosso amor também. É mais fácil libertar-se do lucro financeiro que do lucro amoroso, no capitalismo.

Claro que ainda existe muita gente interessada no casamento tradicional. A mim interessam apenas as pessoas que procuram a família do futuro, a família do protomutante, que será a família das sociedades não-autoritárias. Assim, a questão hoje, entre os protomutantes, é como resolver os problemas do relacionamento aberto, sem ciúme autoritário e a apropriação do outro. Este é o grande impasse da juventude. Porque seu coração e genitais já foram liberados da formação burguesa, mas as mentes ainda não, pelo menos completamente. Existem hoje várias experiências nesse sentido, entre os mais diversos grupos de pessoas, porém, observa-se, são experiências lideradas por pessoas que fazem qualquer tipo de terapia de origem reichiana e muito raramente por marxistas.

“Amor e liberdade são duas necessidades semelhantes e paralelas, uma não vai sem a outra. Assim, na sociedade

burguesa e capitalista ninguém viverá o amor inteiro e completo, simplesmente porque nela ninguém vive o mínimo de liberdade que permitiria isso. Tragicamente, o ser humano se habituou a viver migalhas do amor, porque na sociedade capitalista há uma regra infalível: quem ama não fica rico.” (*Utopia e paixão.*)

A diferença fundamental entre a juventude de hoje e as gerações anteriores, por exemplo, é que antes as relações eram extremamente hipócritas, cada um tinha o seu parceiro regular e os parceiros clandestinos. O que eu sinto como a grande mudança é o aumento, entre a juventude, do número de relações abertas, ou seja: a pessoa está vivendo com outra muito bem e pode estar ao mesmo tempo com outras pessoas também, tanto em nível afetivo como profissional e sexual, sem que essas relações abalem o relacionamento regular. Isto pode modificar, desafiar, mas não deve abalar o relacionamento. São relacionamentos onde o parceiro não vai ser dominado, apropriado. O homem não vai ver a mulher como objeto. E a mulher não vai ver o homem como seu senhor, o que também é uma forma de dominação.

Nós temos de admitir que, a cada momento que a pessoa vive, ela tem necessidades diferentes. Então ela pode amar duas pessoas ou três ao mesmo tempo ou em períodos sucessivos. Agora eu posso ser monogâmico e daqui a um mês ser poligâmico, esse tipo de opção não tem caráter genético. E nós não aprendemos ainda a conviver com isso. Nas novas relações, as pessoas sofrem, elas se debatem, mas não se torturam, porque começam a perceber as múltiplas possibilidades de amar. A dor da luta é compensada pelo alívio e alegria de se sentir mais livre. Depois, as pessoas logo descobrem que essa luta é a favor da correnteza da vida.

“Quando amamos alguém, apesar de tudo o que essa pessoa representa para nós ainda estamos presos à nossa identidade. A sensação mais pura e perfeita da existência do outro (além da evidência física) é quando alguém nos ama de verdade e nos certificamos disso, pasmos, gratos e deslumbrados.” (*Utopia e paixão.*)

As pessoas estão sendo impulsionadas, queiram ou não, a fazer essas coisas, buscar esses caminhos, não porque os queiram intelectualmente, mas porque não podem deixar de fazer isso. São coisas fruto do processo histórico do homem (que vem fazendo sua trajetória com poucos acertos e muitos erros nesse sentido) e que, de repente, levam as pessoas a estourar em modificações de comportamento amoroso sempre mais libertário. Elas logo percebem que, se não tivessem estourado, teriam sucumbido e comprometido o futuro da espécie.

O que eu sinto é que existem vanguardas mutantes que aproveitam muito as conquistas positivas, e os erros também, que a espécie vai tendo em seu desenvolvimento civilizatório. Eu sinto que essas vanguardas, os protomutantes, existem em toda parte. Eu estou tentando provar isso no meu romance *Coiole*. Se você procurar, vai encontrar em qualquer cidade do Brasil, por menor que seja, e em qualquer cidade da Europa ou dos Estados Unidos, essas pessoas protomutantes, que procuram um jeito novo de se acasalar e de amar. Talvez seja o jeito natural e ancestral que elas estão apenas resgatando. É um novo ser que está surgindo e que não aceita mais as formas tradicionais de vida. Acho, inclusive, que nem a vida suporta mais animar os homens tradicionais.

Me deu vontade de repetir agora o que, no livro que estou

escrevendo, o protomutante Coiote, de dezessete anos, pergunta ao narrador da história, o Rudolf, que pretendo ser eu, melhorado:

— Não existe uma coisa ainda mais bonita que o amor, naquilo que a gente chama de amor, não tem doutor?

10

Foi num período em que morava num hotel, no Rio, trabalhando em Somaterapia e fazendo alguns programas para a TV Globo. Quando o David e o Marcelo me procuraram eu estava escrevendo um “especial” que se chamava *O canto do cisne*, que não foi ao ar, pois a Censura proibiu totalmente, quer dizer, tudo mesmo, nem uma idéia sequer, nem uma palavra ao menos. Mas valeu, pois eu acabo de adaptar a história para o teatro, que é melhor lugar para soltar meu último canto.

Aí o David e o Marcelo disseram que pretendiam me entrevistar para *O Ébrio*. Claro, para um jornal alternativo de jovens e com esse título, justo eu, não podia negar.

Dei a entrevista, não lembro de detalhe algum e não a vi publicada. Três anos depois, numa Maratona de Somaterapia, um garotão magro, de vinte anos, engenheiro, casado e pai de um filho, chega de bicicleta e me dá de presente o exemplar de *O Ébrio* que contém a entrevista. Era o Cadu. Ficamos amigos, batemos longos papos, conheci bem seu jeito e poesias protomutantes, e ele me mostrou o David, hoje um jornalista profissional. David Mendes e Marcelo Lanes, este cineasta, os meus entrevistadores, autorizaram a reprodução do nosso papo em livro. Mas eu lhes devo uma explicação: cortei todas as minhas respostas às duas últimas perguntas. Elas me pareceram ótimas, mas eu simplesmente não as respondi, delirando sobre algumas idéias

que me preocupavam naquele tempo e que se cristalizaram no livro *Utopia e paixão*.

Em seu lugar fiz uma viagem pelo meu tempo de militante subversivo e clandestino, terminando com uma profissão de fé e de tesão anarquista. Assim, as verdadeiras respostas àquelas perguntas estão aqui e não no jornal.

P. — *É senso comum considerar que as pessoas têm certas funções limitadas, por exemplo, um estudante de direito não deve querer escrever ou pintar. Qual é a sua opinião sobre esta tendência social de emparedar as pessoas dentro de um único trabalho?*

RF. — Vocês estão levantando uma questão para mim extremamente interessante e inquietante. Eu vivo exatamente fazendo mil coisas ao mesmo tempo. Posso dizer que não sei se sou um artista ou um cientista; não sei se sou um político ou um pesquisador. Eu faço tudo o que quero, tudo o que me dá vontade. E as pessoas me observam... porque há pessoas, a maioria delas, que passam toda a vida fazendo as mesmas coisas, o mesmo trabalho. Na minha família, na minha educação, nas escolas que eu freqüentei, nos ambientes que eu ando, eu sinto que as pessoas vêm com desconfiança quem tem um temperamento mais eclético. Minha avó via isso de uma forma meio engraçada, ela dizia que macaco que pula muito de galho acaba levando chumbo; isso é mais ou menos como define o senso comum. Eu poderia teorizar sobre isso, mas na verdade eu faço assim, eu sou assim não porque eu tenha feito uma opção, mas porque eu sou assim. E já tentei ser de outro jeito e não consegui. É estabelecida uma inquietação, uma terrível aflição, se eu começo a ficar muito tempo no mesmo lugar, quando o tipo de trabalho se repete,

quando fico muito tempo com uma pessoa, mesmo havendo desenvolvimento (na relação ou no trabalho), a coisa se torna inquietante. Eu preciso então mudar, me renovar. Isto numa sociedade como a nossa, que se situa em termos de médias, padrões e produtividade, é sempre um grande perigo de marginalidade. Há uma tendência em nossa sociedade especializada e competitiva que aquele que não esteja bastante preparado e há muito tempo no seu *métier* corre o risco de perder padrão e ficar desempregado. Sobre isso, concluo o seguinte: está mais seguro financeiramente aquele que se especializa, que se dedica a uma só coisa. Por segurança financeira quero dizer também uma certa estabilidade social; toda vez que eu mudei de profissão eu tive de, duramente, iniciar do zero. Entretanto, agindo assim, chega um certo período da sua vida em que se você tentou várias coisas, você terá três ou quatro possibilidades de trabalho. Aí sua vida fica até mais fácil, porque se uma coisa falha, você pode pular para outra. Uma vez o Conselho Regional de Medicina de São Paulo, certamente seguindo instruções do SNI, quis cassar o meu diploma, porque eu declarara publicamente, em jornais, ser a favor de cirurgia corretiva em transexuais. Quando eles me ameaçavam dizendo que eu ia perder o diploma, eu dizia que não tinha a menor importância, porque eu podia fazer muitas outras coisas para viver. Eu lhes dizia ainda: vocês se preocupam com isso porque se vocês perderem seus diplomas, vocês morrem de fome.

Enfim, tudo isso são considerações que eu faço sobre um único fato concreto: eu passei toda a minha vida mudando. Hoje, aos 56 anos, eu estou mudando, mudando de amor, de profissão, de casa, de Estado. Eu acho que tem aí algo de profundamente pessoal, mas também uma atitude ideológica perante a vida — eu

não busco segurança, eu busco o risco, é arriscando que encontro prazer na vida. Mudar de vida, de amor, de profissão, de cidade, de convivência com as pessoas, são as coisas mais emocionantes para mim. Eu acredito que há uma originalidade em cada um de nós, algo que cada um pode fazer melhor, mas acontece que eu quero fazer tudo que é possível, e não apenas o que é melhor.

P. — *Como fica a pessoa que incorpora o senso comum, isto é, a pessoa que se limita em favor de uma segurança financeira e de uma aceitação social, mesmo adivinhando outras possibilidades?*

RF. — Este é o ponto mais grave. Eu sou terapeuta e posso dizer que 80% dos meus clientes têm problemas psicológicos por não estarem fazendo o que gostariam de fazer. As pessoas fazem, convencidas pelas suas famílias, o que o meio social prefere; isto de fazer o que é imposto provoca nessas pessoas um grande sofrimento, que muitas vezes estoura fora do trabalho, estoura em sexo, em agressividade, em equilíbrio mental. Observando estes casos você vai ver como a forma de vida dessas pessoas é imprópria para elas. Numa sociedade como a nossa, com esta família autoritária e cumpridora das normas do Estado, as pessoas sensíveis, cujo projeto de vida não está dentro do que espera o meio social, sofrerão muita repressão; e esta é uma repressão muito danosa, pois é castrativa. Uma pessoa que não faz o que precisa fazer, tende a adoecer, perde, no mínimo, a identidade e o auto-respeito.

P. — *Caso a pessoa assuma o que pretende fazer e sofra as repressões, seu movimento interior vai possibilitar que ela vença e consiga ser feliz?*

RF. — Ela vai enfrentar uma luta duríssima, pela qual a

maioria das pessoas é derrotada. Porque se por um lado ela faz o que a família e o Estado querem, será um castrado. Se, por outro lado, vai lutar e fazer o que quer, se sentirá marginal. Ela passará por imensos sacrifícios de vida e vai acontecer aquela coisa dolorosa e triste que a gente vê com muitos artistas e intelectuais no país, que é viver à margem e impotente. Agora, se a pessoa consegue superar este vínculo psicológico e consegue não desperdiçar muita energia neste vínculo e jogar tudo naquilo que tem de original e único, eu posso afirmar com convicção que ela se torna absolutamente vitoriosa no meio, e o sistema passa a necessitar dela. Só que nem todas as pessoas, por comodismo, estão dispostas a esta luta. Eu acho que isso não se restringe à profissão. Eu também estou falando de liberdade. Uma pessoa que não sabe lutar pela sua liberdade de ser ou pela sua forma de amar, jamais vai poder lutar em sua profissão. A primeira coisa que eu recomendo a um jovem é ser marginal. É ser neurótico. Nunca a fazer terapia. Eu sou um terapeuta que não recomenda a terapia pra ninguém. Enlouquecer é muito melhor que sobreviver a qualquer custo. Só há dois tipos de loucura: a loucura branca (que é a luta) e a loucura negra (que é a entrega). Qualquer um que esteja lutando e querendo as suas coisas passa por louco. Mas esta loucura eu acho sadia. Eu só faço terapia com a loucura negra. Pego as pessoas que estão se entregando e tento trazê-las para a luta de novo. Quanto ao louco branco, eu quero mais é que ele faça terapia em mim, que me ensine a lutar desse jeito. Você vê, por exemplo, um cara como o Chico Buarque. O que é que ele tem de diferente de nós? É que ele é um grande sortudo. Ele pegou cedo o potencial maior dele, que era fazer samba e poesia. Ele ia ser arquiteto. A família projetava nele todo o futuro de um arquiteto. Família de classe média alta, de intelectuais, o pai

professor. E o Chico deve ter dito não: “o que eu quero é fazer samba e tomar cerveja”. Isso tinha toda uma aparência de vagabundagem e de marginalidade, mas por trás disso estava tudo aquilo que aparece nas letras e músicas dos seus sambas, de sua vida e de seu lazer com cerveja e tudo. Essa atitude humana do Chico perante a vida, perante a sociedade, é basicamente uma atitude política. Mas uma política visceral, não inventada ou estudada. E ele teve de, no começo, aceitar ser um marginal até dentro da própria família, e só depois, tornando em obras e atitudes a sua originalidade livre é que foi conquistando o respeito que merece hoje. O Chico sempre foi e é até hoje uma pessoa profundamente incômoda ao sistema, porque é um vitorioso dentro do próprio sistema que ele combate. Mas ele venceu porque só usou o samba e a poesia, a coerência política e a cerveja, a agressividade e a beleza, o amor e a crítica, bem como as coisas populares brasileiras como arma para defender sua originalidade única. Eram as coisas dele. É claro que se você trabalhar mal, sem energia, sem acreditar no que faz, você não vai chegar lá. Você tem de se empenhar, você tem de lutar muito. É preciso muita coragem para viver só de nossa originalidade. O tesão e a energia para essa luta vêm da ideologia do prazer.

P. — *Como foram as ramificações da sua vida? Como apareceram o teatro, a psicoterapia (hoje mais especificamente a Somaterapia), o cinema?*

RF. — Eu acho que cada coisa que eu faço inclui uma tentativa de me conhecer. Se tivesse encontrado alguma coisa, medicina por exemplo, que me mostrasse o que é viver, o que sou eu, é claro, se ela me desse todo o prazer que eu quero, eu ficaria na medicina a vida toda. Acontece que eu, de maneira nenhuma,

sei lá por que, consigo encontrar solução, explicação, prazer total, numa única coisa. Então fiz medicina, em primeiro lugar não porque fosse isso o que eu queria, a medicina para mim foi uma coação, uma primeira concessão, já que toda a minha família exigiu que eu fosse médico. Naquela época, na classe média, ou se era médico, ou advogado, ou engenheiro, ou militar ou padre. Fora disso não tinha salvação. Meu avô era médico, meu tio era médico, eu ia ser médico também. Então, o que foi que eu fiz? Dentro da medicina eu me marginalizei, fui fazer pesquisa pura, uma coisa ao contrário da medicina, que dá uma enorme insegurança econômica, mas um enorme prazer também. Eu acho que tudo que fiz na minha vida, da ciência pura à clínica, passando pela endocrinologia, pela psiquiatria, pela psicologia, em todas as minhas passagens pelas artes, eu estou sempre querendo saber qual é, qual é o de estar vivo, de viver, de amar, de criar, e não sei até agora. Eu acho que esse é o lado escuro do meu problema profundo. Acho que a mesma coisa deve acontecer com relação às outras pessoas que ainda estão vivas e em bom estado de uso. Eu estou sempre procurando gente e experiências novas, porque as pessoas nunca me dão as respostas que eu preciso, nem me ensinam a fazer as perguntas certas. Uma vez eu acho que está indo bem, então eu me apaixono: eu tenho isso de estar sempre me apaixonando e é claro que uma pessoa apaixonada tem altos e baixos; de repente uma coisa me deixa louco... se depois não resolve, eu largo. Outro lado do negócio é um problema político. Eu sou um cara que enveredou pelo socialismo libertário, passando pelo marxismo, não porque eu tivesse lido Marx e gostado, acreditado. Quando eu li Marx, pensei: “Marx concorda comigo, suas observações parecem as minhas.” Depois comecei a discordar dele. Li Bakunin e outros anarquistas. Senti intensa

identificação e paixão pelo anarquismo. Então me coloquei imediatamente em oposição à sociedade na qual vivia e ainda vivo. Nada do que aconteceu na minha vida no plano político-social me agradou. Eu não sei o que é acreditar num governante, nem sei o que é participar de um movimento de massa. Só no futebol e no carnaval tive consciência e vivência de massa, só nessas ocasiões vibrei e me identifiquei corpo a corpo com o meu povo e pude perceber a relação do nacionalismo com a alegria e o prazer. Só no futebol e no carnaval senti tesão de ser brasileiro e pude sentir também, de forma concreta, o que eu posso vir a ser num socialismo libertário e encarnado. Por isso eu tenho vivido na oposição e na marginalidade. Sempre que tentei ajudar a mudar alguma coisa na sociedade brasileira, fui severamente punido; isso deixou marcas severas em mim, mas não me convenceu, não me mudou. Entretanto, de uns anos para cá, eu concluí que se a esquerda brasileira tivesse tomado o poder, em termos de liberdade individual, não teria acontecido nada de melhor do que existe na URSS. A sua proposta a nível de liberdade pessoal não era muito diferente da que existe lá. O autoritarismo de nossos partidos e de nossos líderes de esquerda é muito grande, porém dissimulado e travestido. O projeto socialista de Marx-Lênin-Trótski tinha, para mim, um defeito fatal: faltavam Proudhon e Bakunin. O anarquismo traria a possibilidade de um socialismo desvinculado de poder autoritário e burocrático. Hoje sou anarquista e sonho com uma sociedade anarquista e batalho por isso. Mas, como se batalha por isso? Não há um partido anarquista, nós não queremos o poder. A forma de viver, de participar politicamente no anarquismo é fazer experiências com seu próprio corpo, em seu pensamento, em seu sexo, em seu amor, em seu trabalho, em sua convivência social particular.

P. — *Seria eliminar a influência do poder do próprio indivíduo?*

RF. — Não basta acabar com a idéia de poder em termos de Estado, de instituições e de política em nível macro. Se minha relação com meus filhos e com meus amigos também não for uma relação sem poder eu estarei traindo o meu próprio pensamento político. Se eu passo um dia sem ter produzido nada no sentido desta transformação pessoal, da transformação da minha relação com os outros, eu me sinto reacionário. Eu não quero esperar que o proletariado faça a revolução, para que então eu me apresente para prestar meus serviços como intelectual. Também não quero ser vanguarda. Isto é besteira, é pretensão, é autoritarismo disfarçado. Eu não faço terapia por amor à humanidade, mas porque ela conduz à revolução do cotidiano. Não faço terapia para dar às pessoas um bem-estar para que se divirtam mais na vida; isso é uma coisa óbvia, quem não tem não está vivo, não é nem trabalho de terapeuta. Papel de terapeuta é ajudar as pessoas a encontrar esse caminho revolucionário. Eu só *tenho* de fazer o que eu gosto, o que eu quero, a qualquer momento. Então eu preciso aprender a suportar dor, sofrimento, rejeições, privações, marginalização, mas acho que tudo isso faz parte da vida de um revolucionário, de um estranho no ninho. Como é que eu poderia ter essas coisas na cabeça, coração, colhões, sei lá, e me instalar confortavelmente numa profissão? Ser um médico de consultório, apalpar umas barrigas, dar remédios e tchau; juntar dinheiro, comprar casa, caderneta de poupança... isso tem até um lado bom, porque eu gosto de gente, ser terapeuta é ter sempre gente inquieta e ainda viva a seu lado. Mas a arte é maravilhosa! Eu quero fazer teatro, cinema, poesia, romance, TV. De repente

cinema não tá dando, a censura tá muito violenta, e eu quero que minha arte ajude a levar o homem a uma sociedade anarquista, então eu tento o romance, que passa melhor pela censura. Se não dá romance, eu faço poesia e distribuo pela rua em forma de panfleto. Com mulher é assim também, eu estou vivendo feliz com uma mulher, de repente pinta dominação, eu então pulo fora enquanto é tempo. O amor deve ser um caminho para a liberdade, não o contrário.

P. — *Para nós isto é uma feliz coincidência, porque defendemos exatamente esta política do cotidiano. Nós, por exemplo, não consideramos revolucionário o cara que vai religiosamente a passeatas, reuniões e atos públicos e depois tem com sua namorada uma relação de posse, de dominação.*

RF. — Essa afirmação me fez lembrar o tempo em que trabalhava como médico e terapeuta de militantes e de líderes revolucionários clandestinos, depois de 1964. Minha atividade política dividia-se em três campos: finanças, que eu obtinha realizando grupos terapêuticos no Rio e em São Paulo, passando recursos para a manutenção das famílias e dos militantes clandestinos que eram perseguidos pelo exército; estudo e ação política propriamente dita, que era feita, sobretudo a partir de 1966, com o TUCA (Teatro da Universidade Católica), exercendo assim uma certa liderança no meio universitário em atividades culturais de contestação ao regime militar e no desenvolvimento de uma criatividade revolucionária entre os jovens; e por fim no serviço que prestava de manutenção da saúde de amigos e companheiros de luta política, juntamente com outros médicos e psicólogos.

Então, foi justamente convivendo com essas famílias que

pude descobrir o quanto éramos autoritários, apesar de estarmos arriscando nossas vidas no combate ao autoritarismo da direita brasileira. Falo do autoritarismo na relação com a companheira ou com o companheiro, na relação com os filhos, na relação com os demais companheiros fora do campo de luta. Eu, nessa época, já me escandalizara com meu machismo disfarçado e me submetia à Somaterapia. Alguns desses companheiros, como eu, acabaram por sacar essa contradição absurda e, inclusive, submeteram-se também à Soma, em sessões individuais ou em grupos, nestes arriscando-se enormemente, pois trabalhávamos de madrugada, em lugares variados e sob severo sistema de segurança, que nem sempre funcionava. Eu ficava pensando que a violência autoritária da direita sobre a gente era a contrapartida do medo que tinham da violência do nosso autoritarismo de esquerda. Nós queríamos o poder, nós e eles, para exercer a mesma atitude política de posse, domínio, controle e mando na individualidade do outro, sobretudo através da prioridade e prevalência de um social abstrato sobre um pessoal concreto, assim como se quem tivesse o poder era o dono e o representante do social, ao que todas as pessoas tinham de se submeter. O abstrato do social tornava-se coisa concreta nas pessoas que encarnavam o poder. E o poder assim instituído só pode ser de cima para baixo e arbitrário.

Esse fato não era de espantar se a gente lembrasse de nossa origem burguesa, de nossa educação autoritária e chantagista. Nós éramos vítimas de nossas famílias, mas também tínhamos recebido aulas de autoritarismo pedagógico, de machismo na relação afetiva, que estavam impregnados em nosso comportamento psicológico. O fato de nossa ideologia ser outra, oposta, não era coisa suficiente para desfazer de uma vez essas impregnações. Mas eu me pergunto hoje: será que nossa ideologia,

sobretudo a de caráter marxista-leninista, não era a maior responsável pelo nosso comportamento autoritário, além das impregnações burguesas de que falei? Será que o nosso autoritarismo, o nosso machismo, o uso do pátrio poder e da chantagem afetiva nas relações familiares não era exatamente o comportamento que Convinha ao marxismo-leninismo que tinha se servido do stalinismo, que nos justificava o Partido Comunista todo-poderoso e a ditadura do proletariado? As coisas faladas assim ficam meio misturadas, complicadas. O que eu quero dizer é que o sonho ideológico socialista vive em função de idéias e os homens, na sua vida cotidiana, não são idéias. Eu acho que o homem é uma prática de vida, e é essa prática que devia produzir suas idéias. E nós éramos, naquela época, uma tentativa de prática de vida nem sequer ainda esboçada e já éramos violentamente reprimidos por outra prática de vida mais forte. O que nós sabíamos de socialismo era coisa de coração, de livro e de experiência soviética que nos chegava deturpada tanto pelos livros e jornais quanto pelo Partido Comunista Brasileiro, como pude entender depois lendo Reich.

Então, voltando ao que você disse, nós militávamos com uma disciplina quase religiosa nas reuniões, nas ações, nas passeatas, etc. E o código de militância marxista-leninista, tanto no PC quanto no AP, era um código ético quase religioso, de tão bonito e tão dogmático. Mas graças a ele, nos entregávamos à luta com grande paixão. Se essa militância não serviu para a implantação do socialismo, deixou a marca de nossa resistência à ditadura de direita que nunca deixamos de denunciar e de enfrentar a qualquer custo.

Com todas essas dificuldades e contradições, a juventude brasileira, mais especificamente a juventude universitária, de

1964 à anistia, conseguiu para o país esse mínimo de liberdade e justiça que se esboça na Nova República. Sou testemunha de sua coragem, de seu tesão, de sua luta, de sua criatividade, de seu heroísmo, de sua paixão. A experiência do TUCA, que eu criei e dirigi de forma autogestionária, com os estudantes e profissionais de teatro, foi uma das mais belas e frutuosas experiências políticas de minha vida. Eu a relato no livro *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!* Graças também aos estudantes, pois, não temos mais a ditadura militar fascista, sangrenta e cruel, mas não me parece que tenhamos semeado o suficiente para o surgimento da consciência socialista que possa pôr fim a todas as formas de autoritarismo. Quero dizer que nós, da esquerda, lutamos para não morrer. Agora, apenas sobreviventes, temos de encontrar a forma certa de viver. Eu encontrei a minha: nenhum partido e nenhuma organização política institucional que tenha a mínima ligação com o poder de Estado. Nem AP, nem PC, nem PC do B e nem PT, para mim todos esses partidos são burgueses (não importa os seus nomes), atrelados à política institucional burguesa, que tentam pelo voto chegar ao poder para exercer seu autoritarismo. Levar o socialismo ao poder pelo voto me faz pensar sempre no que aconteceu com Mitterrand no poder na França e com Allende no poder no Chile. No primeiro caso, nada, não aconteceu nada, e a direita volta ao poder, também pelo voto. No segundo, o assassinato de Allende pela CIA, a tomada do poder pelos militares de direita e a implantação, no Chile, de uma das mais negras, duradouras, sangrentas ditaduras da história contemporânea.

Por isso trabalho e luto com os anarquistas. E dentre eles, com os que estão interessados na revolução por uma política libertária no cotidiano pessoal, familiar e social. Já me aliei com

marxistas-leninistas para enfrentar a ditadura, mas na construção do socialismo não, nosso objetivo é diverso. Não queremos o poder, nem em macro, nem em micro. Queremos a liberdade social e pessoal, simultaneamente. Não vivemos, não amamos e não criamos sob nenhuma forma de autoritarismo. Nossa ação é direta, nosso voto é nulo e nossa palavra de ordem é a insubordinação civil criativa, original e eficaz. Esta entrevista, por exemplo, é um jeito de fazer insubordinação civil, é ou não é?

11

Coisa linda eram os Ciclos Reich que se realizavam no Rio, em pleno verão carioca! Particpei de dois deles, em 83 e 84. Gente jovem e bonita, às centenas, de todo o Brasil, querendo, proclamando e explodindo seus orgasmos ao vivo, a cores e a cheiros tropicais pelas encostas do morro de Santa Teresa.

Era um festival de couraças estupidadas pela alegria, pela beleza e pelo prazer. Para a moçada que participava do Ciclo, Reich não era nem mestre e nem guru, mas o amante paradigmático, o cúmplice e o avalista do seu desejo de sentir tesão e de gozar em liberdade todas as promessas do verão carioca.

Ralf e Valéria dirigiam e orquestravam os trabalhos de informação científica que tinham origem na vida e na obra de Wilhelm Reich. Mas logo eles se misturavam e se identificavam ao que havia de mais interessante no Ciclo: o reichianismo espontâneo da gente. Eu mostrava à moçada o que era a *Somaterapia*, participava de seminários nos quais a Política era mais importante ou mais necessária que a Psicologia para se produzir a liberação e a libertação das pessoas.

Era um tesão imenso passar os dias e as noites convivendo com gente e idéias que só valiam se fossem provadas e comprovadas corporal e prazerosamente. Era orgone voando pra todo lado em exercícios, brincadeiras, massagens, toques,

encontros, namoros, danças, trepadas e tudo mais que tio Reich recomenda para o bem da nossa saúde física e mental.

Uma noite, espiando a moçada toda numa dança linda, meio celebração e meio Suruba, comemorando o fim dos trabalhos e dos tesões daquele dia, tive uma fantástica alucinação produzida em mim pelas generosas libações orgônicas daquele trabalho, salpicadas por algumas “caipirinhas” amigas e por um belo baseado maranhense.

Eu imaginava e via saindo da moçada (umas trezentas pessoas, abraçadas, formando um só e gigantesco andrógino, mas daqueles que o Platão gosta, um bicho feito de homens e mulheres fundidos uns nos outros) uma fumaça meio azulada, extremamente volátil. Claro, era uma nuvem orgônica que se formava de tesões e orgasmos sadios do imenso andrógino, além de razoável dose de maconha gasosa expirada por ele. E a nuvem foi subindo, subindo pela encosta do morro de Santa Teresa. Chegou lá no alto e despencou toda sobre o bairro da mesma santa, invadindo os quartos onde a burguesia dormia em sua paz anorgástica, entrando pelos bares onde os boêmios tristes e cansados de seus cotidianos burocráticos enchiam a cara para suportar a falta total de tesão pelo tesão de viver por viver.

Era um apocalipse orgástico! Eu imaginava uma coisa linda, aquela gente que nunca sentiu verdadeiramente tesão, que nunca amou, que nunca teve reais orgasmos em suas fornicções, então eu me alucinava vendo todas as pessoas do bairro de Santa Teresa trepando e gozando ao mesmo tempo com quem estivesse à sua frente ou ao alcance de seu desejo despertado para satisfação muito urgente, do tipo “ou gozo ou morro”. E tudo isso por causa do Ciclo Reich, que acontecia do outro lado do morro, na Faculdade Santa Úrsula. E me divertia muito, hereticamente,

imaginando o que estariam pensando e sentindo de toda aquela fornicação em massa as duas Santas, a Úrsula e a Teresa que, certamente, viraram santas defendendo até a morte seus corpos de qualquer possibilidade de tesões e de orgasmos.

A alucinação acabou, os Ciclos Reich também. Porém, para mim, nada mais voltou a ser como antes. O que me sobrou dessa experiência desaguou no epílogo do romance *Coiole*. Apenas, a “nuvem orgástica” de Santa Teresa se transformou na “bomba orgástica” de Visconde de Mauá.

Durante o primeiro Ciclo Reich também conheci o Chico Vasconcelos, misto de jornalista e terapeuta, que me propôs uma entrevista após uma conferência, com debate, na qual eu tentara expor minhas idéias sobre o significado político, ético e prático da Somaterapia, bem como externara minha opinião sobre como devia ser a formação de um somaterapeuta.

Transcrevo a entrevista como saiu publicada no n.º 11, em maio de 1983, no *Jornal Psi*, do qual Chico era o editor geral.

P. — *Fale um pouco sobre você.*

RF. — Falar de mim é difícil porque eu gosto muito de mim; não no sentido narcisista, gosto porque estou vivendo a vida que quero, tenho a sensação de ter conquistado minha vida. Uma sensação gostosa de só fazer o que quero e o que gosto na hora que bem entendo, do jeito que dá, do jeito que for possível. Então esse gostar de mim me deixa um pouco babaca, um pouco vaidoso. Gosto do meu trabalho, acho-o útil. Mas se tivesse de falar alguma coisa para os outros a meu respeito, diria que a minha fase atual talvez seja a melhor fase que vivi. A maturidade trouxe a juventude de volta, sou hoje mais alegre que aos vinte

anos. Sinto que tem muita gente que gosta de mim, aprecia meu trabalho e meus livros. Isso me dá um grande tesão. Vivo de ego duro!

Do ponto de vista político acho que encontrei meu caminho, minha forma de agir politicamente, o que me dá uma sensação agradável porque sempre agi politicamente, sempre tive um interesse muito grande em perceber os fenômenos políticos dentro de todos os acontecimentos da vida. Já tive atividades as mais variadas. Hoje, embora seja menos “política”, acho minha vida e minha atuação mais política.

P. — *Você, na sua palestra, colocou-se como um anarquista em busca de um socialismo diferente dos já implantados. Você poderia esmiuçar mais?*

RF. — Sempre me senti um anarquista, mas um anarquista desprovido de ideologia “pré”, de consciência espontânea, eu não sabia nem por que era assim. Depois dessa fase espontânea me transformei num marxista. Li Marx, fiquei envolvido com o Partido Comunista, depois saí e me envolvi com a Ação Popular, organização na qual militei até recentemente. Fui visitar o tradutor de *Cléo e Daniel* para o italiano, que morava numa cidadezinha perto da costa adriática, Forli, e eu não sabia que ele era um líder anarquista na cidade. Fui morar na sua casa. Enquanto trabalhávamos, fui acompanhando sua atividade anarquista. Descobri que aquilo que era espontâneo em mim organizava-se intelectualmente. Comecei a ler a história da Revolução Russa e o papel que os anarquistas nela tiveram. Logo entendi que a derrota da idéia anarquista na Revolução Russa gerou a atual situação da União Soviética, esse impasse em termos de autoritarismo. Li os teóricos clássicos e modernos,

convivi com os militantes europeus e tornei-me discípulo de um estudioso anarquista norte-americano, o Murray Bookchin. A minha ideologia e a forma como veio a vivência do anarquismo jamais me levaria a uma militância política propriamente dita. Não sou um *homo politicus*. O anarquismo, para mim, é um estado de consciência, espécie de permanente fator de correção do desenvolvimento das idéias socialistas. A visão anarquista do socialismo é aparentemente utópica, mas essas exigências utópicas purificam o socialismo e evitam sempre a idéia de poder, do poder instituído, autoritário, reacionário. Então a palavra anarquismo se identifica com liberdade, liberdade individual dentro do socialismo. Sem o anarquismo não conseguiremos jamais chegar à existência simultânea da liberdade pessoal com a social. O marxismo chegou à liberdade social, mas castrou a pessoal para poder sobreviver.

P. — *Seria estabelecer uma nova relação de poderes, ou seja, a política partidária institucionalista levaria a uma estrutura de poder porque mesmo a Revolução Russa manteve poderes e privilégios da mesma maneira que no sistema capitalista?*

RF. — Exatamente. Essas idéias casam muito bem com as idéias da Somaterapia, que é a proposta de terapia que faço. Uma revisão dos mecanismos de poder na história da pessoa, especialmente nas relações familiares.

P. — *O paciente que procura o terapeuta vem geralmente com uma doença produzida pela família a mando do Estado...*

RF. — Claro. É nisso que acredito realmente. Não acredito que alguém tenha defeito de fabricação em termos de atividade mental. As doenças mentais determinadas por malformação, lesão

e degeneração no cérebro são muito raras. A maior parte dos casos de psicóticos e neuróticos, acredito com Reich, e com todos os antipsiquiatras, seria gerada pelo conflito social, pelo desenvolvimento da pessoa na sociedade autoritária. À medida que se libertam do autoritarismo, as pessoas descobrem a sua natureza social. Uma pessoa livre é uma pessoa altamente solidária, à medida que fica mais livre fica menos egoísta, necessita mais dos outros. Enquanto egoísta, não percebe nem os outros e nem a sociedade. Ela vive realmente muito voltada para si, em busca de soluções para o seu sofrimento ou apenas amarga, impotente.

P. — *A gente poderia fazer duas formulações de família: a família enquanto espaço das relações afetivas e amorosas e uma outra família, que seria a reprodução da moral, da força do sistema, do Estado, em que entrariam as relações de poder?*

RF. — Acho que estamos falando da família burguesa...

P. — *Da família comprometida com as relações de produção...*

RF. — E com o poder do Estado. Ela estabelece o Estado e lhe dá a legitimidade. Então a família burguesa gera esse tipo de problemas. O que as terapias têm de estudar e, estudando, descobrem, é que nessas relações de poder instaladas na família é que nascem os sintomas neuróticos. Se queremos tratar a pessoa precisamos fazê-la consciente de que isto teve origem naquela luta de poder, no autoritarismo familiar. A pedagogia realizada via autoritarismo ou então a pedagogia feita via chantagem afetiva. Esse tipo de atividade familiar gera a doença mental. Quando fazemos a terapia não tentamos curar a pessoa daqueles mecanismos repressores da infância que não têm mais jeito, pois

ficam marcados indelevelmente em suas vidas. Vamos tratar o que a pessoa aprendeu de autoritarismo tipo família burguesa, porque ela vai produzir uma família igualzinha.

P. — *Quer dizer que o caminho não seria procurar resolver o reprimido mas sim o repressor que existe em cada um?*

RF. — Cada ato repressor é uma aula de repressão. Você está com ódio da repressão mas aprendendo a reprimir. No dia em que você for ameaçado de qualquer maneira, você vai usar o instrumento repressor que já está pronto dentro de você. Nós ajudamos a pessoa a construir uma família nova, a partir da reconstrução dela própria. Só acredito que alguém esteja sadio no momento em que vive a vida pessoal dele dentro de uma nova estrutura familiar, em uma organização nova e que não tenha aquelas repressões, aquelas violências da anterior. Isso significa uma mudança de comportamento muito grande na maneira de se relacionar com a mulher, com as formas de acasalamento, com os filhos. É muito difícil conseguir criar uma família que viva de maneira diferente, que seja original. Sinto-me bem por não estar na minha família repetindo o que aconteceu na que fui formado e deformado. Vejo os meus filhos se acasalando de formas diferentes da minha, são experiências originais. Assim, eles também estão lutando por outras formas de organização social.

P. — *Outra coisa que me chamou a atenção diz respeito diretamente à prática do psicoterapeuta, o psicólogo que só faz psicologia, que não tem militância política...*

RF. — Qualquer profissão em que a pessoa seja obsessiva, só vive aquilo, só pensa naquilo, gera incompetência para o seu próprio exercício. Quando falei obsessivo é porque já considero

esse tipo de dedicação profissional como uma coisa não sadia. A pessoa se desliga do meio social, vira uma espécie de máquina e, entretanto, tudo o que vai fazer tem a ver com o meio social. A coisa a que o psicólogo tem de se dedicar menos, a meu ver, é ao estudo da Psicologia. Tem de conhecer bem Antropologia, História, Economia, Política. Seu trabalho tem de ser arte também. A procura da beleza nas sessões, nas técnicas que aplica, é altamente terapêutica. A beleza é terapêutica. O terapeuta tem de ser militante nas atividades do mundo para que seja crível aquilo que diz, faz, tenta comunicar aos clientes.

P. — *Quer dizer que 90% ou mais das formações ditas psicoterápicas...*

RF. — São defeituosas nesse sentido, pelo menos incompletas, penso eu. No primeiro ano de formação de meus alunos de soma, peço a eles para não estudarem absolutamente nada de Psicologia, mas fazemos rigorosas e atentas leituras de jornais. Já tive, inclusive, de ensinar algumas pessoas a ler jornal, psicólogos e psiquiatras. Isso porque o tipo de leitura que faziam era absolutamente superficial, uma leitura passiva, sem crítica. Por exemplo, liam uma notícia vinda do exterior como se a agência noticiosa fosse neutra, apolítica. Como se a maneira de narrar não tivesse nada a ver com a ideologia da agência, do jornal, do anunciante, como se não estivessem em jogo vários e poderosos interesses econômicos e políticos imperialistas. A participação ativa e crítica na vida social me parece indispensável para entender um sintoma neurótico, para se poder entender por que a pessoa está vivendo desse jeito e não daquele, nesta ou naquela circunstância familiar e social, das quais os jornais fazem descrições e sínteses diárias. Cada agência, cada jornal, faz parte

de uma corrente de pensamento das linhas de forças políticas e econômicas que atuam sobre ela. E que lutas de poder são essas em que a pessoa está inserida? Se isto não for compreendido, não dá para compreender o sintoma neurótico particular.

P. — *Como você define o sintoma?*

RF. — O sintoma é o sinal de alarme, o pedido de socorro e, ao mesmo tempo, o que indica a possibilidade de salvação. Uma pessoa que não apresente nenhum dos sintomas clássicos, de forma grave, no Brasil, está meio morta e pronta para ser liquidada. Vai fazer o que o sistema quer, não tem vontade própria. Se quero uma coisa e não posso, tento e não posso, não consigo, vou ficar muito ansioso. Quero fazer certas coisas e me ameaçam. Se tudo o que gosto é perigoso, faz mal, está errado e será castigado, vou viver sonhando, delirando, alucinando, vou viver em pânico. Se quero fazer alguma coisa por natureza minha, que é minha e não consigo, passo anos sofrendo e não consigo, vou ficar muito angustiado. A angústia de sentir tudo fechado em torno de mim e dentro de mim. E a depressão o que é? A dor, o desânimo, o cansaço, o medo de ter de desistir. Todos os sintomas, entretanto, dizem que a pessoa está reagindo, não se entregou ainda. Primeiro temos de conscientizar os clientes disso; em segundo lugar temos de fazer com que o sintoma aumente. Por quê? Porque à medida que a gente aumenta nessa pessoa a vontade de viver, a sensação de repressão também aumenta, o medo também aumenta. Quanto mais ela queira ser ela mesma, o efeito da repressão torna-se maior. Então a gente aplica técnicas terapêuticas próprias e faz ela dar a volta por cima. Dá energia para ela lutar, usa técnicas bioenergéticas; organiza a economia bioenergética da pessoa e ela começa a ganhar força para lutar.

Mas o sintoma só desaparece com a pessoa ganhando a parada. Se desaparecer com a pessoa perdendo, é grave. Por isso é que a indústria farmacêutica dos psicotrópicos, dos antidepressivos, etc., tem esse grande desenvolvimento, esse apoio oficial. Porque isso é uma arma do Estado: cortar a angústia, a ansiedade, a depressão e o medo, porém mantendo a repressão. O grave disso é que esses medicamentos fazem com que a pessoa pare de reagir aliviando-lhe apenas o sintoma. É preciso nunca esquecer que uma pessoa neurótica e que procura terapia ainda está viva e ainda pode ser salva. Seus sintomas são seus gritos de socorro, porque ainda querem ser elas mesmas e estão dispostas a lutar contra o que as reprime. As demais, são as que já se submeteram. As outras são as que enlouqueceram e vivem internadas ou são as que se matam.

P. — *Antes de mais nada, é preciso ter coragem para fazer psicoterapia boa — não só por parte do paciente como pelo terapeuta para lidar com isso.*

RF. — É preciso aprender a lutar no mínimo capoeira. Psicoterapia é uma luta, realmente. Falo para a pessoa que sua terapia é perigosa e explico o porquê. Porque você vai desenvolver nessa pessoa atitudes revolucionárias, antiburguesas. Então ela realmente vai ter de passar por perigos maiores. Ela poderá provavelmente ter de romper com laços que são antigos. Terá que refazer a vida familiar, rever seu casamento e seu amor para ver se não é repressivo, ver o que há de autoritário nessas relações. Tudo isso é feito com dor, não só na gente, mas nas outras pessoas que estão acostumadas ao relacionamento anterior e vão sofrer com as mudanças. Então a gente precisa ter muito peito para levar isso adiante. Quando chega ao fim é maravilhoso,

porque essas pessoas começam a se libertar, a produzir, e fica visível a utilidade da terapia.

P. — *Na hora o outro lado nunca gosta da terapia...*

RF. — O parceiro é contra a terapia sempre. Às vezes, o que é muito freqüente, mulheres ou homens insistem para o outro fazer terapia, mas logo que começam a perceber os resultados, arrependem-se e tentam convencer o companheiro a largá-la. Conheço a história de muitos “ou eu ou ela”, referindo-se à terapia. Tudo depende, nessa hora, da vocação para a liberdade de cada pessoa.

P. — *Você tem uma trajetória de psicanalista inclusive, né?*

RF. — Minha trajetória foi muito complexa. Fui experimentando na vida tudo o que me dava prazer e, à medida em que deixava de dar, abandonava e procurava outra, não só dentro da psicologia...

P. — *Você se casou muitas vezes?*

RF. — Tô saindo do terceiro acasalamento, de morar junto mesmo, essas coisas. Mas só me casei uma vez, a primeira. Minha trajetória foi assim: eu não queria me envolver com ciência, queria ser escritor. Minha família me jogou na ciência, me obrigou a ser médico. Fugi da medicina através da ciência pura. Fui fazer pesquisa científica durante e depois da faculdade — histoquímica — depois fui fazer clínica — endocrinologia. Meu sucesso clínico era grande e eu achava a endocrinologia uma bobagem, não entendia por que fazia sucesso. Até que um amigo meu descobriu que eu trabalhava bem psicologicamente com os clientes. Aí fui fazer Psicanálise, fui aprender Psicanálise, Psiquiatria, um bom

tempo. A Psicanálise que era absolutamente revolucionária na década de 50 . Mas achava os psicanalistas muito alienados, politicamente, socialmente. A vida de um psicanalista para mim é uma coisa inadmissível, aquele claustro. A não-participação da vida social, essa necessidade de se ausentarem, de se tornarem o menos aparentes possível. Teoria da tela, você tem de ser uma tela para seu cliente projetar...

P. — *Atualmente muito questionada por psicanalistas. ..*

RF. — No meu tempo de formação isso era fundamental. Meu analista fez um esforço total para eu poder projetar meu pai nele e conseguiu, era um grande analista vienense. Mas o que me incomodava mais não eram os problemas teóricos, era a impossibilidade de viver a vida. Você ficar trancado das oito da manhã às sete da noite num consultório fechado, ouvindo as mesmas pessoas todos os dias, é um negócio muito doloroso. Eu tinha uma necessidade muito grande de comunicação, ver gente nova. Essa era uma das razões, outra era mais política. Comecei a ler Marx e Reich, começando a perceber todos os furos. Abandonei a Psicanálise e fui fazer só arte, que era meu sonho antes de fazer medicina e jornalismo. Escrevia romance, peça de teatro, TV, música, fiz filme. Só não mexi com artes plásticas, mas é uma coisa de que gosto muito, como a música que só sei ouvir. Fui desenvolvendo a Somaterapia, que tem muito de tudo isso. Tem teatro, dança, música, até poesia. Meu trabalho tem, então, esse percurso anárquico, a busca do prazer e da beleza no ato de trabalhar, junto com a curiosidade científica, a necessidade constante de descobrir coisas novas. Hoje em dia não paro, não fico em lugar algum. Tenho casa em São Paulo, Ilha Bela, Mauá e minha paixão é Paris. Estou sempre em circulação. Trabalho dois

ou três dias por semana e nos outros estou viajando.

P. — *Você escreve um bocado, tem dia longo.*

RF. — Nada, sou muito vagabundo, tenho muito tempo. Trabalho só quando estou alegre. Sinto que se estou fazendo uma entrevista como esta ou uma sessão de Somaterapia, escrevendo um livro e tudo isso é um tesão, então não é trabalho. Então dá tempo pra tudo.

P. — *Tem dias que a gente só trabalha duas horas e fica cansadíssimo.*

RF. — Eu só me canso no trabalho quando me sinto incompetente, quando há mais obrigação que tesão. Tem um outro negócio importante em mim, ligado a isso, que é o seguinte: digo que gosto muito de gente, mas preciso explicar melhor. Como é que gosto de gente? Gosto de namorar, sou um incoercível e insaciável namorador. Se não puder namorar, não sinto prazer em nada do que estou fazendo. A terapia me dá uma chance enorme de conhecer pessoas, de namorar, transar as pessoas de maneira alegre e bonita, lúdica, um negócio bom demais. Meu namoro é com mulher jovem, madura e velha, e com homem, moço maduro e velho, criança, bicho não domesticado, paisagens, o que estiver na minha frente e eu sentir brilho de vida, de alegria, de calor, eu embarco logo. Por exemplo, quando cheguei aqui hoje, para poder começar o trabalho, “me liguei na tomada”, digo, procurei logo encontrar uma cara, uma expressão que me agradasse para eu namorar. Aí, namorando alguém eu consigo falar legal, namorando alguém da platéia a minha aula funciona. Caso contrário, sou um fracasso. No grupo de terapia namoro todo o tempo. É muito terapêutico o namoro coletivo, além de muito

gostoso, né?

P. — *Como você vê o mundo hoje? Vive no Rio hoje, uma cidade meio maníaca, um balneário do qual o carioca não pode usufruir porque cada vez tem de trabalhar mais para manter sua estrutura de vida nos padrões a que se acostumou. As pessoas sempre muito apressadas, namorando pouco...*

RF. — Vocês ainda namoram muito, comparando com outros lugares, como São Paulo, pelo menos no verão. É no verão que se namora mais aqui, não é? Estou vendo, estou sentindo, o verão está chegando...

P. — *O mundo que a gente vive não é só o mundo do dia-a-dia da cidade. Abre-se o jornal e tem massacre, guerra, medidas que influem na tua vida, mas das quais temos uma distância imensa. E aí?*

RF. — Tenho 56 anos e vi o mundo passar por uma série de transformações. Se você quer saber, acho o mundo de hoje melhor do que os que já vivi, embora as ameaças que pesam sobre nós não existissem antigamente. Uma das ameaças que mais me incomoda é a poluição. Estamos nos intoxicando, nos matando com o nosso próprio lixo. O homem está comendo suas fezes infectadas, vai se matar assim. Vejo, por exemplo, as fábricas poluidoras dos rios lá em São Paulo. Elas poluem porque querem poluir, porque a poluição lhes é rendosa financeiramente. Outra coisa que me preocupa é a ameaça nuclear. No Brasil nem tanto, mas na Europa, onde estive recentemente, vive-se em pânico. Nos EUA já estão construindo abrigos e depois a casa em cima. Os metrô construídos hoje já são também abrigos antiatômicos. Cidades na Suécia, na Noruega, são quase inteirinhas tanto em

cima quanto embaixo da terra. Isso nos pesa como autodestruição violenta, mas fruto de puro autoritarismo. A ganância econômica da poluição e o autoritarismo do risco nuclear. A última coisa, que considero o meu maior pânico, é a inviabilidade do amor. Estou sentindo que, com o passar do tempo, o amor fica cada vez mais difícil, porque estamos substituindo uma forma velha de amar por uma nova que ainda não está pronta. Venho sentindo isso através da terapia que faço, sobretudo com jovens de 18 a 25 anos. Sinto que estão cada vez mais livres para o amor e ainda não habilitados para vivê-lo plenamente.

P. — *Por que menos habilitados?*

RF. — Estão ficando livres mas não sabem o que fazer com o amor. O terapeuta, muito menos. Acho que os jovens conquistaram a relação sexual mais cedo, o que é ótimo, é sadio, e talvez devam isso, em parte, à Psicologia. Só que estão tendo dificuldades em sentir e desenvolver o amor. E a Psicologia não pode ajudá-los nisso. A conquista e manutenção do amor, acho eu, se faz mais com Política que com Psicologia.

P. — *Você acredita poder ajudar a melhorar as condições para o amor se desenvolver nos jovens?*

RF. — O somaterapeuta procura equilibrar energeticamente a pessoa para melhorar sua vida afetiva e criativa, sua produção no meio social. Quanto ao amor, nada sei, nem quero saber. Estou torcendo pelas novas formas de viver política e existencialmente o cotidiano que vejo os jovens corajosos experimentarem. Torço para que o heroísmo tesudo das novas formas de acasalamento propicie mais chances para o amor. Às vezes eu digo que torço, mas isso não quer dizer que eu esteja de fora. Eu também fiz e faço minhas

experiências revolucionárias nos relacionamentos afetivos. Pago preço alto às vezes. Mas acho que valeu e vale a pena. Essas experiências são a minha esperança e o meu alento, pois de vez em quando posso saborear uma ou outra migalha do amor que nos está reservado.

P. — *E da AIDS, o que você acha? Não tem medo?*

RF. — Medo? Sim. É uma ameaça de morte pessoal e coletiva. Mas é uma doença que se pega amando, mais freqüentemente. Então, perco o medo e encaro a AIDS como qualquer coisa que tenta nos impedir de amar livremente. Antes a morte que a impossibilidade do amor. Por outro lado, como qualquer outra doença, a AIDS necessita, para ser combatida e eliminada, de uma séria e responsável política financeira para que se descubram e desenvolvam processos profiláticos e terapêuticos eficientes. Assim, talvez a AIDS, finalmente, ensine o homem a desviar as imensas verbas destinadas à guerra nuclear e aos inúteis passeios espaciais, para a descoberta de como eliminá-la. Sim, porque a fome mata mais seres humanos do que a AIDS e nunca nos sensibilizamos com isso, prosseguindo na caríssima corrida nuclear e espacial. Talvez essa insensibilidade derive do fato de que a fome só atinge a classe pobre, e são da classe média e rica as pessoas que manipulam os recursos financeiros de alcance mundial. Agora, com a AIDS, a situação se inverte, pois estão sendo mais atingidas as pessoas de classe média e alta. Hoje a AIDS não ataca mais só pessoas com um determinado tipo de relacionamento sexual e seu poder se alastra ameaçando toda a humanidade, levando a miséria e a morte também aos que não passam fome e impedem a maioria de poder comer. Parece que a AIDS democratizou nossa miséria. E não importa de onde venha a

justiça social, ela será sempre bem-vinda, se for a tempo.

P. — *Você, então, é um otimista?*

RF. — Sim, talvez. Não tenho culpa de nem tudo estar perdido.

Terceira parte

O tesão da nossa esperança

12

Em 1985 foi realizado em Curitiba um Congresso sobre Ecologia e Constituinte. Convidado a participar, preparei um texto que foi ouvido por muito poucas pessoas, raros jovens e que não causou o menor interesse. Apenas ouvi longas e ensebadas críticas ao que se considerou o utopismo ingênuo dos anarquistas. Além disso, os organizadores do Congresso me avisaram, ao fim dos trabalhos, que, por seu caráter marginal, meu trabalho não seria incluído na publicação a ser feita com as demais contribuições.

O conteúdo da palestra e a maior parte de seu texto foram extraídos do livro Por uma sociedade ecológica, do pensador anarquista norte-americano Murray Bookchin. Para mim essa obra é a que melhor exprime a ideologia e o projeto do anarquismo contemporâneo mais radical e mais tesudo, do qual me sinto parte e participante. Daí a ausência de aspas separando seu texto dos meus comentários, porque não existem aspas entre os nossos pensamentos e entre as nossas formas de luta e de paixão libertários. Entretanto, para os que se preocupam com a propriedade intelectual, aqui fica registrado o crédito e a cumplicidade do discípulo ao seu mestre.

Segue, na íntegra, a palestra de Curitiba que, a meu ver, permanece inédita. Com ela fecho também o livro, propondo, com Murray Bookchin, o anarquismo ecológico como o único tesão e a verdadeira solução para a nossa esperança.

Em quase todos os períodos que se seguiram ao Renascimento, o pensamento revolucionário foi sempre fortemente influenciado por algum ramo da ciência, freqüentemente junto com uma escola filosófica. A astronomia, em tempos de Copérnico e Galileu, ajudou a modificar as idéias do mundo medieval, infiltradas pela superstição, abrindo caminho para uma concepção impregnada do racionalismo crítico, abertamente naturalista e humanista em seu enfoque.

No período histórico que culminou com a Revolução Francesa, este movimento de idéias foi reforçado pelos progressos da mecânica e das matemáticas. A era vitoriana foi atingida em suas bases pelas teorias evolucionistas na biologia e na antropologia, pelas contribuições de Marx à economia política e pela psicologia de Freud.

Em nosso tempo assistimos à assimilação dessas ciências, antes liberadoras, pela ordem social estabelecida. Começamos, inclusive, por ver na própria ciência um instrumento de controle sobre os processos mentais e o ser físico do homem. Por isso, penso como Abraam Maslow, quando ele diz que “muitas pessoas sensíveis, especialmente artistas, têm a impressão de que a ciência suja e deprime, separa as coisas em lugar de integrá-las; isto é, mata em lugar de criar”. Mais importante que isso, me parece que a ciência vem perdendo sua perspectiva crítica. Decididamente funcionais ou instrumentais, os ramos da ciência que alguma vez romperam as correntes que aprisionam o homem são utilizadas, agora, para perpetuá-las e reforçá-las. A própria filosofia inclinou-se ante o instrumentalismo, convertida em pouco mais que um corpo de fórmulas lógicas; tem mais afinidades com

um computador que com um revolucionário.

Há uma ciência, sem dúvida, que poderia chegar a restaurar o potencial liberador das ciências e filosofias tradicionais. Foi-lhe dado o nome bastante genérico de “ecologia”, termo atribuído a Haeckel, faz um século, para indicar “a investigação das relações totais do animal com seu meio ambiente orgânico e inorgânico”. Mas se a concebermos em um sentido amplo, a ecologia se refere ao equilíbrio da natureza. E, na medida em que a natureza inclui o homem, esta ciência trata basicamente da harmonização do homem com a natureza.

As explosivas implicações de um enfoque ecológico não se devem somente a que a ecologia esteja dotada intrinsecamente de uma condição crítica — e numa escala crítica que lhe invejariam os sistemas mais radicais da economia política — mas também por tratar-se de uma ciência integradora e reconstrutora. Este aspecto integrador e reconstrutor da ecologia, levado às suas últimas implicações, conduz diretamente ao território anarquista do pensamento social. Pois, em última análise, resulta impossível alcançar uma harmonia entre o homem e a natureza sem criar uma comunidade humana que viva em equilíbrio perdurável com seu meio ambiente natural.

Em Psicologia podem-se usar estas mesmas palavras para chegar a idêntica conclusão. Rompidos com o pensamento e metodologia oficiais da Psicanálise e da Psiquiatria institucional, embarcando na contracultura revolucionária do pensamento e vida de Wilhelm Reich, bem como na antipsiquiatria de David Cooper, Ronald Lang e Franco Bassaglia, chegamos a estruturar nosso próprio pensamento, organizado para a ação num processo terapêutico, a Somaterapia, cujos parâmetros fundamentais são a ecologia e o anarquismo.

Lamentavelmente, vivendo em sistemas políticos antinaturais, o homem parece um parasita tão intensamente destrutivo, que ameaça matar seu hóspede — o mundo natural — e finalmente a si mesmo. Mas qual seria a causa dessa capacidade destrutiva do homem? O que é que produz nele esse tipo de parasitismo que não só conduz a vastos desequilíbrios naturais, mas ameaça também a existência da própria humanidade? O que nós, psicólogos de formação política libertária, sabemos, é que os desequilíbrios produzidos pelo homem no mundo natural têm origem nos desequilíbrios do mundo social. E, indo mais fundo, podemos constatar que a noção de que o homem deve dominar a natureza emerge diretamente da dominação do homem pelo homem. A família patriarcal representou a semente da dominação nas relações nucleares da humanidade; a clássica fratura do mundo antigo entre espírito e realidade, ou melhor, entre a mente e o trabalho, foi o que a nutriu. Mas somente quando as relações próprias das comunidades orgânicas, feudais ou camponesas se dissolveram nas relações de mercado, o planeta todo foi reduzido à categoria de recurso explorável.

Esta tendência de séculos se manifesta com máxima intensidade no capitalismo moderno. Devido à sua própria natureza competitiva, a sociedade burguesa não só faz os homens se enfrentarem entre si, faz também a massa humana enfrentar o mundo natural. Assim como os homens se transformam em mercadorias, o mesmo sucede com todos e cada um dos aspectos do reino natural que devem ser manufaturados, comercializados desenfreadamente.

Daí deriva a chamada sociedade de consumo. As necessidades são elaboradas pelos meios de comunicação de massa, para criar uma demanda pública de mercadorias

perfeitamente inúteis, cada uma das quais foi criada cuidadosamente para se deteriorar ao cabo de um período de tempo previsto. O saque do espírito humano pelo mercado é comparável e paralelo ao saque da Terra pelo capital.

Apesar das preocupações que se tem hoje sobre o crescimento da população, as chaves estratégicas da crise ecológica não devem ser buscadas no crescimento demográfico da Índia e sim no crescimento de produção dos Estados Unidos, um país que produz mais da metade dos bens do mundo. Com a nona parte de sua capacidade industrial dedicada à produção bélica, os Estados Unidos estão literalmente pisoteando a Terra e destruindo ligações ecológicas que são vitais para a sobrevivência da humanidade.

Em síntese, analisando a forma pela qual a humanidade caminha para a autodestruição, os ecologistas observam que se está praticando o que eles chamam de reversão da evolução orgânica natural. Isto como resultado de insalváveis contradições entre a cidade e o campo, o Estado e a comunidade, a indústria e a agricultura, a manufatura de massas e o artesanato, o centralismo e o regionalismo, a escala burocrática e a escala humana.

Até há pouco tempo, as tentativas de resolver as contradições geradas pela urbanização, a centralização, o crescimento burocrático e a estratificação foram consideradas uma resistência vã, quimérica e revolucionária. Via-se o anarquista como um infeliz visionário, um marginalizado social nostálgico do campesinato ou da comuna medieval. Seus anseios por uma sociedade descentralizada e uma comunidade humanística, em harmonia com a natureza e as necessidades reais dos indivíduos — o indivíduo espontâneo, sem sujeição à

autoridade — eram recebidos como reações de um romântico, de um artesão sem classe, de um intelectual desgarrado. Seu protesto contra a centralização e a estatização convencia pouco, porque se apoiava basicamente em considerações éticas: noções utópicas, ostensivamente “não realistas” sobre o que o homem *poderia ser* e não sobre o que *era*. Como resposta, os inimigos do pensamento anarquista — liberais, direitistas e esquerdistas autoritários — proclamavam-se porta-vozes da realidade histórica, posto que suas noções estatizantes e centralistas tinham as raízes no mundo prático e objetivo.

Todas essas críticas ao pensamento anarquista não podem mais ser feitas hoje, pois os Estados autoritários e burocráticos que se seguiram à revolução industrial, por mais libertadoras e progressistas que sejam as funções que cumpriram no passado, converteram-se agora em Estados regressivos e opressores. Não são regressivos apenas porque corroem o espírito humano e esvaziam a comunidade de sua coesão, solidariedade e modos ético-culturais.

Nunca insistiremos demais para o fato de que os conceitos anarquistas de comunidade equilibrada, democracia cara-a-cara, tecnologia humanística e sociedade descentralizada — estes ricos conceitos libertários — não são apenas desejáveis, como são necessários. Não apenas pertencem às grandes visões do futuro humano: constituem-se agora nos pré-requisitos básicos da sobrevivência do homem. O processo da evolução tirou-os da dimensão ética, subjetiva, instalando-os no plano objetivo e prático. O que alguma vez se considerou coisa de visionário, agora resulta em coisa eminentemente prática. E o que antes se tinha por prático e objetivo, tornou-se eminentemente pouco prático e irrelevante em função do desenvolvimento humano em direção a

uma existência mais plena e livre. Se assumirmos as exigências de comunidade, democracia direta, tecnologia humanística libertadora e descentralização, certamente encontraremos muita gente, como nós, acreditando na viabilidade da sociedade anarquista. Iluminado por essas idéias, passei a acreditar na presença, já entre nós, dos protomutantes, o homem novo e vindo do futuro, e escrevi o romance *Coio* para saudá-los.

Uma recusa ao atual estado de coisas é o que inspira, a meu ver, o explosivo crescimento de um anarquismo entre a juventude de hoje. O amor dos jovens pela natureza é uma reação contra as características essencialmente sintéticas de nosso meio urbano e seus vis produtos. Sua informalidade em vestir-se e em seus costumes descontraídos são uma reação contra o formalismo, a estandardização da vida moderna. Sua predisposição para a ação direta é uma resposta à burocratização e centralização da sociedade. Sua tendência à marginalização, à recusa do trabalho e da competitividade, reflete uma indignação crescente contra a insensata rotina industrial instaurada pela manufatura de massa nas fábricas, escritórios e universidades. Seu intenso individualismo constitui, na sua maneira elementar de ser, uma descentralização *de fato*, da vida social: uma retirada pessoal da sociedade de massa.

Antes de prosseguir, desejaria fazer uma distinção clara e objetiva do que significa ecologia para nós, sobretudo destacando-a definitiva e radicalmente do que se chama *ambientalismo*, coisa que interessa, de modo cínico, aos causadores diretos da degradação da vida humana. Diante de uma sociedade que não só contamina o planeta numa escala sem precedentes, além de minar seus próprios fundamentos bioquímicos mais essenciais, creio que os ambientalistas não colocaram o problema estratégico da

instauração de um equilíbrio novo e duradouro com a natureza. Podemos nos contentar com obstaculizar às vezes uma central nuclear ou a poluição industrial de um rio? Perdemos de vista o fato essencial de que a degradação do meio ambiente responde a causas infinitamente mais profundas que os erros e os maus propósitos dos industriais e do Estado; perdemos de vista que os intermináveis discursos sobre a ameaça apocalíptica que nos é imposta pela contaminação e expansão industrial, ou o crescimento demográfico, não fazem mais que dissimular um aspecto muito mais fundamental da crise da condição humana, aspecto que não se limita à tecnologia ou aos valores morais, mas que é profundamente social? Mais do que destacar novamente a amplitude da crise do meio ambiente ou lançar-me à fácil denúncia do quanto é rentável a contaminação, ou responsabilizar, inclusive a um abstrato “nós” pela excessiva natalidade, ou a determinada indústria pela grande quantidade de produtos que lança de determinado tipo, queria colocar a questão de saber se a crise do meio ambiente não está ligada à mesma estrutura original da atual sociedade, se as transformações que implica a criação de um novo equilíbrio entre o mundo natural e o mundo social não exige uma reestruturação fundamental e mesmo revolucionária da sociedade segundo princípios ecológicos.

A ecologia, a meu ver, propõe uma noção mais ampla da natureza do que supõe o ambientalismo, bem como da relação da humanidade com o mundo natural; considera o equilíbrio da biosfera e sua integridade como um fim em si. Se vale a pena cultivar a diversidade da natureza, isso não se deve unicamente ao fato de que quanto mais diversificados estejam os elementos constitutivos de um ecossistema, mais estável será esse ecossistema; vale a pena, além disso, buscar a diversidade por ela

mesma, porque representa a realidade natural da espontaneidade e da liberdade do mundo vivo.

Estas concepções, reunidas dentro de uma totalidade que poderíamos expressar mediante a unidade na diversidade, a espontaneidade e a complementaridade, não apenas constituem as conclusões a que chega a ecologia, essa ciência artística ou essa arte científica, mas expressam também de forma sintética a percepção do nosso lento emergir do mundo arcaico e do nosso ingresso em um novo contexto social. A idéia de que o destino do homem consiste em dominar a natureza deriva do domínio do homem sobre o homem — e também, de maneira mais primária, do domínio do homem sobre a mulher e do ancião sobre o jovem.

Essa mentalidade autoritária e hierárquica não tem raízes e é quase inexistente nas sociedades não hierarquizadas. Trabalhos antropológicos de Dorothy Lee, por exemplo, com índios da Califórnia, são muito interessantes a esse respeito.

Para concluir, acreditamos que só se vai restabelecer a harmonia em nossa relação com o mundo natural se reinar a harmonia na sociedade. A ecologia natural nos parecerá carente de sentido se não sairmos do marco estreito e árido dessa disciplina científica para fundar uma ecologia social que seja pertinente em relação à nossa época.

A sociedade do produzir por produzir nos coloca diante de uma alternativa de rigor extremo. O capitalismo moderno, muito mais que qualquer outra sociedade do passado, conseguiu fazer com que o desenvolvimento das forças técnicas alcançasse o seu mais alto nível, um nível em que finalmente poderíamos eliminar o trabalho enquanto condição essencial da existência da grande maioria dos homens e a insegurança enquanto característica dominante da vida social. Nos achamos hoje às portas de uma

sociedade que pode ignorar a escassez e fazer da igualdade entre os desiguais não mais a lei de um pequeno grupo unido por relações de parentesco, mas também a condição universal tanto da humanidade em seu conjunto quanto do indivíduo — cujos laços sociais se baseiam na livre associação e livre secessão —, e em afinidades pessoais e não mais nas obrigações de sangue. A personalidade autoritária, a família patriarcal, a propriedade privada, a razão repressiva, a cidade territorial e o Estado teriam já realizado sua obra histórica de implacável mobilização da humanidade, de desenvolvimento das forças produtivas e de transformação do mundo. Na atualidade, estas instituições e estes modos de consciência são totalmente irracionais; estes “males necessários”, segundo Bakunin, tornaram-se males absolutos. A crise ecológica de nossa época demonstra que os meios de produção desenvolvidos pela sociedade hierárquica, e em particular pelo capitalismo, se tornaram demasiado poderosos para servir de meio de dominação.

Temos, pois, de criar uma sociedade ecológica — não somente porque é algo desejável, mas porque tornou-se tragicamente necessário. Temos de começar a viver se queremos sobreviver. Uma sociedade com essa índole implica numa mudança radical de todas as tendências que caracterizaram o desenvolvimento histórico da tecnologia capitalista e da sociedade burguesa: a especialização extrema das máquinas e do trabalho, a concentração de homens e recursos em aglomerações e empresas industriais gigantescas, o estatismo e a burocratização da existência, o divórcio entre campo e cidade, a transformação da natureza e dos seres humanos em objetos.

Uma mudança tão total exige, a meu ver, que comecemos descentralizando nossas cidades e fundando comunidades

completamente novas, que se adaptem estreitamente e, de certo modo, esteticamente, ao ecossistema escolhido. Assinalamos que descentralização não significa que a população se esparrame arbitrariamente pelo campo, tanto à base de famílias isoladas quanto de comunidades contra-culturais — apesar do papel vital que estas possam desempenhar. Ao contrário, temos de recuperar a tradição urbana dos antigos gregos, aquela da cidade que possa ser compreendida e dirigida por seus habitantes, e criar uma nova *polis*, ajustada às dimensões humanas.

Creio que essa comunidade anularia a ruptura entre o campo e a cidade, até entre mente e corpo, pois operaria a fusão do trabalho manual e do trabalho intelectual, da indústria e da agricultura, graças à rotação ou à diversificação das tarefas.

É de se esperar que estas ecocomunidades e sua tecnologia adaptada às dimensões do homem abram uma nova era de relações de indivíduo a indivíduo e de democracia direta, e permitam um tempo livre graças ao qual, à maneira dos gregos, a população seja capaz de dirigir os assuntos da sociedade prescindindo da mediação de burocratas e profissionais da política. Assim ficariam anuladas e superadas as separações operadas pela hierarquia no corpo social há tanto tempo. Assim se reconciliariam e se readmitiriam, numa síntese humanista e ecológica, os sexos, as classes de idade, a cidade e o campo, o governo e a coletividade, o corpo e a mente, atualmente cindidos e opostos. Surgiria assim um ecossistema baseado na unidade dentro da diversidade, na espontaneidade, em relações não hierarquizadas, em trabalho criativo, em autogestão. Nosso esforço tenderia a realizar primeiro em nossas próprias cabeças a reintrodução da mente no mundo natural; logicamente não através de um retorno aos mitos da era arcaica, mas mediante um

movimento que faça da consciência humana o lugar apto para que o mundo natural chegue a ser consciente de si mesmo, criador de si mesmo, e a viver informado por uma racionalidade não repressiva que só pretendesse alimentar a diversidade e a complexidade da vida.

Mas a transformação que precisa ocorrer deve ser tão radical e tão completa que faça explodir inclusive as noções de revolução e de liberdade que herdamos. Não podemos nos contentar com novas técnicas que permitam conservar e enriquecer o meio ambiente natural; devemos nos encarregar da terra de maneira comunitária, como coletividade humana, e romper as travas da propriedade privada, que falsearam nossa visão de vida e da natureza desde que abandonamos a sociedade tribal. Devemos eliminar não apenas a hierarquia burguesa, mas a hierarquia como tal; não apenas a família patriarcal, mas *todos* os modos de dominação sexual e paterna; não apenas a classe burguesa e seu sistema de apropriação, mas também as classes sociais e todas as formas de propriedade. A humanidade há de tomar posseção de si mesma, tanto a nível individual quanto coletivo, de modo a que qualquer ser humano disponha verdadeiramente de sua sorte cotidiana. A revolução que aspiramos deverá subverter não apenas as relações econômicas, mas também a consciência, a vida cotidiana, os desejos eróticos e o sentido da vida.

Gostaria de me apropriar de algumas passagens do manifesto do Ecology Action East, dos Estados Unidos, para manifestar também aqui solidariedade à revolução da vida cotidiana (como já realizei em meu livro com Fausto Brito, *Utopia e paixão*).

Proponho a luta pela libertação das mulheres, das crianças, dos homossexuais de ambos os sexos, dos negros, dos colonizados

e dos trabalhadores de toda condição, porque essas lutas se inscrevem na luta global que se vai intensificando contra as tradições e as instituições imemoriais da dominação, pois são essas tradições e essas instituições que estruturam as atitudes destruidoras com relação ao mundo natural. Proponho as comunidades libertárias e os combates pela liberdade onde quer que surjam; me manifesto solidário com qualquer esforço que favoreça o desenvolvimento espontâneo e autônomo dos jovens; condeno qualquer tentativa de reprimir a sexualidade humana e a erotização da vida. Me associo a todas as buscas para criar um modo de vida e de trabalho estético e alegre; me associo a todas as reivindicações pelo direito de gozar cotidianamente as belezas da natureza, o de manter com os outros uma relação de prazer imediato e sensual.

Acrescento ainda ao manifesto a luta pelo direito consciente e responsável das pessoas na busca do aumento da sua percepção, da sua alegria e do seu prazer através de substâncias cientificamente provadas como inocentes à saúde e que não criem dependência psicológica. Refiro-me a substâncias naturais, como a maconha por exemplo, menos tóxica que o tabaco e o álcool (liberados legalmente), bem menos tóxica que as substâncias químicas que poluem o ar, a terra, a água e os nossos alimentos, e que somos obrigados a ingerir à nossa revelia, portanto sem liberdade e sem responsabilidade pessoal.

Essa a minha utopia, uma utopia que adotei face ao fracasso tanto do capitalismo quanto do socialismo autoritário na descoberta de soluções para a manutenção da vida humana; não encontrei outra saída que não seja a de lutar revolucionariamente pela “Utopia, já”, ou seja, descobrir de que maneira convencer os homens da não existência de outra saída que não seja a busca

imediate da ecossociedade anarquista, da consciência libertária. E, para isso, a Psicologia contemporânea teria um papel importante. Com essa finalidade nasceu a Somaterapia, que desenvolvi baseado em princípios ecológicos e anarquistas, a serviço do tesão revolucionário dos protomutantes de nosso tempo.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Livros de Roberto Freire

Títulos com a TRIGRAMA EDITORA

CLEO E DANIEL, romance (1967)
COIOTE, romance (1986)
AME E DÊ VEXAME (1987)
SOMA - UMA TERAPIA ANARQUISTA, vol. 1, A Alma É o Corpo (1988)
SOMA - UMA TERAPIA ANARQUISTA, vol. 2, A Arma É o Corpo (1991)
SOMA - UMA TERAPIA ANARQUISTA, vol. 3, Corpo a Corpo (A Síntese da SOMA) (1993)
SEM TESÃO NÃO HÁ SOLUÇÃO (1990)
UTOPIA E PAIXÃO (1991)
HISTÓRIAS CURTAS E GROSSAS, contos, vol. 1 e vol. 2 (1991)
A FARSA ECOLÓGICA (1992)
3/4 (1993) (teatro)
OS CÚMPLICES, romance, vol. 1 e vol. 2 (1995 e 1996)
PEDAGOGIA LIBERTÁRIA (1996)

Títulos com outras editoras:

AS AVENTURAS DE JOÃO PÃO, ficção infantil, Editora Moderna (1994)
Moleques de Rua
Domadores, Mágicos e Ladrões
O Milagre da Santa Chorona
A Revolta dos Meninos
A Fórmula da Esperança

O TESÃO E O SONHO, romance, Editora Moderna

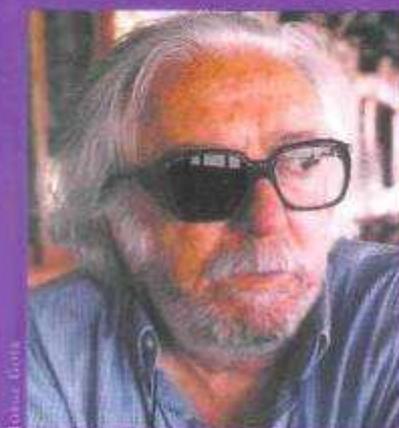
TESUDOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!, Editora Siciliano (1995)

LIV E TATZIU, romance, Editora Globo (1999)



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Johanna Kroll

Descobri que é chegada a hora de acrescentarmos ao tempo e ao espaço mais uma dimensão fundamental à vida no universo: o tesão.

Porém, não me refiro ao tesão do Aurélio, mas sim ao do Caetano, por exemplo. Para mim esse tesão não habita dicionários oficiais; entretanto, é o que anima e encanta os poetas tropicais.

Tesão sem passado, apenas contemporâneo e vertical, ele é produto semântico e romântico dos que sentem desejo pelo desejo, alegria pela alegria e beleza pela beleza. Mas pode ser ainda tesão de quem sente desejo pela alegria, beleza pelo desejo e alegria pela beleza.

Sem tesão não há solução, além disso, é também um livro confessional. Por meio de entrevistas, confesso-me anarquista graças a Eros, poeta apenas de expressão corporal, romancista das sujeiras humanas cristalinas, terapeuta somente de mutantes e de coiotes, revolucionário por vocação herética, drogado assumido, público e autônomo.

Termino o livro com uma profecia anarcoecológica, em forma de manifesto: *Tesudos de todo o mundo, uni-vos.*

ROBERTO FREIRE

ISBN 85-87972-02-2



9 788587 972026



TRIGRAMA